

A vingança é minha



Marie
NDiaye

...

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



A vingança
é minha

Marie
NDiaye

...



Marie NDiaye

A vingança é minha

tradução
Marília Scalzo

todavia

Capa
Folha de Rosto

A vingança é minha

Autora

Créditos

Guide

Capa
Página de título
Página de Título
Contribuidores
Página de Direitos Autorais.
Notas de fim

O homem que entrou tímido e quase amedrontado em seu escritório, no dia 5 de janeiro de 2019, dra. Susane logo soube que já o encontrara, havia muito tempo, e essa lembrança voltou à sua mente de forma tão clara e brutal que ela teve a impressão de ter sido golpeada na testa.

Sua cabeça tombou ligeiramente para trás, de modo que não conseguiu responder de imediato ao bom-dia do visitante — um murmúrio constrangido —, e um incômodo se instalou entre eles mesmo depois de a dra. Susane se recompor e cumprimentá-lo amavelmente, sorridente, cordial, tranquilizadora, como fazia questão de se apresentar a qualquer pessoa que fosse a seu escritório.

Esfregou a testa duas vezes, involuntariamente, achando que havia ali uma ferida escondida, e depois não pensou mais nisso.

Quando, à noite, sentada em sua cama, ela levantasse de novo a mão lenta e pesada na direção da testa e interrompesse o gesto, pois não sentia nenhuma dor de verdade, se lembraria subitamente de como ficara incomodada vendo entrar em seu escritório aquele homem discreto, pequeno, insignificante tanto de rosto como de corpo.

Foi grande a surpresa: por que havia sentido dor e não alegria?

Por que, convencida de estar revendo, trinta e dois anos depois, alguém que a encantara, teve a impressão de que queriam matá-la?

Dra. Susane ouviu por um bom tempo Gilles Principaux, pensando várias vezes: Conheço você e conheço sua história, embaralhando assim a certeza de ter tido uma relação anterior com aquele homem e o que ela sabia, por ter lido nos jornais, sobre o grande infortúnio que o atingia.

Em nenhum momento, durante a reunião, ele permitiu que ela percebesse se ele se lembrava de tê-la encontrado antes, e nem mesmo se aquela lembrança distante influenciara sua decisão de procurá-la.

Afinal, de que casos importantes poderia se vangloriar dra. Susane?

O que poderia ter levado, se perguntava, um homem rico, devastado, porém lúcido, a escolher a dra. Susane para defender sua mulher, além de, talvez, uma nebulosa, supersticiosa fidelidade a momentos

luminosos que teriam vivido?

No entanto, Principaux não lhe disse nada sobre as razões confusas, ou mesmo tolas, de sua escolha.

Dirigiu a dra. Susane um olhar, no início fugidio, que foi se tornando cada vez mais seguro à medida que respondia a suas perguntas, e dra. Susane, apesar dos esforços, não conseguiu descobrir naquele olhar fixado em seu rosto a menor suspeita de um: Conheço você.

Como não podia perguntar: Por que o senhor veio me procurar, justo eu, que não sou uma advogada de renome em Bordeaux, levando em consideração a gravidade do caso?, informou-o de que sua mulher, Marlyne Principaux, indiciada, deveria aceitar oficialmente que dra. Susane a representasse.

Ela estava de acordo?

— Claro — ele respondeu, como se fosse tão óbvio, e de modo tão seco, tão antipático e com o rosto tão contraído que, por um segundo, dra. Susane duvidou ter diante de si aquele homem de quem nunca se esquecera.

— Nem Marlyne, nem eu gostamos do dr. Lasserre, atual advogado da minha mulher — disse Principaux quando chegou. — Decidi então que vamos trocar de advogado, para o bem de Marlyne.

No momento em que Principaux levantou-se para sair, ela perguntou se ele havia morado, antigamente, no bairro de Caudéran.

— Sim — disse ele —, quando era jovem, por quê?

Ele então sorriu, e seu rosto se animou alegremente, puerilmente, de repente dotado de um encanto que a dra. Susane notou muito mais rápido do que quando aquele mesmo rosto lhe pareceu, um minuto antes, para sua enorme decepção, quase desagradável.

Mas por que deveria ficar decepcionada por Principaux ser aquele de quem se lembrava ou por ele não ter nada a ver com aquilo?

Pega de surpresa, respondeu-lhe que conhecera na infância uma família de Caudéran.

Nem precisou ouvi-lo exclamar: Há muitas por lá! para se dar conta do absurdo de sua própria resposta.

De fato, muita gente vivia em Caudéran.

Quem era, para ela, Gilles Principaux?

Como saber, como confiar naquela intuição exaltante, dolorosa, inquietante que dizia ser ele o adolescente por quem se apaixonara perdidamente, numa casa de Caudéran, e que agora era incapaz de

reconhecer?

Dra. Susane pegou-se gaguejando.

— Como se chamava essa família? — perguntava Principaux visivelmente empolgado, como se já se alegrasse com a possível ligação entre ele e essa família, ou até, pensou ela, como se ficasse feliz com a perspectiva de inventar, se fosse preciso, e de tornar plausível uma ligação entre ele e essa família, para dar à dra. Susane o prazer de uma convivência, de uma relação entre todas as coisas.

— Não sei, não sei mais — murmurou dra. Susane.

Disse a ele, enfim, retomando seu tom de advogada, que aguardava a carta da sra. Principaux designando-a para sua defesa.

Abriu a porta, afastou-se para deixá-lo sair.

Ele então se apoiou no batente e, com uma voz moribunda, cavernosa, disse:

— Só você pode nos salvar.

Dra. Susane, mais tarde, duvidaria de sua memória, não conseguindo decidir se ele tinha dito “nos salvar” ou “me salvar”.

Ainda acrescentou uma frase banal, como:

— Você vai nos tirar desse pesadelo, não vai?

Aquilo também surpreendeu dra. Susane.

A esperança de ser arrancado das consequências de um erro judiciário atroz, de uma terrível confusão, ela podia entender.

Nesse caso específico, porém, o pesadelo não era fruto de nenhuma confusão, de nenhum mal-entendido, era a própria vida daquele homem e os atos que a destruíram, que aconteceram e não poderiam ser desfeitos, pois os mortos não sairiam de seus sonhos para nascer de novo.

Principaux, ela pensou, então queria ser despertado?

Será que acreditava mesmo que, no futuro, seus filhos poderiam correr para ele outra vez, numa manhã clara e diáfana, intactos, alegres e inocentes?

De que sonho exatamente ele queria, graças à dra. Susane, se ver libertado?

Quando voltou para casa à noite, a chuva congelante havia interrompido o serviço do bonde.

Na véspera, sentindo os sapatos escorregarem na calçada congelada, seu primeiro pensamento fora para Sharon.

Espero que tenha conseguido pegar o bonde a tempo, pensara dra. Susane, que não gostava de ver sua faxineira saindo de bicicleta na noite gelada.

Mas não pensava em Sharon naquela noite, dedicada a rememorar cada detalhe da visita de Principaux, ansiosa por constatar que algumas palavras pronunciadas por ele não haviam se fixado rigorosamente em sua memória (tinha dito “minha mulher” ou “minha esposa”, tinha dito o nome dela ou dra. Susane achava que se lembrava por ter lido o nome Marlyne no jornal?), e apressada para chegar logo a seu apartamento e anotar tudo o que ainda guardava na mente.

Quem era Gilles Principaux para ela?

Assim, ao abrir a porta e descobrir o corredor, a sala, a cozinha totalmente, ostensivamente, iluminados, teve uma rápida reação de medo, pois esquecera que Sharon poderia ainda estar ali, apesar de o bonde não estar funcionando e de a dra. Susane sempre lhe dizer que poderia sair na hora que fosse mais conveniente, estivesse o trabalho (tão pouco, na verdade) terminado ou não.

Dra. Susane sempre disse ou deu a entender a Sharon que preferia vê-la tomando conta de seus filhos de maneira tranquila, ajudando-os em seus deveres e pensando cuidadosamente em seu futuro a encontrá-la em sua casa tarde da noite.

Isso me incomoda, não ousava dizer dra. Susane, que você julgue indispensável esfregar uma banheira em que nunca entro, limpar semanalmente vidros limpos, através dos quais, por sinal, meu olhar nunca passa, e lavar vasos sanitários que higienizo escrupulosamente todos os dias para que você não precise sofrer o menor contato com minha intimidade, sim, não ousava lhe dizer dra. Susane, me incomoda enormemente que tome ao pé da letra meu desejo de empregar alguém que cuide da minha casa e que, por honestidade, ache um meio de passar horas refazendo obsessivamente o que já fiz, por decência, por pudor, isso me incomoda, sim, dra. Susane não podia dizer a Sharon que nunca sentira a necessidade de ter uma faxineira, e confessar ter, em relação a esse tipo de necessidade, um inegável preconceito.

Sharon, emprego você por militância, para ajudá-la e para favorecer uma causa que defendo, então não é necessário que se mostre escrupulosa, proba, irrepreensível, como se acreditasse que eu não pudesse estar satisfeita com você, sempre estarei, Sharon, pois na verdade não lhe peço nada, não lhe dizia isso dra. Susane, por decência também, se bem que de outra natureza.

Seu coração surpreso não se apaziguou quando Sharon veio a seu encontro no corredor.

Dra. Susane deu-lhe, como de hábito, um rápido abraço, e sentiu seu coração bater contra o peito mudo, tranquilo, imperturbável de Sharon, que nunca manifestava fisicamente, sempre forte, fatalista e alegre, que

sua vida pudesse ser mais difícil do que a da dra. Susane.

Ao contrário, parecia-lhe às vezes que Sharon tinha pena dela.

Em todo caso, dra. Susane conseguia transformar essa suposição em motivo de piada quando a convidavam para jantar e ela tinha, acreditava, que pagar sua parte com boas histórias, mesmo não recebendo outras em troca.

Dizia, então, inflamada e cínica, atrevida e aflita:

— Imaginem que minha Sharon não tem nenhuma inveja de mim, muito pelo contrário!

E seus amigos riam e depois pareciam sérios tentando analisar as razões que impediam Sharon de perceber como dra. Susane a ultrapassava em termos de felicidade, que impediam Sharon de entender que deveria querer ser dra. Susane em vez de ela mesma, mauriciana sem visto permanente, dotada, mas também sobrecarregada, de dois filhos com futuro incerto e de um marido que parecia para dra. Susane sofrer de depressão profunda.

Tudo isso não seria, porém, pura especulação?

Pois Sharon sempre trazia uma expressão serena e seu coração batia lento e quase imperceptível quando dra. Susane a apertava contra si, com seu próprio coração selvagem tentando em vão desencaminhar o de Sharon, trazê-lo para seu nível de ardor e de revolta — com que objetivo?

Dra. Susane não sabia dizer.

— Sharon, você devia ter ido para casa, não tem mais bonde esta noite.

Dra. Susane apagou as furiosas luzes do teto.

Sharon, não é necessário acender todas as luzes do apartamento, também não lhe dizia dra. Susane, pois esse tipo de respeito em relação a mim, essa solicitude que você acha que deve dedicar a sua patroa que chega tarde e cansada, iluminando com mil luzes sua chegada, não condiz com meu espírito de frugalidade, de economia, de temperança nos mínimos atos da vida cotidiana, não, Sharon, de verdade, acenda apenas as lâmpadas indispensáveis para seu trabalho, não lhe diria nunca, jamais, dra. Susane.

Sentia tamanha afeição por Sharon que suas pequenas irritações não lhe pareciam merecer o risco de ver surgir, nos olhos verde-acinzentados da jovem, a sombra de uma decepção ou de alguma ansiedade.

O que abatia dra. Susane era que Sharon pudesse temer qualquer coisa que viesse.

Trabalho para você, Sharon, nunca infligirei a você a menor

humilhação e não lhe dou nenhuma ordem, dizia calada dra. Susane, na expectativa de que os pensamentos caridosos, impetuosos, fervorosos saíssem de sua cabeça como ovos prontos para eclodir: então os sonhos de Sharon, suas emoções desconhecidas se uniriam às declarações silenciosas da dra. Susane e ela experimentaria talvez uma esperança, resultado da fusão virginal, indizível da angústia e da confiança.

Nunca vou decepcioná-la, Sharon, acredite em mim, pensava intensamente dra. Susane.

— Vou levá-la em casa — disse a Sharon.

E acrescentou, vendo a súbita inquietação da outra:

— Acabei de dizer, o bonde não está circulando, os trilhos congelaram.

— Não precisa, obrigada, tenho minha bicicleta e não dá para levar no carro — respondeu Sharon.

Por que ela sempre passava para dra. Susane a impressão de que não queria nenhum tipo de relação fora das paredes do apartamento?

Será que acreditava, e temia (e por quê?), que dra. Susane quisesse se tornar sua amiga?

Dra. Susane não pretendia uma coisa dessas de jeito nenhum.

No entanto, uma vez, cruzou com Sharon e seus filhos num supermercado, e o fato de Sharon ter claramente fingido não a ver deixou-a chocada.

Sharon, você não corre nenhum risco aceitando me reconhecer, me cumprimentando, me apresentando a seus filhos, que são como você em graça e beleza, como poderia fazer mal a vocês, como poderia desejar transformá-los em vítimas de qualquer feitiço?

Não tenho nenhum interesse, Sharon, em empregar você, isso me custa e não gosto de ser servida.

Quero apenas, Sharon, fazer o bem, a meu modo.

Dra. Susane tirou seu casaco respingado de gotas congeladas e o pendurou no cabide da entrada antes que Sharon pudesse pegá-lo.

A jovem, minúscula, com rosto, ombros e quadris estreitos, como se houvesse decidido ocupar um espaço bem limitado no mundo, ergueu para dra. Susane, que era grande e ampla, imponente e segura, seu olhar esverdeado e doce, atormentado.

— Levo você de carro — disse prudentemente dra. Susane —, e amanhã de manhã você pega o bonde e vem buscar sua bicicleta.

— Não! — gritou Sharon com uma espécie de desespero feroz, implacável, que desconcertou dra. Susane. — Não é bom para mim assim — retomou Sharon lentamente —, mas obrigada, obrigada, obrigada.

Dra. Susane levantou a mão, conciliadora e modesta, terrivelmente constrangida.

Então, esquecido o incidente (menos por dra. Susane, que tendia a se lembrar eternamente daquilo que não precisava ser lembrado e obliterava as lembranças mais prazerosas), Sharon pôs-se a descrever com uma voz alegre o que fizera em seu dia de serviço no apartamento bastante imponente (piso de tacos espinha de peixe, lareira do século XVII, altas janelas quadriculadas) da Rue Vital Carles, mas com tamanho medíocre, quarenta metros quadrados, provavelmente arrancados de um imóvel maior que existia antes e que fora dividido para se vender com mais facilidade.

Dra. Susane sabia que não havia nenhum motivo racional para a presença em sua casa de uma Sharon enérgica, cheia de coragem e entusiasmo, determinada a provar que sua força de trabalho era explorada de maneira útil, até necessária.

Dra. Susane sabia que não precisava do vigor, da juventude, das aptidões de Sharon, sabia que todas essas qualidades eram desperdiçadas em sua casa, onde não havia literalmente nada a fazer.

Mas como agir de outra forma?

Cuidava do processo de Sharon, do pedido de visto de permanência para toda a família.

— Certo, está bem, até amanhã — disse. — Obrigada, Sharon, cuidado na bicicleta.

Então segurou a mão pequena de Sharon, puxou-a para si, e disse:

— Sabe, vou pegar um caso grande. Uma mulher que matou os três filhos, novos, três crianças, veja bem.

Sharon puxou a mão com um gesto brusco, ao mesmo tempo que um salto para trás a protegeu da dra. Susane, de seu hálito, de suas palavras, de seu estranho entusiasmo talvez.

— Que horror — resmungou com uma voz recheada de repulsa e frieza.

E era tão claro como se, fechando os olhos, ela tivesse tapado os ouvidos com as mãos: Ah, não quero ouvir mais nada!

Virou-se, tirou a jaqueta do cabide, curvou-se para calçar as botas forradas.

Dra. Susane notou que a gola da jaqueta, leve demais para o inverno, não protegia o pescoço delicado, dourado e palpitante de Sharon.

Correu para seu quarto, de onde voltou com um cachecol de lã laranja.

A mãe da dra. Susane lhe dera, e ela nunca tinha usado, insegura a respeito de sua luz própria para ostentar aquele fogo no pescoço.

Sem uma palavra, amarrou-o no pescoço de Sharon.

Não digo nada, pois não quero, Sharon, que recuse meu cachecol, não quero discutir com você sobre o fato de que poderia pegar friagem esta noite voltando de bicicleta até Lormont.

Sharon permaneceu em silêncio também, deixando-se arrumar como uma criança impotente condenada a sofrer a inexplicável violência dos adultos, e dra. Susane podia ou acreditava sentir sob seus dedos, enquanto prendia as duas extremidades do cachecol no pescoço de Sharon, o frágil esqueleto da jovem tremer de medo ou de repulsa.

Se isso tivesse acontecido na véspera, ela teria ficado profundamente magoada.

O que será, Sharon, que impede você de gostar de mim, sendo que a trato com o maior respeito e cuido generosamente do seu caso, mesmo que você não vá pagar pelo meu trabalho? Não passa pela sua cabeça, Sharon, que eu poderia, para aceitar seu caso, exigir uma remuneração, e você ficaria só e desamparada, que você não tem dinheiro, eu não cuidaria do seu problema e não entraria nunca na sua vida? Como você pode, Sharon, não fazer nenhuma ideia dessa situação? Como pode ser a tal ponto corajosa e leviana, meticulosa e ingrata, impressionável em geral e tão seca em relação a mim? Não sou, Sharon, uma mulher assim como você?

Sim, ainda na véspera, o comportamento de Sharon a teria afetado tanto que ela teria comido com rancor e tristeza o jantar preparado por sua empregada.

Teria engolido amargor, tristeza, um prato de lágrimas, as suas, envergonhadas e humilhantes, incapaz de saborear os alimentos que Sharon sabia apresentar de maneira refinada, chateada demais até para se consolar pensando que Sharon não poderia cozinhar assim para alguém que odiasse — então Sharon não devia odiá-la e dra. Susane era tola e excessivamente sensível.

Naquela noite, deixou calmamente Sharon ir embora como sempre, de forma furtiva, tensa, hostil, como se houvesse entre elas um grave conflito não resolvido.

Fechou a porta e seus pensamentos logo divagaram para longe de Sharon.

Esquentou o arroz frito, os camarões com gengibre, o porco salteado no alho e as cenouras bem tenras.

E enquanto, concentrada em Principaux, esquecera Sharon ou, melhor, relegara Sharon a um canto de sua mente onde nada pesava, aproveitou o jantar como raramente fazia.

No entanto, mesmo que sempre tivesse um ótimo sono, naquela noite acordou com uma pergunta que não pararia de atormentá-la: por

que Principaux a procurara, de onde a conhecia?

Devia entender aquela escolha como um desejo de Principaux de que sua mulher tivesse a melhor defesa ou, ao contrário, como uma intenção pérfida de que não tivesse uma defesa tão boa?

Pois dra. Susane abriu seu escritório no ano anterior e tivera poucos clientes, casos desinteressantes.

No lugar de Principaux, disse a si mesma, procuraria o dr. * ou a dra. *, cujos sucessos em casos difíceis todos conheciam, e sem dúvida não a obscura dra. Susane, que, apesar de seus quarenta e dois anos, era praticamente uma novata.

Qualquer advogado reputado teria aceitado com prazer a defesa de Marlyne Principaux, enquanto dra. Susane, sabendo da história, teria se contentado em sonhar com ela.

Quem era Gilles Principaux para ela?

Quem era dra. Susane para Principaux?

Teriam ambos, perguntava-se, as mesmas lembranças ou nem ele nem ela eram a pessoa de quem o outro achava que se lembrava?

Pouco antes do amanhecer, no momento de voltar a dormir por umas duas horas no máximo, apareceu-lhe a imagem da graciosa Sharon pedalando para Lormont pelas estradas cobertas de gelo, correndo para voltar a um lar em que ela era, como entendia dra. Susane, o arrimo.

Então não pôde deixar de ver Sharon caída no chão, com sangue escorrendo da cabeça e encharcando o cachecol laranja que atestaria a brutalidade da dra. Susane — pois uma patroa naturalmente atenciosa teria insistido em manter abrigada sua funcionária, não teria ficado satisfeita em enrolar um cachecol em seu pescoço para lançá-la agasalhada em estradas perigosas, não é mesmo?

Dra. Susane virou-se várias vezes na cama.

Construía sua própria defesa: Queria que tivesse ficado, prontamente propus isso a ela, que recusou com aquele seu ar que parecia preferir morrer a...

Ninguém acreditaria numa versão dessas, ela estaria perdida, pensou dra. Susane, mergulhada num sentimento de tristeza e de imperícia que dominou seus sonhos até de manhã.

Então, às oito, estava na rua novamente, escuro ainda, caminhando contra o vento glacial até o estacionamento onde deixava seu carro.

Dra. Susane revelava uma pontinha de orgulho quando falava para os amigos que não ligava para o estado de seu carro, que conseguia muito bem dirigir um Twingo de vinte anos todo amassado, assim como tinha prazer em se mostrar indiferente a outros itens convencionais de

prestígio.

Dra. Susane não achava ruim que seus amigos a imaginassem assim: livre, divertida, um espírito independente — esperando em seu íntimo que tais apreciações a moldassem, obrigando-a a se ajustar a esse modelo para que se tornasse de fato uma mulher com um charme discretamente excêntrico.

Dra. Susane sabia que fantasiava esse assunto.

Sonhava poder comprar um carro bonito, grande, luxuoso.

Antipatizara com seu velho e simpático Twingo e sentia também que seus pais se incomodavam que ela ainda andasse num carro daqueles, quando queriam vê-la próspera, pois era assim que se apresentava a eles quando contava sobre sua vida e seus casos (*ah, como os amava!*).

Seus pais moravam em La Réole, onde dra. Susane passara a infância e a adolescência.

Que o sr. Susane, funcionário público, tivesse visto com bons olhos sua filha única ir para a universidade se deve ao fato de que lhe era evidente que ela se tornaria também uma servidora, e seu prazer, sua delicada fanfarrice de homem modesto consistia em dizer a esse respeito:

— Um dia ela vai ser minha chefe no trabalho, vai mandar em mim!

Sempre pareceu para dra. Susane que seu doce e amável pai não podia conceber sucesso maior do que uma mulher coordenando o trabalho de homens como ele.

Dizia de bom grado, orgulhoso e humilde:

— Ela sabe mais do que todos nós.

Uma ambição maior, confusa, dilacerada levou a sra. Susane a acompanhar tão de perto quanto possível os estudos da filha, encorajando-a, estimulando-a, mesmo que dra. Susane tivesse sofrido, quando jovem, com sua própria tendência a trabalhar em excesso, que não precisasse ser incentivada ou estimulada, que preferisse ser acalmada, contida em seu frenesi de trabalho e que as exortações da sra. Susane, ao mesmo tempo ternas, inquietas e desordenadas (pois não conseguia entender o que a filha estudava, só conseguia vislumbrar com um olhar assustado), frequentemente a tivessem levado à beira do esgotamento.

Dra. Susane sentira então com tristeza e angústia que tinha sido por muito pouco (seu amor infinito por eles? seu orgulho?) que não se deixara levar pelo que a mãe temia e tentava evitar que lhe acontecesse: o abandono das mais belas aspirações, o recuo para um curso medíocre, mais seguro, de acordo com seu nível social.

Ela os amava tanto!

Tão dolorosamente às vezes!

Eles a compreendiam profundamente, mas ainda assim muito pouco no que dra. Susane queria ser compreendida — em suas fraquezas corriqueiras, que eles não enxergavam, em seus medos, que não eram capazes de imaginar!

Ela os amava tanto, às vezes tão dolorosamente, que sonhava, aflita, infeliz e culpada, com o fim deles!

Amando-os tanto, como poderia agir de outro modo senão mentindo ou, ao menos, apresentando uma versão sedutora de sua existência, do mundo em geral, para poupá-los da dor da verdade?

Quem eram eles, se perguntava, contudo, dra. Susane, para serem poupados da dor da verdade, para serem protegidos de suas várias ignorâncias, preguiças e outras complacências religiosas em face da vida dura e verdadeira?

Ela os detestava às vezes por serem o tipo de gente de quem é preciso cuidar, proteger das dores apenas porque eram bons e emotivos.

Acolham meu coração atormentado, me consolem, recebam minhas queixas e saibam interpretar os sinais de uma aflição que me devora e que eu mesma ignoro — me ajudem como fazem os pais atentos!

Todos os pais atenciosos que dra. Susane conhecia tinham em relação aos filhos um olhar despido de ilusões.

Caminhavam ao lado deles pragmáticos e valentes, o braço sempre pronto para amparar uma queda, todos os conselhos guardados, e não havia lugar, nesse ofício, para decepção, nem no seu sentimento nem na sua expressão.

Dra. Susane, porém, nunca esquecia que uma informação dita distraidamente diante deles, uma reclamação, um arrependimento banal, podia transformar seus rostos abertos e risonhos, ingênuos e francos em máscaras de ansiedade.

Era tão pouco razoável que ela ficava impaciente e, logo, com pena.

Reconfortava-os, pensando: Quando eles por fim irão me reconfortar? Amar é isso? Me proibir, efetivamente, de falar das minhas fraquezas para vocês?

Mas eles a amavam tanto, ela sabia disso!

Ocorreria a eles, em seu amor incomensurável, às vezes desejar o repouso desse amor, o fim de dra. Susane?

Ela se dizia que compreenderia isso perfeitamente.

Naquela manhã, fria e ardente, como seguia para La Réole numa estrada em que transitavam muitos veículos bem mais potentes que o seu, e

tinha a impressão de ter que ficar encolhida na pista da direita para deixar que mobilizassem sua proeminência autoproclamada, ela pensava mais uma vez que, não fosse aquela história do carro que a impedia de mentir, o sr. e a sra. Susane estariam totalmente dispostos a ser persuadidos de que a carreira da filha era vicejante.

Podia lhes contar o que quisesse.

Ela trabalhara em um grande escritório em Bordeaux e decidira, havia dois anos, montar um só para si, empreender, como diziam seus pais sem ter a menor ideia do que deveriam pensar de tal iniciativa.

Eles se fiavam no carro, sabia dra. Susane.

Os modelos e a marca eram para eles o padrão indiscutível do sucesso ou do fracasso.

Eles tinham razão, tinham razão!

Dra. Susane tinha vergonha de querer trocar de carro.

Sentia, no entanto, que sua autoestima aumentaria, pois seus pais a amariam ainda mais.

Embora não soubessem de nada, não entendessem nada, enxergavam por entre o nevoeiro de sua reflexão: o escritório de dra. Susane não ia muito bem.

Não era natural que, desapontados como ainda estavam os únicos pais que ousavam se comportar assim, manifestassem por dra. Susane uma ternura renovada e olhassem seu velho Twingo com constrangimento, como roupas mal lavadas, pensava dra. Susane, um indício de que a filha não levava a vida com o rigor que eles lhe haviam ensinado?

Estacionou no cais, longe o suficiente da casa deles para que não vissem o carro pela janela (acontecera de esquecerem o assunto quando não estava diante de seus olhos), depois subiu a extenuante escada que levava à cidade velha.

Passou por ruas estreitas e escuras.

O amanhecer cinzento mal se distinguia da madrugada.

A casa de seus pais ficava no fundo de um beco que terminava em um muro de concreto — aquela casa tão amada, a incomparável casa de sua infância radiante!

A ideia de lar perfeito nascera ali mesmo para dra. Susane e depois se irradiara por todas as fibras de seu ser durante sua juventude nesse lugar, que, no entanto, ela acabou por entender, era bem pouco invejável, estreito, escuro, úmido.

Até o dia em que foi com a mãe a uma casa em Caudéran, sua morada de La Réole tinha sido um lugar encantado para ela.

Não passou a amar menos o local ao voltar de Caudéran, mas

percebeu, com os olhos de repente abertos, que outras casas eram lugares encantados, e com uma intensidade consideravelmente maior.

Quem era Gilles Principaux para ela?

Como Principaux podia ter saído de um Caudéran idílico para se encontrar na cena de horror que ela havia lido nos jornais?

E, perguntava-se enquanto batia na porta da casa dos pais, se o horror tinha nascido da maravilha, e se ele tinha escolhido justamente a esposa que deveria castigá-lo por ter crescido em um conto de fadas?

Mas ela, dra. Susane, não estaria enganada em relação a esse indivíduo? *Quem era Gilles Principaux em sua história?*

Foi mais ou menos essa pergunta que fez à sra. Susane depois de ter tomado café e garantido a seus pais, surpresos com sua visita, que tudo estava muito bem em sua vida.

Na pequena cozinha que dava para o beco, sob a luz tremeluzente do lustre de opalina verde e ferro fundido, sentia-se serena e dona de seu tempo sempre que voltava a cruzar a porta da casa, mesmo tendo notado o costumeiro brilho de apreensão atravessar os olhos de seus pais assim que entrara.

Pareciam lhe dizer, constrangidos e nervosos: Estamos bem, estamos tranquilos, não queremos que você nos anuncie nada desagradável e ainda assim faz parte do nosso papel acolhê-la, receber suas más notícias, mas não queremos, rechaçamos isso com todas as nossas forças, foi por isso que tivemos apenas uma filha, você, a quem amamos, mas de quem às vezes preferimos não receber nenhuma notícia com medo de que seja ruim. Por isso invejamos às vezes uma certa paz de espírito: a dos casais unidos que tiveram a sabedoria (ou se resignaram com sabedoria) de não ter filhos, por meio dos quais sempre podem chegar más notícias ou decepções, até mesmo aberrações e relatos de cenas de horror, e de repente essa criança estrangeira, esse fruto de nosso desejo e de nosso amor-próprio, nos leva a pensar amargamente: Nada nos obrigava, fomos fracos e vaidosos e agora essa mulher, nossa filha, chega na nossa casa no alvorecer de um dia de inverno para anunciar alguma coisa que talvez vá tirar nossa serenidade para sempre.

Dra. Susane se lembraria de ter dito à mãe, fingindo não notar que ela ficara em alerta, alguma coisa como (tom brincalhão, leve):

— Mamãe, lembra, fui com você uma vez à casa de Caudéran onde você trabalhava, eu não tive aula e você teve que me levar, acho que eu tinha uns dez anos.

— Não sei, não lembro — respondeu lentamente a sra. Susane.

Ela assumiu uma expressão teatral, levantando os olhos para o lustre

de opalina e para a luz fria esverdeada, parecendo procurar suas lembranças, mordendo os lábios em sinal de esforço e de perplexidade.

— Trabalhei em muitas casas em Bordeaux, sabe, acabo confundindo tudo.

— Sim, claro — disse a dra. Susane. — Aquelas pessoas talvez se chamassem Principaux.

— Principaux como essa mulher que...?

— Sim. Era isso mesmo que eu estava me perguntando, se era a mesma família...

Nunca antes tinha acontecido à dra. Susane aguardar uma resposta com tanta esperança e ansiedade, não sabendo bem o que gostaria de ouvir.

E no entanto ela devia saber inconscientemente, pois ficou decepcionada assim que a sra. Susane, categórica, obtusa, imune a toda pressão, assegurou-lhe de que não se lembrava de ter trabalhado para os Principaux.

— Será que você pode — ousou dra. Susane — ter esquecido completamente o nome de alguns de seus patrões?

— Claro — ralhou a sra. Susane —, como você quer que eu me lembre de todos, e por que faria um esforço desses, você acha que eles se lembram do meu nome?

— Pode ser então que você tenha trabalhado na casa dos Principaux, em Caudéran, e não se lembre?

Dra. Susane praticamente suplicava, desolada.

Estava tentando buscar uma verdade que estivesse de acordo com o que procurava inconscientemente, sem ter certeza de que ficaria bem.

E a sra. Susane, consciente, resistia, decidida a não se lembrar desse nome Principaux se realmente fosse esse o caso.

Mas até que ponto não se lembrava de nada porque sentia que a filha queria muito que se lembrasse?

Dra. Susane estava cética.

Então se rendeu, abandonou sua voz fingida, sua voz forçadamente desenvolta, aceitou que o tom de seu relato correspondesse à emoção que a fazia de repente transpirar e tremer sob o lustre de opalina, e se revelou ofegante como um animal acuado.

Sua história contudo era alegre, ela achava.

Estava sem fôlego, ao mesmo tempo encalorada e petrificada, como se tivesse dificuldade de contar o momento mais feliz de sua existência.

Sra. Susane a observava com atenção, ávida e ansiosa, e talvez aprovadora mesmo assim.

Interrompeu dra. Susane uma primeira vez, exclamando:

— É verdade, sim, aquela casa era maravilhosa!

Em seguida, uma segunda vez, quase gritando:

— Eu adorava aquela gente, eram fantásticos.

Acrescentando, em sua linguagem modesta levemente ofendida, agora com um pouco de desafio, coragem e vontade de ser honesta:

— Eram a bondade em pessoa, não eram?

Dra. Susane surpreendeu-se querendo mais detalhes (e já tinha conseguido tanto de uma sra. Susane tão reservada!).

Fez questão de especificar que aquela família de Caudéran, que talvez não se chamasse Principaux, revelara-se provavelmente mais sedutora do que boa.

— Mas no fim dá no mesmo — disse a sra. Susane —, eram bons, eram admiráveis e muito, muito amáveis, não?

— Eles nos enfeitiçaram — disse a dra. Susane com um risinho sem alegria.

Foi assim que concluiu sua história.

Sua mãe então disse, sorrindo para si mesma:

— Entrei naquela casa como numa floresta encantada.

— Do que você está falando? — reclamou o sr. Susane.

Ele ainda não tinha falado nada.

Dra. Susane se lembrou: ele não gostava de mistérios, a estranheza o humilhava pessoalmente.

Reprovava o gosto pelos paradoxos da existência, pelas coincidências curiosas, pelas especulações e pelos devaneios.

Mas era doce e gentil, e dra. Susane, filha única desse homem, não podia se lembrar de uma única vez em que a repreendera ou castigara sem motivo.

Como o amava!

E porque amava tanto esse pai realista forçou-se a sorrir quando a sra. Susane dissera “floresta encantada”, esperando que seu leve sorriso complacente tranquilizasse o pai quanto ao fato de estar do seu lado, ali onde a razão imperava.

Porém, repetia para si mesma, atormentada: era isso mesmo, era a floresta encantada, era o lugar em que a alegria simples e pura nos subjugava como se fosse um feitiço.

— Essa casa de Caudéran — ela perguntou para a sra. Susane —, você conseguiria encontrá-la? Lembra o endereço?

Sua mãe balançou a cabeça, desolada.

— Fui só uma vez, sabe.

Depois, dirigindo-se ao sr. Susane num tom levemente desafiador,

contou sobre aquele dia de inverno, há cerca de trinta anos, em que fora passar roupa na casa daquelas pessoas de Caudéran cujo nome não se lembrava, sobre as quais havia esquecido tudo, como era a casa, seus rostos, sua linguagem e sua aparência, mas nunca a educação com que a receberam (pois de fato sentira-se como uma convidada daquele casal quando substituiu por um único dia a faxineira fixa).

Passou a roupa na cozinha, roupas elegantes e macias muito pouco amassadas, como se quisessem ser cortesias com ela, e a cozinha lhe pareceu uma réplica graciosa da sua, não porque fossem parecidas, mas porque o cômodo, dotado também de intenções generosas, a acolhera com calor e civilidade, e lhe dissera: Sinta-se em casa, e a sra. Susane concordou sem achar que havia ali uma segunda intenção sarcástica, ela que, trabalhando na casa dos outros desde a adolescência, tinha o hábito de falar de seus patrões num tom amargo de escárnio.

Era quase uma mania, reconhecia, pois não diferenciava mais os bons dos maus, misturava-os todos no grande caldeirão de sua ironia mordaz.

— Eles não, nunca — a sra. Susane afirmou, olhando fixamente para o marido como se quisesse impedi-lo de contradizê-la.

A mulher de Caudéran havia lhe oferecido um café, e suco de laranja para a pequena que a acompanhava, o homem saiu de seu escritório para cumprimentá-la e lhe dar as boas-vindas.

Sra. Susane, reconhecia, ficaria incomodada se não tivesse percebido de imediato que a afabilidade daquele casal fazia parte de sua essência, que não estavam fingindo estar felizes com sua presença, mas que genuinamente se sentiam assim durante o tempo que precisavam conviver com ela em sua casa, como excelentes cachorros, explicou a sra. Susane seriamente, que ficam felizes em encontrar pessoas, ainda que esqueçam das visitas no minuto em que elas vão embora.

É isso, sim, disse a sra. Susane para terminar, seus patrões efêmeros de Caudéran haviam manifestado de forma simples um prazer em recebê-la na casa deles que jamais encontrara em qualquer outra.

A isso somava-se sua liberalidade: pagaram-lhe por seu trabalho o dobro do que ela costumava cobrar, sem falar nada, sem chamar a atenção para isso, num movimento semelhante em franqueza e, quase, em candura ao que fizera a mulher de Caudéran perguntar, várias vezes no correr da tarde, sempre que entrava na cozinha, se “estava tudo bem mesmo”, com uma voz cálida e doce, alegre e atenciosa.

— Você entende por quê, espero — disse a sra. Susane ao marido com veemência —, entende agora por que me lembro daquela casa como de um lugar extraordinário?

— Sim — resmungou o sr. Susane.

— Como de um país das maravilhas?

Ele balançou a cabeça, ainda descontente.

— Posso muito bem dizer “floresta encantada” então, qual é o problema?

— Isso me incomoda — disse pausadamente o sr. Susane —, porque não gosto dessas palavras, elas enganam.

Dra. Susane se levantou, lavou sua xícara na pia.

Queria ir embora agora, já que não obtivera a resposta para a pergunta que a trouxera ali:

Principaux tinha relação com a floresta encantada de Caudéran?

Além do mais, sentia vibrar entre os pais uma irritação pouco comum, e culpava-se por tê-la provocado.

Mas, antes de avisar que voltaria para Bordeaux, o sr. Susane se aproximou, pousou uma mão terna e leve em seus cabelos, logo acima da orelha.

— Minha pequena — disse sorrindo —, você trabalha demais, já quer ir embora, estou vendo.

Ela protestou sem convicção, dando a entender no entanto que muitos processos realmente a esperavam.

Não tinha quase nada na verdade, dois divórcios amigáveis, uma mudança de nome e o pedido do visto de permanência para a família de Sharon.

Seus pobres pais, como os enganava!

— Não entendi direito — disse então o sr. Susane com uma voz estrangulada —, o que se passou naquele quarto, em Caudéran. O que esse cara fez exatamente?

— Mas, papai, eu acabei de contar! — gritou dra. Susane.

Estava tão chocada que seu cotovelo bateu na pia e derrubou a xícara, que se espatifou no chão.

Dra. Susane, satisfeita com essa distração, começou a recolher os cacos.

Continuou então, agachada, com o rosto voltado para o chão:

— Não entendo sua pergunta, papai. Acabei de contar o que aconteceu naquela tarde, não omiti nenhum detalhe quando fazia sentido e interessava no contexto de minha história, quando significava alguma coisa reveladora, disse também, acredito, que essas poucas horas que passei com aquele jovem (eu o via assim do alto de meus dez anos, ele devia ter catorze ou quinze apenas) são as que recordo hoje com prazer, com nostalgia também, pois, é verdade, talvez eu tenha dito a você, nunca mais encontrei em nenhum garoto, em nenhum homem, em ser humano nenhum, na verdade, aquele charme estranho que de

algum modo me levou fatalmente a adorá-lo.

— Mas o que ele fez? — perguntou sr. Susane com uma voz sofrida.

— Nada, papai! Você não consegue entender? Absolutamente nada em relação ao que você está querendo dizer!

O que ele fez?, perguntava-se no caminho de volta, as mãos tremendo levemente no volante.

O que tinha feito aquele garoto que talvez fosse Gilles Principaux naquele quarto, o dele, onde havia tão gentilmente a convidado a entrar?

Ele notara a presença daquela menininha sentada perto da mãe que passava a roupa da casa na cozinha.

Dissera provavelmente alguma coisa como:

— Você deve estar entediada sentada aí sem fazer nada, vem, vou te mostrar o meu quarto.

Fora atrás dele, ao mesmo tempo emocionada com tamanha honraria e ansiosa em se mostrar à altura daquela distinção, depois de um breve olhar dirigido à mãe, que lhe devolvera, acreditava lembrar-se dra. Susane, um belo, um grande sorriso: Vai, minha filha, vai se distrair um pouco!

Sua mãe já subjugada, feliz e grata, sua mãe confiante, com ambições em relação a dra. Susane, querendo que a filha revelasse um caráter intrépido e curioso, conhecesse pessoas, gente diferente deles (sr. e sra. Susane, satisfeitos com o que eram, não desejavam nada além do que tinham), e pretendendo alçar a filha muito acima dela mesma, sua mãe ingênua, loucamente amorosa, ao mesmo tempo contente com seu destino e sonhando que dra. Susane ficasse horrorizada em ter o mesmo destino!

Vá (obedeça-o), siga esse garoto muito mais instruído do que eu e seu pai jamais seremos e deite os olhos vorazes nas paredes desse quarto onde com certeza devem estar penduradas obras interessantes, nas estantes onde devem estar enfileirados livros que você não vai encontrar em nossa casa, vá (obedeça-o, seja educada) e comece assim sua bem cuidada e frutífera educação, vá, vá, fuja de nós, escape de nossa modesta influência (obedeça-o, seja educada)!

Porque sua mãe era assim: apaixonada pela ascensão de dra. Susane e ciente de suas deficiências, apesar de não ter nenhuma vergonha desnecessária.

O adolescente que talvez fosse Gilles Principaux mostrara para dra. Susane sua coleção de fósseis, colocara um disco do Dire Straits para ela ouvir.

Fizera com que se sentasse perto dele no sofá que ocupava um canto

do cômodo bem distante, aos olhos de dra. Susane, da cama, do guarda-roupa, como uma salinha independente das funções práticas do quarto, o que lhe pareceu da maior elegância.

Com uma voz ao mesmo tempo indiferente e suave, cansada e delicada, perguntou o que ela achava de tudo aquilo: os fósseis, a música, o clima da casa em geral.

E dra. Susane, a quem ninguém nunca pedira para analisar e então criticar o que via, após alguns segundos de desconforto, lançara-se corajosamente, entregando, primeiro num tom assustado e depois cada vez mais confiante, seu prazer, seu entusiasmo, garantindo que gostava demais daquele quarto e daquela casa e daquela família e tentando, com seu juízo e suas palavras de dez anos, explicitar seus sentimentos.

O garoto mostrara-se exigente.

Fazia-a retomar a cada pequeno erro de linguagem.

Sussurrava:

— Shhh, shh — quando divagava ou se mostrava desajeitada, incitando-a, obrigando-a até (ela queria tanto agradá-lo!) a entender logo o que esperava, do mesmo modo que dra. Susane vira seus pais adestrando Bouly, o cachorro de sua infância.

Extraíra de seu cérebro o que escondia de mais perspicaz, mais esperto, sedutor e astucioso.

O garoto parecera contente, acariciara os cabelos de dra. Susane, que eram então compridos e sedosos.

Ele a cumprimentara, a elogiara e lhe deu uma nota cujo valor dra. Susane não se lembrava.

Teria dito: Você é uma boa aluna, gosto de você?

Dra. Susane não tinha certeza.

Talvez tivesse inventado essa frase, deitada em sua cama naquela noite, ainda abalada e vibrando com as emoções quase insuportáveis da tarde, que terminara na torrente de sua própria fala.

Pois não parara de falar com o garoto que, ela acreditava se lembrar, contentava-se em ouvi-la, fazendo-a prosseguir às vezes com uma palavra, uma pergunta, provavelmente se divertindo e com certeza orgulhoso de ter levado sem muito esforço aquela menininha a se conhecer melhor ou a entrever o que deveria se tornar.

— Foi graças a ele — acabava de confiar dra. Susane aos pais —, que hoje sou advogada.

Seu rosto então ficara quente sob o efeito de um leve constrangimento, como se, certa de ser sincera, descobrisse ao falar que não o era de fato, sem no entanto saber como talvez fosse insincera, e sem sequer falar do porquê, já que pela primeira vez abria o coração para

os pais.

Mas o que ele fez com você naquele quarto?

Como a indignava a pergunta do sr. Susane!

Estava sufocando, sem prestar atenção na estrada.

Então seu pai não tinha entendido nada, como sempre, ainda que jurasse que a amava (ainda que sim, a amasse, e isso não era ainda pior?).

Ele me fez, não disse dra. Susane por misericórdia, o que deveriam fazer os pais por seus filhos, ele me fez tomar consciência dos prazeres que experimentei e do talento que tinha para argumentar e dissertar, e suas mãos acariciaram meus cabelos, meu rosto, meu pescoço, suas mãos contentes comigo me afagaram como fazem os pais felizes ou como vocês recompensavam Bouly quando ele se comportava direito durante o adestramento.

Só isso!

E Bouly os amou até o fim da vida, não foi?

Para Bouly vocês não eram os seres responsáveis por sua felicidade neste mundo?

Dra. Susane parou num posto na estrada.

Seus pensamentos estavam ficando confusos, ela sustentava uma defesa de modo lamentável, mas quem estava defendendo?

Principaux?

O garoto de Caudéran que talvez não fosse Principaux?

Ou ela mesma, que insistia em considerar aquela tarde passada havia tanto tempo como a mais feliz, a mais real de sua existência?

Estava pronta para defender fervorosa o garoto diante de seus pais e de suas próprias lembranças inevitavelmente nebulosas.

Tinha mais confiança na opinião que construíra sobre o garoto trinta anos atrás do que nas perspectivas que tinha dele hoje, influenciadas, transformadas pelo tempo.

Seu pai, sr. Susane...

No banheiro do posto passou as mãos trêmulas na água fria, obrigou-se a sorrir para o espelho.

Seu pai, o sr. Susane, provavelmente com ciúmes do garoto de Caudéran, e do que este havia transformado nela, tentara de modo desastrado (porque era amável no fundo) manchar um pouco essa lembrança.

E depois?

Sr. Susane tinha suas razões, e daí?

Ela o amava e amava também apaixonadamente a lembrança que tinha de Caudéran, daquele garoto que a iniciara, iluminara!

Entendia todos, seu pai que duvidava, desconfiava, sua mãe visionária

e cega, o adolescente brincalhão, mentor e encantador quase sem querer e para sua própria surpresa.

Porque ela o surpreendera e o conquistara, discursara com virtuosismo, com fervor, com paixão (sobre o quê, não conseguia se lembrar), e aquele garoto mais velho soubera reconhecer seu talento, curvara-se a ele, quem sabe até mesmo pronunciara esta frase: Você é realmente muito boa, tiro meu chapéu!, enquanto ela falava sem fôlego, ao mesmo tempo exaltada e ansiosa, segura de si e apavorada — não corri o risco ainda assim, pensou dra. Susane ao entrar no carro, de ter a garganta cortada quando o discurso acabou.

Não, o garoto não chegaria a esse ponto.

Ela brincara com os pais havia pouco:

— Eu não era a mocinha diante do sultão cruel!

Chegando a Bordeaux, em vez de ir direto para o escritório, seguiu para o bairro de Caudéran, com suas casas-túmulos, seu parque pretensioso.

Fazia tanto frio e estava tão cinza ainda que as raras pessoas que passavam, com os rostos escondidos por cachecóis, gorros e *chapkas*, pareciam vagar pelas ruas como sombras nas alamedas de um cemitério.

Ela dirigia lentamente, inspecionando cada fachada, tentando lembrar em qual das casas entrara com sua mãe três décadas antes.

Revia indistintamente as cantoneiras, as colunatas, várias sacadas de pedra.

Não tinha certeza de nada.

Poderia reconhecer, achava, a cozinha, o quarto do garoto, a localização do quarto em relação à cozinha — mas da casa, de sua importância comparada às outras, não se lembrava.

Estava decepcionada, descontente consigo mesma, como se sua memória, sua inteligência, sua capacidade de estar à altura de qualquer situação que a preocupasse profundamente tivessem falhado.

Circulou mais tempo que o necessário.

Reconhecia que procurava Principaux, mesmo sabendo que ele não morava mais ali.

Mas ele poderia ter decidido visitar os pais naquela manhã gelada e entediante, não é mesmo?, ela o veria abrindo uma porta ou tocando uma campainha e saberia então que era o adolescente irremediavelmente instalado em sua alma — *um tumor encapsulado*?

Dra. Susane sacudiu a cabeça com força, respondendo a si mesma com uma espécie de indignação.

Estacionou o carro, ligou para a mãe.

— Aquele garoto, mamãe, é o encapsulamento de uma alegria pura!

— Sim — disse a sra. Susane.

— Mamãe, como era a casa?

Sra. Susane pensou um pouco:

— Era uma mansão mourisca, acho — disse por fim com uma voz circumspecta, quase interrogativa.

— Mourisca, acha mesmo? Não conheço nenhuma nesse bairro.

— Sim — retomou a sra. Susane precipitadamente —, é porque ela foi demolida há pouco tempo, eu li no jornal.

— Ah, você está confundindo!

Dra. Susane tentou disfarçar o quanto estava decepcionada.

— A mansão mourisca, mamãe, ficava em Pessac, não em Caudéran, estava abandonada e, sim, foi demolida há alguns anos. Não tem nada a ver com o que estou falando, a casa daquelas pessoas que...

A sra. Susane a interrompeu:

— De qualquer modo, eu me lembro dela assim, uma casa oriental, estranha, magnífica, completamente diferente das outras, foi por isso que disse mourisca, poderia ter dito também...

Parou de falar de repente e a linha caiu.

Dra. Susane achou, pasma, que a mãe desligara na sua cara.

Estava prestes a voltar a ligar quando a sra. Susane enviou uma mensagem:

“Não falo mais disso, seu pai está cheio dessa história, não quero brigar, sabe. Sobre você, ele diz: Ou ela fala e conta a verdade (a famosa tarde), ou fica quieta e esquecemos, chega de delírios. Você o conhece, é rígido demais muitas vezes. Acredito no que você diz, esse garoto te ensinou, abriu sua cabeça, formou-a como nós não poderíamos fazer. Seu pai não consegue entender isso, é normal. Ele é pragmático, só vê os corpos, as respirações, as maldades, desconfia dos homens (dos machos), não gosta deles, queria matar todos às vezes (haha!), mesmo os de apenas quinze anos, coitados! Não responda, prefiro que seu pai não saiba (se você responder, o celular vai apitar), estou escrevendo escondida. Adeus, minha filha querida.”

Dra. Susane costumava ouvir na região pessoas mais velhas usando “adeus” em vez de “até logo” ou mesmo no lugar de um “tchau”, mas sua mãe não tinha o hábito de usar essa expressão.

Ficou preocupada, depois irritada por estar assim e tomada de ressentimento, com relação à sra. Susane, que não falava nada, e ao sr. Susane, que de forma obtusa se opunha a qualquer conversa.

Sim, amava-os tanto que desejava às vezes não ter mais nada que ver com eles, seus queridos pais extenuantes, tão pouco perspicazes (e, ela achava, como era fácil ser puro como eles e assim protegido das

verdades indigestas!).

Quando ainda trabalhava como colaboradora no escritório da praça Tourny, dra. Susane nunca pôde comentar com eles alguns casos que a interessavam muito.

— Chega! — exclamavam num tom ao mesmo tempo leve e firme. — Que horror, não queremos saber!

Sentia-se então sombriamente suja, indecente e amoral, porque aqueles casos a atraíam.

A obstinada recusa deles em conhecer as ações de seus contemporâneos, o que a simplicidade de suas vidas e de seus pensamentos os impedia de saber, também a impedia de ser intencionalmente curiosa.

Ela chegava a sentir um pouco de vergonha do gosto que tinha pelas histórias, pela vida dos clientes.

Por essa vergonha, culpava-os — quem eram eles para...

Muito bem, minha querida mãe, então adeus!, pensou dra. Susane.

Bloqueou o número dos pais no celular.

Depois retomou seu caminho, esforçando-se para se sentir aliviada, mas invadida por uma tristeza, uma melancolia, que atribuía ao céu frio e lívido, a seu carro velho com aquecimento quebrado.

Seus dedos azulados seguravam o volante com dificuldade.

Tremia sob o casaco, sob as muitas voltas do cachecol no pescoço, um cachecol cinza, que achava elegante, de um estilo discreto e refinado que a mãe deveria saber que era do tipo de que gostava ou ao menos do tipo a que se permitia (e era tão diferente?).

Por que a sra. Susane lhe dera, no Natal anterior, aquele cachecol de lâ cor de abóbora?

Nem dra. Susane nem seus pais usavam cores assim.

Será que a sra. Susane sonhava em ver a filha assim: original e alegre, com o exagero de uma chama no pescoço como se quisesse exibir um espírito livre?

No momento em que pensava estar contente por ter obrigado Sharon a ir embora abrigada pelo cachecol laranja, esperando a propósito que Sharon não se sentisse obrigada a devolvê-lo, mesmo não acreditando nisso, dra. Susane, tomada por uma intuição difusa, decidiu passar em casa antes de ir para o escritório.

Sharon não estava no apartamento, ao contrário do que era esperado.

Dra. Susane almoçou (acabou com os restos do excelente jantar que Sharon preparara), esperou até as duas da tarde e por fim saiu.

Ligou para Sharon em vão, caindo sistematicamente na caixa postal.

Caminhava para o escritório quando a preocupação a fez mudar de

ideia.

Voltou a entrar no carro e mandou o GPS levá-la ao endereço de Sharon em Lormont.

A neblina engolia Bordeaux sem que a geada diminuísse, e dra. Susane parecia dirigir às cegas, devagar, sem discernir muita coisa diante da luz fraca dos faróis, convicta ainda assim da consciência obstinada de que devia encontrar Sharon na casa dela, aonde nunca tinha ido, aonde nunca tinha lhe ocorrido ir apesar de cuidar diligentemente das questões de Sharon: obter para ela, o marido e os filhos um visto de permanência na França.

Um amigo de dra. Susane, nem se lembrava bem qual, tamanha a quantidade de amigos sem importância que tinha, uma noite dissera num jantar:

— Será que alguém se interessaria pela minha faxineira? É uma mauriciana sem documentos, mas fora isso impecável..

Dra. Susane gritou que se interessava, não porque precisasse do serviço ou tivesse de fato os meios para pagá-lo legalmente, mas porque o despudor do amigo lhe parecera condenável.

— Você deveria se preocupar com a situação dela — disse —, especialmente tendo uma boa opinião sobre ela, não devia se contentar em empregá-la assim, sem tentar ajudá-la.

— O que você quer que eu faça? — replicou esse amigo impreciso.
— Cuide você dela, é a única aqui que pode fazer bem isso.

Foi assim que Sharon entrara na vida e no trabalho da dra. Susane, sem que esta no entanto estivesse certa de que Sharon o tivesse entendido.

Pedira várias vezes para Sharon uma cópia de sua certidão de casamento, explicando que era necessária para dar entrada nos papéis na prefeitura, dizendo também que se Sharon não tivesse ou não conseguisse encontrar essa certidão, precisava avisá-la o mais rápido possível para que ela montasse seu processo de outra forma.

Sharon dissera que levaria o documento.

Fizera uma cara confusa e magoada, como se dra. Susane tivesse pedido algo muito íntimo que Sharon entregaria a contragosto.

Isso já fazia seis semanas.

Dra. Susane continuava esperando a certidão.

Falou de novo com Sharon, cuidadosamente, mas várias vezes.

A cada vez Sharon ostentava seu ar mortificado, corajoso, distante, assegurando com uma voz quase inaudível que pensava nisso, e a cada vez dra. Susane ficava desconcertada, absurdamente constrangida, como se na verdade tivesse forçado a barra com Sharon.

Acabava desistindo de repetir: Sharon, se você não tem esse documento, é só dizer, não tem problema, posso dar um jeito, pois Sharon mostrava-se ofendida (porque dra. Susane teria suspeitado de que não era casada e julgado-a severamente?).

Dra. Susane não podia lhe dizer, Sharon, que criança, não me interessa saber se você é casada ou não com o pai de seus filhos ou com o homem que veio com você para a França e que você apresenta como marido, diga-me simplesmente, Sharon, qual é sua situação e eu me adapto para assisti-la da melhor maneira. Fiz um juramento, Sharon, de não julgar ninguém, principalmente uma mulher como você, nunca.

Dra. Susane proibia-se de pronunciar essas palavras, intuindo que Sharon interpretaria o contrário, que se convenceria de que dra. Susane jurava ter a mente aberta para melhor encobrir seus preconceitos (em relação à realidade conjugal de Sharon).

Demorou mais do que imaginava para encontrar a casa.

Era, na beira de uma estrada movimentada, uma casa antiga transformada em prédio residencial.

Dra. Susane estacionou na calçada estreita, sem coragem de procurar uma vaga no bairro desconhecido.

Como não encontrou campainha nem interfone, empurrou a porta encostada, que se abriu para um corredor lotado de lixeiras transbordando, bicicletas velhas, patinetes, folhetos jogados no chão.

O frio úmido deixava terrivelmente mais forte a mistura de cheiros rançosos.

Sharon, jovem asseada, pele irradiando saúde, passava então todos os dias por esse corredor nauseabundo, pestilento, assim como seus dois lindos filhos, e seus rostos finos e lisos, delicados, perfeitos, atravessavam o ar insalubre, contaminando-se com as partículas invisíveis dessa atmosfera nociva.

Dra. Susane sentia crescer dentro de si uma indignação desmedida, desproporcional.

Antes, proibia-se de pensar nessas crianças cujo destino não importava para ela mais do que o de muitas outras.

Mas ficara tão abalada, para seu próprio espanto, quando Sharon fingiu não vê-la no corredor do supermercado em que perambulava com os filhos, que dra. Susane chegava a considerar que se sentiria profundamente honrada se lhe fosse permitido conhecer a menininha e o menininho de traços tão puros.

E essa esperança fazia com que alimentasse por aqueles pequenos (no íntimo, referia-se a eles desse modo, o sr. e a sra. Susane costumavam

usar esse termo ultrapassado e carinhoso. Chegou nossa pequena!, gostava de exclamar o sr. Susane quando ela os visitava) um sentimento protetor marcado pela preocupação.

Hesitante, preferiu ir ao primeiro andar em vez de bater antes nas portas do térreo, achando que se lembrava de Sharon ter falado numa escada difícil de subir quando chegava das compras carregada — rara, talvez única alusão que Sharon fizera a sua vida em Lormont.

Não, na verdade, havia outra, mas dra. Susane já não lembrava (se dizia respeito ao marido, às crianças, ao apartamento, impossível dizer! Tinha ficado chocada, no entanto, mas por que motivo?).

A escada era estreita e mal-acabada.

Fora concebida para levar aos quartos da antiga casa individual, não para que uma mãe de família de quem dependia totalmente a sobrevivência da família subisse para chegar a seu apartamento, entendera dra. Susane.

Bateu timidamente na porta mais próxima da escada.

Tudo a chocava, a escandalizava, sem surpreendê-la.

Quem teria coragem de alugar para eles um lugar como aquele, e provavelmente bem caro, com paredes descascadas, tomadas antigas, claraboias cobertas?, pensava ela num impulso de indignação automática, ainda que sincera.

Depois de um bom tempo a porta se entreabriu e revelou o rosto ansioso e desconfiado de um homem que se parecia com Sharon e com seus filhos maravilhosos: acobreado, delicado, pálpebras sensíveis e trêmulas.

— Sou a dra. Susane, patroa da Sharon.

Sorria muito, querendo tranquilizá-lo.

Ele murmurou alguma coisa que dra. Susane não entendeu e, depois, obrigando-se a sorrir como ela, abriu mais a porta, seu belo olhar marcado por uma expectativa atormentada.

Meu deus, o que você está fazendo aqui? Que notícia terrível o seu sorriso esconde?

— Está tudo bem — apressou-se em dizer dra. Susane —, estava apenas pensando se Sharon talvez teria ficado em casa hoje, com esse frio...

Ele refletiu, calculando rapidamente, desesperadamente (ah, quanta piedade dra. Susane sentia por ele!) o que podia responder sem risco para todos.

— Ela... ela foi trabalhar, sim — gaguejou —, acho que sim.

Em seguida, num tom mais seguro:

— Entre, senhora, entre.

O primeiro objeto que dra. Susane viu no apartamento foi seu cachecol laranja pendurado no cabide do corredor.

Seguiu o marido de Sharon até a cozinha minúscula em frente ao cabide, à direita da porta de entrada.

Recusou da forma mais gentil possível o café que lhe oferecia esse homem afável e assustado.

Não queria constrangê-lo ou ofendê-lo, assustá-lo ou lhe causar qualquer prejuízo.

A cozinha era deteriorada e limpa, antiga e, de certo modo, irrecuperável do ponto de vista da higiene contemporânea, ainda assim tinha sido esfregada com tanto ardor e paixão, pensava dra. Susane, que parecia quase fresca, inocente.

— Sharon não estava na minha casa mais cedo, fiquei preocupada...

— Ela deve estar na casa das outras mulheres — disse o marido —, talvez tenha se atrapalhado com os horários, isso acontece com ela às vezes.

— Sim, claro — disse dra. Susane, subitamente perturbada.

— Não é fácil — retomou o marido com a voz mortificada. — As outras não são simples como a senhora.

— Ah, é? Como assim?

Ele a encarou de repente com um olhar seco, febril, e seu rosto acobreado se manchou de vermelho porque ainda hesitava, pensou dra. Susane, em falar com ela livremente.

Por isso também entendeu que ele se dirigiu a ela, em seguida, com uma espécie de agressividade, já que antes estava entregue, dando como certa a lealdade de dra. Susane, talvez sem razão.

Ela estava sentada numa cadeirinha dura de plástico.

Estava mais pasma do que amargurada — enganada, desoladamente indignada.

— As outras ligam e Sharon tem que sair correndo — disse o marido com raiva. — É normal isso? Sharon não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, não pode estar agora aqui e lá, não é? Ela está cansada, cansada.

— Essas outras, quantas são?

— São duas, com a senhora, três, mas — deixou claro — a senhora, a senhora é sempre correta, não é como as outras.

— Por quê? O que elas fazem? — perguntou dra. Susane num tom plácido, quase indiferente.

Seu coração sangrava.

Nunca soubera nada sobre as outras, nem sequer imaginava que em vez de marcar presença em sua casa, onde dra. Susane a pagava

generosamente apenas para que ela ficasse lá (já que havia tão pouco para limpar!), Sharon furtivamente se empregava em outros lugares.

Não era mesquinho?

Não era compreensível ainda assim?

E Sharon não tinha razão para enganar dra. Susane, que se dava o direito de mantê-la em seu apartamento achando que o tédio e a inatividade absurda eram pouco perto do bom salário que lhe pagava e do trabalho que fazia para ajudar a família de Sharon a permanecer legalmente na França?

Mas seu coração sangrava.

O marido de Sharon deixou-se cair numa das outras velhas cadeiras de jardim ao redor da mesa, sobre a qual passava para lá e para cá a mão com força como se quisesse limpá-la ou puni-la por não ser tão bonita nem tão limpa.

Sr. e sra. Susane tinham uma mesa do mesmo tipo em seu quintalzinho, lembrou distraidamente dra. Susane.

Ah, como doía, como Sharon a machucava!

— As outras — disse o marido com rancor — não contam todas as horas de Sharon, não falam direito com ela, nunca estão contentes, ainda que ela trabalhe melhor que todo mundo, não é?

— Sim — disse dra. Susane —, o trabalho de Sharon é perfeito.

— Então, é isso que estou dizendo.

Ele elevou o tom, como se dra. Susane o tivesse desmentido.

Ela não se mexeu, desviou o olhar.

Do outro lado da rua, apoiado no guarda-corpo de sua janela caindo aos pedaços, um homem os observava, com um cigarro nos lábios.

Seu olhar pareceu duro a dra. Susane.

Ela obrigou-se então mecanicamente a confortar o marido de Sharon.

Levou a mão na direção de seu antebraço e o apertou com cuidado.

Ela julgara ter entendido, ou interpretara assim algumas conversas reservadas que tivera com Sharon a respeito do marido, que ele havia “entrado em depressão” (segundo a fórmula que o sr. e a sra. Susane costumavam usar) pouco tempo depois de sua chegada à França.

Por medo de ser preso e de que lhe pedissem para apresentar um visto de permanência que não tinha, ficava enclausurado, saía furtivamente apenas para pegar as crianças na escola quando Sharon não podia.

Não conhecia nem convivia com ninguém a não ser a mulher e os filhos, o que, deixou escapar Sharon com um suspiro desanimado, bastaria em qualquer lugar para perturbar a mente até do mais ponderado dos homens.

— Eu também ficaria louca no lugar dele! — exclamara Sharon.

Dra. Susane não a questionara.

As perguntas diretas perturbavam Sharon, a deixavam calada, desconfiada, e suas pálpebras com cílios longos e volumosos começavam a piscar dolorosamente.

Dra. Susane teria perguntado: Há tanto perigo para você, Sharon, de sair e trabalhar, quanto para seu marido. E se você for presa, se for indiciada, o que seu marido vai poder fazer? Ele será deportado da mesma forma, o que irá protegê-lo? Por que nesse caso ele deixa para você a total responsabilidade das tarefas que devem ser cumpridas para levar uma vida normal, por que você é a única que trabalha, faz compras, corre o risco de passar por uma batida policial, enfim, lutando sozinha?

Sharon teria respondido, achava dra. Susane, com sua voz ultrajada, virtuosa: Mas ele está triste, está doente! A doença dele é a tristeza, ele não pode fazer nada.

— As outras mulheres, você sabe o nome delas? — perguntou suavemente para o marido de Sharon.

Inclinou o rosto na direção do dele.

Com a manga, ele enxugava o rosto e os lábios, num movimento infantil que a comovia contra sua vontade.

— Você sabe meu nome? — ela perguntou ainda.

— Sim, claro. — Deu um sorrisinho. — A senhora é a sra. Susane, as outras: sra. Pujol e sra. Principaux. Como poderia não saber o nome das mulheres que exploram Sharon? Não falo da senhora, dona Susane. Mas as outras duas a exploram, e Sharon não sabe mais o que fazer para se livrar delas. A sra. Principaux, por exemplo, sabe o que fez um dia? Disse que Sharon não tinha passado o aspirador direito debaixo do tapete, que só tinha levantado as pontas, e que não dava para aceitar aquilo, então não pagou o dia para puni-la.

Dra. Susane apertava as mãos, tremendo.

Sentia que a pele de seu rosto tinha ganhado um tom acinzentado, como acontecia sempre que ficava muito abalada.

— Principaux? — murmurou. — Onde mora essa Principaux? Em Caudéran? Em Bouscat?

Em Bouscat, numa bela mansão, viviam Gilles, Marlyne Principaux e seus filhos.

— Não, não — disse o marido de Sharon impaciente —, ela mora no centro, no bairro da catedral. É uma senhora idosa, o marido morreu, ela vive sozinha, é rica e sempre acha um jeito de abusar de Sharon. Não aguento quando se aproveitam de Sharon, ela não sabe se defender, sempre diz sim obrigada.

Então é por isso que Sharon me engana, deduziu febrilmente dra. Susane, ela me deixa pensar que passou a tarde toda na minha casa enquanto vai à casa das outras porque não sabe como se livrar daquelas duas “senhoras”.

Sim, é por isso, ela está acuada, está acuada, pobre Sharon, repetia para si mesma dra. Susane, tão aliviada que tremia ainda mais.

— Preciso ir embora agora — disse, levantando-se cuidadosamente.

O marido de Sharon a cumprimentou sem se levantar da cadeira.

No corredor, dra. Susane puxou o cachecol laranja do cabide, enfiou-o na bolsa e saiu do apartamento furtivamente como se sentisse culpa.

Foi direto para o escritório sem passar em casa.

Preferia não ter que constatar que Sharon talvez não estivesse lá, não pegar Sharon de novo em flagrante delito de ausência — até porque, ela sabia, o que isso iria mudar?

E se Sharon estivesse lá, qual seria a diferença?

Porque Sharon, fosse lá o que estivesse fazendo, a enganava.

Mas não era culpa dela, era por causa daquelas Pujol e Principaux que haviam encontrado nela a escrava perfeita!

Dra. Susane tremia de indignação.

Essa Principaux seria a mãe de Gilles?

Se fosse o caso, ela havia mudado muito — aquela mulher maravilhosa, amável, hospitaleira em sua bela casa de Caudéran, que havia oferecido natural e graciosamente, com verdadeiro prazer, um suco de laranja para a filha da passadeira!

Havia em Bordeaux outros Principaux além daquela família?

Dra. Susane esperava desoladamente, furiosamente, que sim.

No escritório tratou, ansiosa para terminar, de responder à pouca correspondência que recebia.

Dra. Susane, advogada autônoma havia pouco tempo, trabalhava sozinha.

Decidira alugar duas belas salas na praça da catedral, pensando que um bom endereço e um escritório bem-arrumado lhe renderiam uma clientela interessante — mas, meu deus, como era difícil!

Quando a pagavam, era invariavelmente com bastante atraso.

Dra. Susane brincava dizendo para seus amigos, aqueles que a recebiam para jantar e a apreciavam por sua habilidade para contar histórias, seu humor irônico (tão artificial em sua opinião!), que amava o combate mas detestava o conflito, por isso tinha tanta dificuldade para cobrar o que lhe era devido.

Como era difícil!

Ela imprimiu todas as reportagens que conseguiu encontrar sobre o caso Principaux, as que já lera na época da prisão de Marlyne, e que gravara com tanta precisão na memória que poderia até recitá-las de cor, e algumas outras de sites não muito confiáveis em sua opinião, que descobria um tanto constrangida, mas que, em uma frase, pareciam descortinar uma verdade oculta — a complacência, a pressa do marido em querer “libertar sua mulher de seus demônios” uma vez as mortes (ou assassinatos) consumadas.

Porque Gilles Principaux não parecia tão devastado com a morte dos filhos quanto desejoso de inocentar Marlyne aos olhos do mundo.

E por que não?, pensava dra. Susane.

E o que significava “devastado”, que conclusão probatória tirar dos olhos secos de Gilles Principaux, de seus estranhos sorrisos diante das câmeras, de seu prazer manifesto em falar sobre todo aquele horror?

Segundo quais critérios inegáveis, tanto morais como psicológicos, podia-se concluir, porque ele sorria sem parar, que a morte de seus filhos não o afetara tanto quanto deveria?

Aqueles sites justiceiros e desonestos haviam tocado em cheio em alguma coisa certa, pensava dra. Susane: Gilles Principaux tinha uma reação que não era normal a um evento que deveria acabar com sua existência.

Ele aparecia curiosamente alegre, animado, satisfeito consigo mesmo, e então choroso quando sentia que lhe pediam para ficar emocionado, transtornado, transformado, e suas lágrimas ou seus olhos úmidos pareciam falsos, pois ele representava muito mal o que não estava sentindo: estar emocionado, transtornado, transformado.

Essas bizarrices, no entanto, não deveriam levar a nenhuma apreciação sobre a dor de Gilles Principaux, achava dra. Susane.

Quem é você para dizer como deve ser minha tristeza? Você está dentro do meu coração para saber como soffro?

As reportagens dos jornais respeitáveis de que dra. Susane lembrava cada palavra descreviam a mesma cena: dois policiais, um homem e uma mulher, entrando na casa de Gilles e Marlyne Principaux depois que esta fizera uma ligação de urgência, mesmo que sua voz calma, fria, sem nenhuma entonação particular, parecesse contradizer a necessidade de que os agentes chegassem rapidamente.

Tocaram a campainha, bateram na porta e então, sem resposta, simplesmente abaixaram a maçaneta e entraram.

Encontraram Marlyne sentada ereta no sofá da sala.

A casa estava organizada, quase demasiadamente, diria um deles (revelando assim, pensava dra. Susane, mais sobre sua própria relação com a organização do que sobre um comportamento anormal de Marlyne).

Marlyne os cumprimentou com a voz tranquila, e os agradeceu por terem vindo.

Sem se mexer, disse para irem até o quarto, no fim do corredor.

Ela estava meiga e calma, um pouco pálida (diria um dos dois, mas como poderia saber qual era a cor normal de sua pele?), e o único sinal de um provável nervosismo se adivinhava na forma como apertava as mãos entre as coxas bem juntas.

Um dos dois diria ainda que seu olhar parecia um pouco assustado.

Já os vizinhos, os amigos diriam que Marlyne tinha sempre, apesar da ponderação de seus movimentos e de suas ideias, olhos inquietos, bastante agitados, como o de pássaros atentos ao perigo — como, diria uma vizinha, o olhar que se vê nos pardais quando voam de um galho para o ninho onde seus filhotes famintos os esperam.

Essa vizinha taparia a boca com a mão logo depois de pronunciar essas palavras, pois os pardais não assassinam seus filhotes, não é mesmo?

Os dois policiais, o homem mais velho, barrigudo, pesado, e a mulher jovem e atlética, ela na frente, foram até o quarto dos Principaux, seguindo pelo corredor, onde todas as portas estavam fechadas.

A policial encontrou as três crianças deitadas na cama dos pais.

Dra. Susane não conseguia entender, lendo as reportagens sérias, se as crianças estavam deitadas na cama e podiam ser vistas por inteiro pela policial ou se a mãe as cobrira com um lençol, se apenas a cabeça estava para fora.

Nenhuma das reportagens era precisa a esse respeito.

Algumas diziam “na cama”, outras “sobre a cama”, como se esse detalhe não tivesse importância.

A policial diria que percebeu imediatamente que as crianças estavam mortas.

Ainda assim correu na direção da cama, claro, para tentar reanimá-las diante do olhar do colega, que declarou estar “extremamente chocado, tendo três netos com idades próximas e, por coincidência, como no caso dos Principaux, dois meninos e uma menina ainda bebê”.

O mais velho, Jason, segurava nos braços, ou melhor (corrigiu mentalmente dra. Susane), tinha em seus braços sua irmãzinha, Julia, de seis meses.

Ele tinha seis anos, seu irmão John, quatro.

As três crianças estavam nuas, com a pele seca e os cabelos molhados, bem penteados.

A policial diria ter logo notado que gozavam de boa saúde: os corpos eram bonitos e asseados, ao mesmo tempo robustos e delgados — crianças alimentadas com atenção e sem sinal de maus-tratos.

A representação da ternura com a qual o mais velho segurava a pequena em seus braços, a protegia transtornou a policial, pois, ela logo percebeu, a morte não havia arrebatado as crianças nessa cama nem nessa pose, e Marlyne Principaux contaria mais tarde, com a falsa modéstia de uma mãe que se acha exemplar, que tinha até tomado o cuidado de dispor daquele modo os cadáveres das crianças: Jason adorava e mimava a bebê Julia, era justo apresentá-los nos braços um do outro.

Quanto a John, ela o deitara de lado, seu lindo rosto voltado para o irmão mais velho, que ele venerava.

— Tentei não errar — dizia Marlyne, sorrindo humildemente —, não trair o que sentiam, eu os conhecia tão bem, ninguém os conhecia melhor do que eu.

Os dois policiais, muito abalados, tinham pedido reforços.

Marlyne Principaux, tranquila, ainda que caminhando um pouco hesitante (como se tivesse bebido, mas não era o caso), mostrou a banheira ainda cheia, e explicou, com a boa vontade de uma aluna dócil, como havia afogado primeiro a bebê Julia, depois John, e por último Jason, que se debatera tão energicamente que ela teve que subir na banheira, segurar as pernas dele com os joelhos, enfim lutar com ele numa escalada de violência que detestara.

— Não titubeei, não queria machucá-lo, não queria fazer mal a ninguém, muito menos ao meu filho querido! — diria uma Marlyne devastada pela lembrança da cena.

Pareceria evidente para todos que a ouviam que ela se esforçara para que não sofressem além do necessário (já que sabia que iam morrer) aquelas três crianças que afirmava amar mais que tudo.

Diria ter se informado na internet: o método mais seguro de acabar com eles (“mandá-los para o céu”, ela dizia) sem estragar seus corpos era o afogamento.

Estava bem consciente de que os dois meninos deviam ter evidentemente sentido pânico e desespero, horror e angústia quando empurrou com as duas mãos seus rostos para o fundo da banheira, segurando-os lá.

Ela então, diria, fechara os olhos.

Dra. Susane não acreditava.

Relia as reportagens e se sentia tomada por um furor que não experimentara na época.

Não acreditava que Marlyne Principaux fechara os olhos durante os bons minutos em que se pusera feroz e metodicamente a afogar as crianças.

Nos casos de Jason e John, a tarefa não tinha sido fácil.

Eles eram garotos robustos, agitados, por que teriam concordado em se deixar assassinar?

Marlyne só poderia ter trabalhado duro, com esforço, brutalidade, gemidos, espirrando água, ouvindo as súplicas e a revolta, não poderia ter ficado de olhos fechados (como uma santa no martírio) durante todo o ato.

Que tipo de ato foi esse?

Apenas a raiva, pensou dra. Susane, pode fazer com que seu autor suporte tamanha atrocidade.

Porque Marlyne, era preciso dizer, havia torturado seus três filhos, não é mesmo?

Dra. Susane sentia-se extremamente perturbada.

Segundo a opinião de todos os seus parentes, e até daqueles que a amaldiçoariam, nunca mais querendo ter nada com ela (sua mãe, suas irmãs), Marlyne amara seus filhos, especialmente talvez (mas que significado dar a essa eventual predileção?) o mais velho, Jason, de quem parecia demasiadamente (talvez) orgulhosa.

No entanto, esses mesmos parentes apressavam-se em acrescentar que ela demonstrava também um amor zeloso por John e Julia, preocupava-se com a saúde deles, ainda amamentava a pequena na época das mortes (ou assassinatos), e até dera de mamar alguns minutos antes de matá-la.

O que queria dizer tudo isso?, perguntava-se dra. Susane.

Marlyne Principaux afogara os filhos no fim da tarde, pouco depois de ter buscado os meninos na escola, de ter lhes dado o lanche na cozinha, como todos os dias e, como quase todos os dias na vida dessa mãe admirável, ter lhes servido um pedaço de bolo, um bolo de laranja, que fizera para eles.

Marlyne diria que não admitia alimentar os filhos com produtos que ela mesma não tivesse feito, razão pela qual Jason e John não almoçavam na cantina da escola.

Todos os dias, vinte para o meio-dia, Marlyne acomodava Julia no carrinho e ia até a escola, voltava para casa com os meninos, que levava mais uma vez para a escola à uma e meia, sempre com Julia, que tomava o cuidado de amamentar antes (para que ficasse tranquila durante o

trajeto, explicaria ela).

Preparava para eles todos os dias um almoço extremamente equilibrado, calculando não apenas as calorias que deviam compor uma refeição para crianças de quatro e seis anos, mas também contando proteínas, carboidratos, gorduras para que se alimentassem de forma correta.

Pesava da mesma maneira suas próprias refeições para colaborar com o crescimento de Julia, já que pretendia amamentar a filha por dois anos, como fizera com os mais velhos.

Para seu grande desespero (ainda que nunca tenha revelado a ninguém, nem mesmo ao marido, para quem contava tudo), Marlyne Principaux ganhava peso regularmente, apesar da excelência de sua dieta.

E na época das mortes (ou assassinatos) devia enfrentar este dilema: tentar ativamente emagrecer e arriscar dar a Julia um leite menos adaptado a seu desenvolvimento harmonioso ou continuar com o protocolo mais adequado para o crescimento da bebê em detrimento, pensava, de sua própria silhueta.

Teve tanta vergonha de se preocupar com uma coisa tão fútil!

Ainda mais que nem seu marido nem seus parentes pareciam reparar que ela estava engordando.

Mas Marlyne sabia disso.

Percebia quando se vestia, quando esfregava o corpo durante o banho, tanto que decidiu não vestir mais suas roupas de sempre.

Comprou num bazar algumas camisetas e pulôveres masculinos e duas grandes calças de elástico, graças aos quais podia ter uma consciência mais atenuada das curvas de seu corpo e dos limites — que se distanciavam continuamente — de si mesma.

Sentia-se bem com aquelas roupas?

Não exatamente, mas pelo menos não sentia seu corpo, o que desejara para escapar à aflição de saber que ficava maior e não podia fazer nada com relação a esse fenômeno.

Porque era impensável parar de amamentar Julia.

Ah, meu deus!

Marlyne teria quase soltado uma risada, talvez.

Comprometer a saúde da bebê por uma questão tão boba!

Como encarar?

Podia então muito bem começar a beber, se drogar e bater nas crianças também.

Quando comesse a não se preocupar com eles, mas somente consigo mesma, onde aquilo poderia parar?

Dra. Susane lera na imprensa apenas sobre o provável desenrolar dos fatos, sobre como a polícia os descobrira e os relatos com as primeiras palavras de Marlyne.

Todo o resto ela inventava, supunha, mas, como constataria mais tarde, com que desconcertante clarividência!

E apesar de sua antipatia profunda, até mesmo sua repulsa por Marlyne Principaux!

Depois de terem tentado reanimar sem sucesso as crianças, os dois policiais reencontraram Marlyne na sala, onde ela mantinha a mesma posição, ereta e doce, mãos juntas e sorriso educado, congelado, desolado.

Estava vestida com uma camiseta larga com a insígnia da Sorbonne e uma calça de ginástica acinzentada com elástico apertando as pernas perto do tênis.

A policial notaria duas manchas úmidas na camiseta, na altura do peito, e surpreendendo seu olhar, Marlyne diria num tom de desculpa que seu leite vazava.

Era novembro, o dia estava cinza e morno, a casa, bem aquecida, bem demais até.

Os policiais logo começaram a suar, mas (perguntava-se dra. Susane) seria por causa da temperatura alta ou de suas emoções, quem poderia dizer ao certo?

Então Gilles Principaux chegou, apressado, preocupado.

— Tudo bem, meu amor? — gritou para Marlyne (um personagem de novela, pensaria dra. Susane, que desembarca inocentemente numa cena de drama e diz frases que soam falsas mesmo sendo seu jeito normal de falar).

Marlyne sorriu sem mostrar os dentes.

Cerrou as pálpebras e fez um leve movimento com a mão como se quisesse tranquilizá-lo.

Depois se saberia que ligara para o marido uma hora antes de telefonar para a polícia, pedindo que por favor voltasse para casa, pois estava com um problema.

Gilles Principaux deveria ter chegado antes dos dois policiais, mas, mesmo não tendo que dar aulas naquele momento, teve que cuidar de várias questões administrativas que adiaram a hora em que partiu para Bouscat, contrariado (confessaria) por ter que pegar o carro e voltar para casa bem antes do horário normal.

Vendo a viatura de polícia estacionada na frente de casa, sentiu medo.

— Tudo bem, meu amor? — gritou, não suspeitando de nada ainda

(afirmaria, como um marido poderia imaginar tamanha abominação, tamanha traição da harmonia e da franqueza que reinavam, diriam os dois, em seu casamento?).

E Marlyne sorria para ele, reticente, com uma dificuldade que ele havia notado.

Ainda assim ela tinha feito o gesto tranquilizador que ele conhecia bem: um tapinha no ar com a mão frouxa, confiante, levemente irônica, que significava “não é nada grave, meu amor, estou no controle da situação”.

Era, entre eles, um código de cumplicidade: quando Gilles chegava por acaso no meio de uma situação confusa, nas raras vezes em que os cuidados com as crianças haviam deixado uma bagunça na casa ou que os meninos, inexplicavelmente agitados, queriam brigar e pareciam de repente se odiar (como Marlyne ficava mal então!), ela fazia esse pequeno sinal a Gilles.

E milagrosamente as coisas entravam nos eixos.

Jason e John paravam de brigar sem motivo, Julia aceitava o peito que rejeitara antes de forma dolorosa, a sala, num passe de mágica, ficava arrumada, sem que Marlyne ou Gilles (evidentemente) se ocupassem disso.

Era um efeito sobrenatural do pensamento, da vontade?

Marlyne quase chegava a acreditar nisso.

Gilles, mais prático, diria que nunca encontrara a casa desarrumada.

Marlyne era obcecada, e ele foi ficando também.

Ela logo via, num cômodo cheio de vida, uma bagunça angustiante, e as brigas dos meninos a desmoralizavam como se revelassem seu fracasso em educá-los.

Ela era bastante obcecada, diria Gilles de modo um pouco ingênuo e sem querer criticar Marlyne.

Já Marlyne afirmaria que Gilles não suportava “confusão” e que era por ele, por sua serenidade e para evitar qualquer ressentimento da parte dele, qualquer crítica oculta, que cuidava avidamente para que a casa e também a existência em geral estivessem em perfeita ordem.

Expressaria, com sua voz monótona, mágoa em relação a ele, às vezes até uma espécie de ódio indiferente, desdenhoso, um ódio estranho, desapaixonado.

Ele, nunca.

Ele a defenderia contra todas as probabilidades, sem indiferença, com paixão.

Esboçavam-se assim, na imaginação da dra. Susane, em suas conjecturas, seus delírios, os retratos de um Gilles Principaux

convencido de sua própria casualidade quanto à organização da vida familiar e de uma Marlyne certa de dever garantir ao marido a tranquilidade que ele exigia tacitamente.

Marlyne diria:

— Todos os dias eu pensava na hora em que ele voltaria para casa e tinha medo. Não queria que ficasse contrariado, nervoso porque as coisas não estavam no lugar. Ele era gentil, sim, nunca dizia uma palavra dura. Mas dava para sentir sua decepção, seu descontentamento quando eu não tinha feito as coisas direito, a gente percebe enquanto casal, a gente não diz nada, mas sente tudo, entende tudo.

O que se revelaria era que Marlyne, depois do nascimento dos filhos e de deixar de trabalhar (seguindo a sugestão de Gilles, ela afirmava), concentrara-se na ideia de que, não exercendo mais sua profissão de professora de francês, devia mostrar ao marido, à mãe (zangada porque ela parara de trabalhar e renunciara a ser brilhante e independente) e às irmãs que ela exercia, como mãe de família, um trabalho tão louvável, difícil, digno de respeito quanto o de professora.

Quis ser uma mãe de família de alto nível, como uma atleta, pensaria dra. Susane.

Marlyne e suas duas irmãs haviam sido educadas pela mãe e tudo o que dizia respeito ao pai era nebuloso — ele tinha ido embora, tinha sido posto para fora de casa, a mãe não se pronunciava sobre esse assunto.

A mãe de Marlyne contentava-se em afirmar, com razão, que conseguira educar as filhas apesar das dificuldades inerentes à situação de mãe solo com poucos recursos.

Arranjara emprego nos vinhedos como trabalhadora rural, e se Marlyne, objeto de seu maior orgulho antes do casamento com Principaux, tinha se tornado professora, as duas outras não haviam traído suas expectativas trabalhando, a do meio como chefe de adega e a caçula como gerente numa loja de roupas.

Sim, pensaria dra. Susane com admiração, aquela mulher simples e valorosa havia alçado suas três filhas na escala social, supervisionando como pudera seus estudos, marcando reuniões com seus professores (exageradamente diriam alguns — ou será que dra. Susane inventava esse detalhe? Não saberia mais ao certo), só permitindo que frequentassem lugares dignos de suas próprias ambições e sacrifícios, e talvez severa demais às vezes, mas como não ser quando, morando num apartamento modesto nos subúrbios de Langon, ficava sabendo que as filhas adolescentes sonhavam em ter permissão para passear no shopping center gigantesco depois das aulas, sendo que a escola é

vizinha da zona industrial, e que conhecidos bem informados lhe diziam que era ali, em terrenos ainda desocupados entre os supermercados Intermarché e Lidl, que os jovens bebiam, fumavam, injetavam, enfim passavam por esse breve período de sua vida de forma a diminuí-la, a desperdiçá-la sinistramente, e a respeito deles só se poderia dizer: Que pena!

A mãe de Marlyne lutou para que ninguém pudesse dizer a respeito de suas três filhas inteligentes e bem-dotadas: Que pena!

Então, havia sido dura, excessivamente inflexível?

Uma reportagem insinuava isso.

A mãe de Marlyne e suas duas irmãs se recusariam a vê-la depois das mortes (ou assassinatos).

Tinham feito apenas raras visitas a Marlyne quando ela tivera os filhos, como se Marlyne tivesse errado inexoravelmente ao optar por aquele modo de vida, e suas irmãs, além do mais, não tinham filhos, mas dra. Susane não podia afirmar que isso fosse fruto de uma decisão.

De todo modo nem a mãe nem as irmãs pareceram profundamente, dolorosamente afetadas pela morte de Jason, de John e de Julia, que afinal elas mal conheciam.

Mas a degradação grotesca de Marlyne as ferira para sempre.

Dra. Susane tinha a impressão de que as três, mãe e irmãs, podiam aguentar o horror do gesto de Marlyne, podiam imaginar a cena sem se sentirem transpostas por esse horror.

O que não conseguiam perdoar em Marlyne, achava dra. Susane, era o fato de ter fugido para tão longe delas moralmente casando-se com Principaux, abandonando sua carreira para educar os filhos de Principaux, em poucas palavras, ter se dobrado a todas as imposições mais ou menos manifestas do tal Principaux, que fora muito esperto, desse ponto de vista (diziam as irmãs e a mãe de acordo com dra. Susane), por se casar com uma mulher de um meio bem inferior ao seu.

— Ela não ousava contradizê-lo — diria uma de suas irmãs.

E a outra:

— Ele se impunha, vinha da burguesia, era bastante autoritário, apesar de seu ar descontraído.

E a mãe:

— Ele fez de tudo para convencê-la de que ela não valia grande coisa, acabando com sua autoconfiança. Eu não a reconhecia quando ia visitá-la, então me distanciei, isso me deixava furiosa. Ela adorava sua profissão, era professora de francês, e lá estava ela dizendo que não havia missão mais bela do que ser mãe, que queria fazer de tudo para proteger seus filhos dos perigos do mundo, blá-blá-blá, e que para garantir essa

missão maravilhosa uma mãe devia se dedicar em tempo integral, blá-blá-blá. Eu ficava furiosa com ela, então preferi me distanciar, tudo por causa disso, dizia a mim mesma, que desperdício. E sabia que Principaux era o responsável por essa mudança radical, sabia que a Marlyne que eduquei para ser livre e que aproveitara com alegria essa liberdade até seus vinte e seis anos, idade em que Principaux a fogueou em sua rede, nunca teria adotado voluntariamente esse modo de vida, sabia mas era impossível convencer Marlyne, pois Principaux a mantinha em suas mãos, ela sempre fazia um elogio mecânico a seu respeito, Gilles era maravilhoso, blá-blá-blá, Gilles era tão inteligente, blá-blá-blá, Gilles era só atenções e delicadezas para com ela, blá-blá-blá. Dizia tudo isso se forçando, estava triste e desamparada, não queria confessar a si mesma, era orgulhosa. Então, me distanciei e suas irmãs também. Nesses casos não se pode fazer nada. Ela acabaria irritada conosco, nos colocaria para fora. Principaux nos detestava. Devia soprar em seu ouvido maldades a nosso respeito. Estou infeliz e terrivelmente aflita por Marlyne, que nunca mais será livre, que nunca mais dará aulas de francês na escola como gostava tanto de fazer. Claro, é terrível para essas pobres crianças que não fizeram nada a ninguém. Ainda não estou pronta para visitar Marlyne, ainda estou muito furiosa com ela. Os pobres garotos, sim, claro. Mas tenho raiva de Marlyne, que preferiu se distanciar de nós, sua mãe e suas irmãs, para abraçar o brilhante Principaux, para entrar nessa maravilhosa família Principaux cujo filho, Gilles, simplesmente a escravizou. Sim, ela era dócil, cordata, mas não se dava conta. Se eu tivesse ficado mais próxima? Não era possível, como eu disse, ela acabaria encontrando um pretexto para que brigássemos para sempre.

Então Gilles Principaux chegou, impaciente, nervoso, sensível.

Deixara contra a vontade a faculdade de Talence onde ensinava geografia, a irritação, no entanto, se misturara com uma súbita preocupação (a viatura de polícia estacionada na porta de sua casa) e ele se lançou ao encontro de Marlyne, acreditando, diria de modo bem convincente, que sua mulher estivesse ferida ou doente.

Em nenhum momento, diria, temera pelas crianças.

Porque amava sua mulher mais do que qualquer pessoa, sim, mais ainda do que os filhos, por quem sentia, claro, uma ternura imensa.

Mas a pessoa que despertava suas mais penosas preocupações e seus maiores impulsos amorosos era Marlyne.

Achava que os filhos conseguiriam sempre se virar sozinhos, com sua vitalidade voraz de pequenos animais, e todos os três tinham ainda uma

saúde, uma plenitude física, uma perfeição corporal que o levaram a não se preocupar com eles.

Não, nunca tivera pressentimentos mórbidos a respeito deles.

Às vezes sentia-se quase sufocado pela avidez dos filhos por existir, pela vontade imperiosa deles de estar ali, em sua própria vida, e seus pequenos corpos vigorosos e autoritários não se preocupavam em nenhum momento com o dele, com suas fraquezas, com seu cansaço, apenas em crescer o mais confortavelmente possível, ao abrigo, claro, do corpo do pai, de onde retiravam ingenuamente, selvagememente, a substância necessária para sua vida feroz.

Os filhos pequenos deixavam Gilles Principaux exausto.

Desejava outros ainda assim, muitos, cinco ou seis talvez.

Nunca imaginava situações difíceis em que os filhos corressem perigo.

Por outro lado, temia um pesadelo recorrente em que Marlyne agonizava longe dele, ele sabia, mas não conseguia chegar perto dela, e Marlyne morria sem se assegurar de seu amor por ela uma última vez.

Gilles Principaux se exprimia assim, achava *dra. Susane*, soltando belas frases sinceras, declarações estranhas, às vezes embaraçosas, mas que tinham o mérito da franqueza, enquanto o rosto de Principaux, sorrindo, exageradamente despudorado, produzia um efeito de falsidade não menos constrangedor.

— Por que aumentaria a família — perguntaram-lhe —, sendo que para você já era custoso ocupar-se de três filhos? Sendo que, segundo você mesmo disse, parecia-lhe já bem difícil dividir sua afeição? Distribuí-la igualmente por todo esse pequeno mundo?

— Queria ter outros porque sentia profundamente que era isso que Marlyne desejava — diria Principaux.

Respondendo a mesma pergunta, Marlyne reconheceria que havia desejado ardentemente o primeiro filho deles, Jason, mas que teria preferido que fosse o único.

Não ousou confessar isso a Gilles nem claramente a si mesma, pois o pacto implícito que fundara sua união, o interesse para eles, tão diferentes, de viverem juntos, tinha sido selado com a ambição de gerar numerosa e alegremente, sem nenhuma ideia religiosa envolvida, pelo contrário: eram ateus, vinham de famílias sem deus e consideravam que tinham o direito de oferecer, com todo o entusiasmo laico, belas crianças para a França (gostavam de falar assim, com humor).

Então Gilles Principaux chegara e o medo estava estampado em seu rosto, diria a policial.

A presença de Marlyne o tranquilizou brevemente: estava ali, sentada no sofá, como sempre fora, nem doente, nem ferida, nem desesperada, um pouco rígida e distante talvez, mas Gilles Principaux não tinha o costume, quando voltava da faculdade, de observar Marlyne tão de perto a ponto de ser capaz de distinguir uma noite da anterior, a atitude de um dia daquela da véspera.

Marlyne era assim geralmente, reservada, pouco falante.

Alguns a achavam chata e ansiosa ao mesmo tempo, estes poucos a encontravam de tempos em tempos sem, contudo, poder alegar ter um laço de amizade com aquela mulher solitária: pais de alunos, antigos colegas de escola com quem cruzava na rua de vez em quando.

Marlyne e Gilles constatariam em voz alta, os dois ingenuamente de acordo nesse ponto, e como se não tivessem notado antes, que Marlyne não tinha amigos.

Ela chamava de amigos os amigos de Gilles, que ele convidava para virem em sua casa jantar ou tomar um café bem raramente, pois Gilles, quando não trabalhava, gostava de “ficar tranquilo”.

Aqueles amigos de Gilles, os únicos que Marlyne citaria como sendo mais ou menos seus também, contavam-se nos dedos de uma mão.

Marlyne, além disso, teria dificuldade para lembrar seus nomes.

Confundia até o gênero, lembrando de uma Frédérique colega de Gilles como se fosse um homem, não tendo de fato nenhuma lembrança das duas ou três visitas da tal Frédérique e mentindo como uma criança quando o nome era citado:

— Sim, Frédéric,^[1] ele era gentil, acho, eu gostava dele.

E aquelas pessoas (amigos?) que Gilles Principaux parecia levar para casa diriam relutantes que nunca tinham prestado atenção em Marlyne, tiveram que admitir isso.

Era tão apagada!

Amável e terna, formalmente acolhedora, com olhar inconstante, atormentado, que levava os outros a desviarem os olhos dos seus.

Era constrangedor, ninguém sabia direito o que dizer a ela, e as perguntas que lhe faziam por educação não rendiam mais conversa: respondia escrupulosamente, sem devolver a pergunta, indiferente ou desconfortável.

Sua mãe, suas irmãs diriam que era uma jovem alegre e falante antes de conhecer Principaux.

Duas pessoas que consideravam tê-la conhecido bem nos tempos da faculdade em Bordeaux concordariam: Marlyne era alegre, normalmente falante, e suas roupas coloridas, sua maquiagem bem cuidada, a consciência que tinha de seus cabelos louro-escuros esplêndidos não

faziam dela uma mulher apagada, ao contrário: gostava de agradar, de ser admirada, era risonha e franca, leal, bonita e “feliz consigo mesma”.

Essas duas testemunhas (homem, mulher, dra. Susane não saberia precisar) confessaram que demoraram até perceber que a Marlyne dos anos de faculdade e a personagem daquela atroz notícia eram a mesma pessoa.

Os ex-colegas de Marlyne faziam comentários semelhantes.

Ela trabalhara apenas dezoito meses no colégio de Pauillac, mas tiveram muitas oportunidades de conversar com ela e de ouvir o que diziam os alunos a seu respeito para afirmarem que era uma pessoa simpática e uma professora formidável, por isso também não conseguiram estabelecer uma ligação entre sua ex-colega e a monstruosa protagonista da notícia antes de saber de alguns detalhes que os obrigariam a entender.

Marlyne Principaux havia deixado a escola de Pauillac na época de sua primeira gravidez.

Nunca mais voltara.

Com um e-mail alegre, de um entusiasmo cômico/irônico, talvez forçado quando se sabia quem ela era (mas se sabia de fato?, perguntava-se dra. Susane, com o rosto crispado, o coração agitado), Marlyne informara três ou quatro professores sobre o nascimento de Jason, sobre seu desejo de se “dedicar inteiramente aos primeiros passos na vida desse garotinho maravilhoso”, depois nunca mais dissera nada.

Queriam ter levado um presente, ter ido visitá-la, festejar de algum modo a ocasião.

Ela não permitiu.

Fugiu, adiou e depois parou de responder.

Concluíram, decepcionados, que ela desejava “ficar na dela”.

Eles a esqueceram, decepcionados.

Todos (mesmo não sendo muitos na verdade) ficaram ofendidos com o sumiço.

— Ficou claro que ela não queria mais nada conosco — diria uma professora de inglês. — Não entendemos o porquê, pois tínhamos excelentes relações com Marlyne.

Mais tarde, concluiriam que Gilles Principaux era o responsável por esse distanciamento.

Não era injusto?

Principaux teria outra versão para esses fatos.

Sustentaria ter incentivado Marlyne a receber seus colegas, a lhes apresentar o bebê, diria até ter se sentido desamparado e quase humilhado, enquanto pai, por sua mulher se recusar obstinadamente

(ainda que sem dizer isso, inerte e fechada, silenciosa, mas inamovível) a exibir, orgulhosa, o que era, apesar de tudo, o fruto maravilhoso de sua união não menos admirável.

Do lado de Marlyne, apenas sua mãe e suas irmãs visitavam Jason, cada vez com menor frequência quando compreenderam que Marlyne não pretendia voltar ao trabalho e quando passaram a sentir, ao encontrá-la, as três da mesma forma, uma raiva que não permitia mais que a visitassem “como se nada tivesse acontecido”.

Marlyne confirmaria o que disse Principaux: ele realmente a havia instado a receber seus colegas, tinha falado de um jantar ou de um drinque durante o qual enfim conheceria aqueles quatro ou cinco professores da escola de Pauillac com quem Marlyne havia convivido e de quem gostava, Marlyne confirmaria, Principaux havia falado nisso várias vezes.

Ela não dissera nada, não fizera nada, não convidara ninguém e Principaux se rendera, esquecera.

— Eu me sentia exausta, muito cansada para cuidar de um evento para amigos, eu teria que fazer tudo, Gilles trabalhava muito — diria Marlyne.

E prosseguia:

— Pensava que no fundo ele preferia que isso não acontecesse, sentia que desprezava meus colegas, que se entediava terrivelmente com a simples perspectiva de tomar um drinque com eles, teria se comportado bem e ninguém perceberia nada (o desprezo, o tédio), mas me parecia mais simples não submeter todos a um teatrinho de hipocrisia e de maldade disfarçada (de Gilles), é mais fácil não fazer nada do que se esforçar para organizar alguma coisa que pode ser constrangedora ou decepcionante ou irritante, por isso não fiz nada, não disse nada, não respondi nada, ah, foi erro meu, pois Gilles, ao contrário, me incentivava a organizar o que detestava profundamente, acreditando que estava me agradando. Mas eu o conhecia bem, ele nem tinha ideia de quanto! Nunca infligiria a meus colegas de Pauillac a provação de passar pela humilhação do julgamento sarcástico e mudo de Gilles, sim, foi erro meu, Gilles não fez nada, ele é o que é, e só, eu o amei assim, como ele é, o que poderia criticar nele? Senão ter me levado a temê-lo e a execrá-lo, mas não sou responsável por meu erro de tê-lo amado, depois de ter abdicado de meu julgamento em favor do seu, de ter pensado que qualquer das minhas ideias, opiniões, vontades podia virar a “cláusula de nulidade” (ria quando dizia isso, não é?) se Gilles não a ratificasse?

Foi erro meu, diria Marlyne, pois Gilles costumava mostrar-se agradável comigo, tentava me ajudar com as crianças, apesar do cansaço,

ou ao menos me perguntava se precisava de ajuda, ao que em geral eu respondia que não, mas isso me dava prazer e ele sabia, e por isso não cansava de oferecer.

No fundo, diria Marlyne, não tenho nenhuma queixa com relação a Gilles. Cheguei a ficar tensa quando o ouvi chegar em casa naquela noite, a temer suas críticas melosas e suas posições muito firmes com relação à educação de nossos filhos e ao nosso modo de vida, à moral que achava que adotávamos, mas não o incrimino. Eu falava pouco. Não me exprimia claramente. Como ele poderia imaginar que eu não aguentava mais as crianças, que rezava para que Gilles morresse com eles num acidente para me ver livre, triste e aflita e liberada enfim de seu olhar onisciente, do olhar de Gilles que examinava e condenava enquanto seus lábios se abriam num eterno sorriso?

Não culpo Gilles Principaux, concluiria Marlyne. Gostaria de nunca mais revê-lo, não sinto por ele nem compaixão nem ternura, mas não o culpo. Ele nunca fez nada que pudesse ser classificado como infame. Aspirava sinceramente a ser uma excelente pessoa, bom pai, bom marido, Gilles Principaux não é perverso, e se cheguei a abominá-lo, a sonhar com sua morte (ou seu fim, sua ausência repentina e definitiva da minha própria existência), culpo minha fraqueza, não as suas.

Imploro a vocês, diria Marlyne (mãos postas, pálpebras trêmulas), não fiquem tentados a associar Gilles Principaux à minha culpa, a me desculpar em parte para condenar esse infeliz que, vítima de um destino horrível, teria ainda que explicar (na certa desajeitadamente) por que acha que não teve um papel nefasto no horror que o atinge.

Não, nem Gilles nem Marlyne acusariam um ao outro, o que, nesse ponto, pareceria suspeito, sobretudo por parte de Gilles.

Por que parecia não odiar sua mulher criminoso?

Querer defendê-la contra, moralmente, o interesse de seus filhos assassinados (ou mortos, três inocentes)?

Parecia quase prestes a culpar as crianças para defender sua mulher, evocando, ainda que de maneira vaga, elíptica, a personalidade difícil de Jason, as raivas inexplicáveis de John, e até (uma única vez, no entanto) o “egocentrismo” de Julia, a bebê.

Assim como Marlyne em relação a ele, Gilles Principaux não tinha críticas a ela.

Só podia desaprovar sua mulher pela morte (ou assassinato) de seus filhos.

De resto, a amava e a estimava, diria.

Nunca tivera problemas graves com Marlyne.

E não podendo fugir da questão ou impedir que a fizessem, os dois

responderiam em uníssono: tiveram uma vida sexual fantástica (para ela), formidável (para ele).

Sempre se entenderam nessa questão, eram ao mesmo tempo ousados e decentes, e sempre “escutando os desejos do outro”, diriam.

Gilles jamais constrangera Marlyne, Marlyne nunca obrigara Gilles ao que quer que fosse, apesar de, conforme suas palavras, tê-lo odiado no fim, ter desejado vê-lo morrer com seus filhos sem que precisasse fazer nada, ter desejado ser livre e inocente — mas fizera a escolha de ser livre e terrivelmente culpada.

Principaux se mostraria tão leal a Marlyne, que seria acusado de duplicidade e de ter levado Marlyne ao assassinato com interesses próprios.

Dra. Susane não concordava com isso de jeito nenhum.

Podia ser simplesmente, ela achava, que a dor de Principaux tivesse uma forma pouco comum.

Suas próprias dores não tinham formas indistinguíveis, suscetíveis de enganar aqueles que achavam que melhor a conheciam?

A atitude de Principaux surpreenderia os dois policiais já terrivelmente afrontados com a visão das crianças mortas.

Pois ele se recusara a ser protegido dessa visão, insistira (quase brigara) para ir ao quarto ver os pequenos deitados.

Depois teria se sentido mal, mas isso não é certeza.

A policial diria que o viu cambalear, agarrar-se ao batente da porta.

Seu colega afirmaria que ele ficara firme de pé, e o próprio Principaux não se lembraria de nada, levando a entender que o mal-estar justamente havia provocado essa amnésia.

Apenas a policial afirmaria que Principaux vacilara quando se deparara com os filhos mortos, em sua própria cama de pai de família, onde havia concebido, no decorrer de uma vida erótica sadia e maravilhosa, aqueles três corpinhos perfeitos.

Seu colega a contradiria nesse ponto e seu testemunho, mesmo neutro, seria interpretado como uma nova prova da estranha frieza de Principaux, de modo que, notaria dra. Susane, aquela que agira, aquela que “executara” (diziam alguns) o ato criminoso ou assassino pareceria menos condenável que o pai com suas reações surpreendentes.

A razão pela qual esse homem teria se comportado assim ganhava mais importância em algumas reportagens, do ponto de vista da curiosidade, do que os motivos da culpada.

Depois que Principaux, vacilante ou não, naturalmente destruído ou não

o suficiente (expressão devastada, diria a policial, bastante calmo, segundo seu colega, era possível, pensaria dra. Susane, exibir uma expressão ao mesmo tempo calma e devastada?), deixou o quarto onde jaziam os filhos (ficou à porta, não se aproximou da cama), juntou-se a Marlyne, desabou ao lado dela no sofá.

O fato de ter, ao que parecia, entendido imediatamente o que acontecera fez aumentar as dúvidas dos policiais.

Não fez perguntas, não quis saber como o drama havia se desenrolado, quem era o autor, não assumira, entendia dra. Susane, o papel de quem não suspeitava de nada.

Será que poderia, ainda nesse momento, acreditar em um “acidente doméstico”?

Os dois policiais diriam que essa hipótese nem mesmo despontara em suas mentes, que nunca consideraram que aquele homem sensato, sóbrio e lúcido poderia acreditar que seus três filhos haviam morrido juntos, por acidente, durante o mesmo banho.

Principaux apenas não parecia suficientemente “emocionado”.

No entanto perguntara à policial (o colega não se lembraria com clareza, mas Marlyne confirmaria, ainda que hesitante, impenetrável) se caso tivesse voltado mais rápido, tivesse entrado em seu carro assim que Marlyne pedira que fosse para casa, se teria conseguido chegar antes que Marlyne agisse.

Será que os salvaria, devia ter perguntado, se tivesse chegado mais cedo?

A policial, claro, não sabia.

Absteve-se de responder o que quer que fosse.

Deu um tapinha em seu ombro, o homem lhe despertava pena, mas não podia fazer nada por ele.

Dra. Susane dedicou sua tarde a ler tudo o que pudesse encontrar sobre o caso Principaux e a tomar notas inflamadas, imaginando o que não diziam, o que ninguém poderia saber ainda.

Quando voltou para casa, a noite já caía havia muito tempo.

E mesmo tendo demorado no escritório, e depois andado devagar no frio, exatamente para não encontrar Sharon, ela ainda estava lá quando dra. Susane chegou, trabalhando na cozinha, as faces, a testa curiosamente avermelhadas.

Um enorme cansaço abateu-se sobre dra. Susane.

Não tinha coragem, naquela noite, de conversar com Sharon.

— Sharon, está muito tarde, você precisa ir embora imediatamente

— disse-lhe com suavidade, desviando o olhar do rosto encalorado da jovem.

— Sim, acabei de preparar o jantar, já vou — respondeu Sharon.

Dra. Susane tirou o cachecol laranja da bolsa, pendurou-o no cabide.

Sem olhar para dra. Susane, que, aliás, sentia um cansaço tão grande que a imobilizava numa apatia muito oportuna, Sharon pegou o cachecol laranja, enrolou-o no pescoço num gesto voluntarioso, quase violento, e deixou o apartamento depois de resmungar:

— Até amanhã.

Dra. Susane descobriu na cozinha uma cena feérica — ou de “arrepiar os cabelos”, como diria aos amigos revirando os olhos para parecer engraçada, mesmo que não tivesse sentido medo algum, mas sim uma euforia pura, plena de gratidão.

Achava mais fácil, com seus amigos, ser irônica em relação a Sharon, pois Sharon tinha o poder de feri-la por muito pouco.

Porém, soube logo, ao entrar na cozinha, que Sharon quisera muito deixá-la feliz naquela noite, fazer com que perdoasse qualquer coisa sobre a qual achava melhor calar ou de que tinha muita vergonha de falar e considerava mais simples agir assim, desnudando seu coração na cozinha.

Sobre cada superfície plana, bancada, prateleiras, mesa, em cima da geladeira, até sobre a cadeira e a banqueta, que tomou o cuidado de enfeitar com um tecido florido, Sharon deixara uma tigelinha, um prato ou uma panela em miniatura contendo uma comida muito elaborada, constataria dra. Susane.

Nunca Sharon, que sempre preparara jantares deliciosos, cozinhará para dra. Susane com tamanho refinamento.

Cada prato continha apenas uma porção, cada prato era diferente do que estava ao lado, o que significava que Sharon preparara separadamente, em pequenas quantidades, uma dúzia de pequeninas delícias.

Dra. Susane não reconhecia a maior parte dos recipientes, certa, por exemplo, de jamais ter tido em casa essas minúsculas panelas de ferro coloridas nas quais Sharon havia disposto as preparações quentes — adoráveis, fúteis, panelinhas fofas cujo conceito dra. Susane reprovava e que, sabia, custavam muito caro.

Seria possível que Sharon tivesse comprado aquelas quatro panelas microscópicas, aquelas tigelinhas com estampas japonesas, aqueles pratos delicados, que se ofereciam modestamente, mas de forma sentimental e vibrante (dotados de uma alma!) à admiração de dra. Susane?

Os pratos a saudavam com graça, pediam-lhe educadamente que se aproximasse.

Eram de fina porcelana e suas bordas não poderiam ser mais delgadas, sua opalescência mais sutil.

Dra. Susane nunca teria oferecido a si mesma uma louça tão bonita.

Não teria ousado, por comedimento, e também jamais sonhara com isso, de forma que não renunciara a nada.

E agora as tigelas azuladas, os pratos iridescentes a contavam sobre sua alma.

Ganhamos vida quando você nos observa e nos toca, então nos contemple, nos aprecie como merecemos!, diziam as tigelas de Sharon para dra. Susane.

Desperte-nos, nos tire do torpor em que nos fazem mergulhar os olhares ignorantes!, clamavam em silêncio as tigelas.

Então dra. Susane levantou delicadamente cada uma das tampas, cheirou e observou o que os recipientes continham: na panelinha verde-água, dois fígados de coelho com alho e cebola polvilhados com coentro fresco, na panelinha azul-anil, uma coxa de frango cozida lentamente num molho verde e cremoso (azedinha?), e na panelinha amarelo-clara, um risoto de aspargos.

Quanto aos pratos, às tigelas, Sharon os havia charmosamente preenchido: 1) salada de batatas, rúcula e cebola-roxa, 2) espelta com tomates secos, 3) terrine de frango, cenouras, alho-poró, limão em conserva, 4) carne fria com pimenta e sal grosso, tiras de pepino em conserva, 5) salada grega de erva-doce, 6) cogumelos à grega (cogumelos-paris frescos, sendo que dra. Susane só os conhecia, na acepção “à grega”, em lata, pois seus pais os compravam no supermercado numa preparação suspeita engrossada com gelatina), 7) camarões-rosa salteados a seco, braseados, polvilhados com pimenta-de-sichuan, 8) crozets[2] com fatias de queijo Beaufort, 9) atum selado com gergelim.

Dra. Susane, mesmo preferindo jantar rapidamente para depois refletir sobre o caso de Marlyne Principaux, fez da degustação dos pratos de Sharon uma questão de honra.

Não aguentava mais.

Ainda assim, se forçou, comeu até quase vomitar.

A ideia de ofender Sharon a horrorizava.

Também não poderia pensar em ludibriá-la, jogar fora o que não conseguisse comer para enganar Sharon, enfiando a comida em um saco de lixo que esconderia em sua pasta de advogada.

Não, uma comida assim não podia ser desperdiçada — um trabalho daquele, um presente daquele oferecido à dra. Susane, e uma despesa daquela também!

Contra quem pede desculpas ou se arrepende dessa maneira não se pode colocar uma razão válida para não as aceitar inteiramente, e com o esforço, o pequeno sacrifício que esse consentimento implica.

Dra. Susane lavou com cuidado todos os recipientes, enxugou-os e arrumou-os sobre a mesa.

Tinha comido tanto que sentia uma espécie de vertigem, como se tivesse bebido demais.

Depois demorou para dormir e acordou três vezes durante a noite, sentindo-se pesada, carregada, fraca, mas, quando, em vigília, lembrava-se da origem dessa indisposição, um impulso de gratidão e de alívio a aproximava de Sharon, a quem então agradecia interiormente.

Quem na vida adulta de dra. Susane se dera ao trabalho de reverenciá-la? Mesmo ao custo de uma indigestão e de uma noite horrível?

Era a época dos dias escuros de gelo e neblina em Bordeaux.

Dra. Susane tentava se lembrar o mais precisamente possível de sua tarde na casa dos Principaux (se é que tinham mesmo esse nome) quando tinha dez anos e Gilles (se é que era ele), catorze (ou quinze, talvez?).

Tinha, na verdade, uma lembrança tão clara desse dia fabuloso que chegava a duvidar dela mesma, de sua memória.

Seria possível que tudo tivesse acontecido com tanta harmonia?

E era possível atribuir a intuição do sr. Susane, segundo a qual as duas haviam sido atraídas e violentadas naquela bela casa de Caudéran, ao ciúme ou ao medo e a uma necessidade primária dele de defender seus sóbrios costumes contra os desregramentos sedutores dos burgueses?

O sr. Susane era um homem correto, um marido leal e um pai íntegro, e no fundo um homem seguro de si.

Por que então via algo de abjeto nessa história, e que crédito dar a sua percepção das coisas?

Ela tinha lembranças, enquanto ele tinha apenas impressões.

Por que se sentia obrigada a proteger suas lembranças das impressões do sr. Susane?

Suas reminiscências, como se estivessem manchadas com o ceticismo de seu pai, pareciam menos claras, menos certas.

Ainda assim a dra. Susane resistia.

Duas pessoas sabiam o que havia se passado naquele quarto, o garoto e ela.

O sr. Susane, mal armado com seus preconceitos, seu instinto alterado, não tinha o direito de influenciá-la.

Ou talvez sim, já que ela era sua filha e ele a amava?

Dra. Susane escorregava nas calçadas congeladas com mais frequência do que o normal, andava muito rápido, distraída, preocupada.

Uma pequena veia saltara em sua têmpora, e pulsava.

Sentia-a viver e bater como uma embaixadora de seu coração, este não se revelava — mas a veiazinha mensageira trazia a verdade!

No correr dessa longa semana gelada, tenebrosa, durante a qual dra. Susane aguardava que Marlyne Principaux lhe pedisse oficialmente para defendê-la, Rudy a convidou para jantar num restaurante da Rue Saint-Rémi de que os dois se diziam frequentadores, mesmo que só fossem ali raramente e nunca um sem o outro, e cujos funcionários nunca pareciam reconhecê-los, assim como Rudy e dra. Susane também não guardavam seus rostos, atribuindo isso à alta rotatividade da equipe, no entanto admitindo que se a mesma garçonete os tivesse atendido todas as vezes talvez nem notassem por causa da intensidade prazerosa mas exaustiva que permeava os encontros dos dois na Brasserie Bordelaise.

Dra. Susane conhecera Rudy no escritório em que trabalhara.

Ele, como ela, era um advogado recém-formado, inquieto, mas generoso, ansioso para se provar capaz e pronto para o total autossacrifício, todas as qualidades que a dra. Susane reconhecia nela mesma.

Todos os jovens advogados contratados por aquele escritório renomado da praça Tourny tinham essas qualidades em diversos graus de intensidade.

O que unira dra. Susane a Rudy (ela entendia isso, ele não) era o fato de que seus respectivos meios não os prepararam para uma carreira como essa, para esse sucesso, nem para conviver com os jovens do tipo que o escritório havia contratado junto com eles: jovens vindos de famílias ricas do centro da cidade ou dos vinhedos.

Os pais de Rudy haviam trabalhado nos vinhedos de Médoc.

Eram espanhóis, tinham se instalado em Margaux havia cerca de cinquenta anos.

Os irmãos e as irmãs de Rudy foram trabalhar nos vinhedos assim que saíram da escola primária.

Já Rudy dedicou-se a cursar o ensino médio, passar no vestibular, mesmo que por um triz, estudar direito, se sair bem em todas as provas.

Como não era brilhante, mas trabalhador e corajoso, obstinado, sempre lhe parecia que fora admitido no último minuto, quase que por engano.

Seus pais lhe diziam, além disso, mais aliviados do que felizes a cada anúncio de uma conquista ou, para eles, o adiamento de um fracasso:

— Que sorte, meu deus, que sorte!

Por isso temiam a queda, que podia ser ainda mais dura, porque Rudy estava desafiando seu destino de filho de agricultor e cobiçando, mesmo tremendo de medo, mais do que lhe era devido.

E como ele tremera!

O fato de ter alcançado sua meta, quer ajudado quer atrapalhado pela confiança pétrea em suas capacidades, emocionara dra. Susane quando se conheceram no escritório, se farejaram e se acharam parecidos, ou pelo menos foi disso que ela se convenceu.

Rudy ficava estupidamente ofendido só em ouvir falar em amor por afinidades de meio, de condição.

— Que diferença faz — ela perguntava rindo, nos primeiros tempos de sua relação — que tenhamos ido um ao encontro do outro por sermos os únicos a vir de onde viemos? Será que nos amamos menos por isso?

Ela não dizia a Rudy: E que importância tem o amor? Basta nos entendermos, conversarmos, nos divertirmos juntos, não é?

Não lhe dizia isso porque Rudy queria amar plenamente.

Que cansa isso dava de vez em quando!

Eu te amo muito, Rudy, dra. Susane nunca lhe disse, e essa declaração que você acha decepcionante corresponde ao máximo de minha capacidade de amar. Como resisto à ideia de amar mais, como não acredito na paixão, e como me desagradam, de qualquer forma, as obrigações de um amor como esse, sejamos excelentes companheiros, amemo-nos com tranquilidade e energicamente.

Mas Rudy era um homem sentimental.

Viveram juntos por três ou quatro anos num apartamento antigo no bairro de Saint-Michel, de onde saíam juntos todas as manhãs para ir ao escritório, então, dra. Susane, aliviada, concordou com o pedido de Rudy para se separarem por um tempo, pedido ou prece que formulou com tanta tristeza que ela não teve coragem (amava-o muito!) de demonstrar um sofrimento moderado e muito menos a alegria que sentia ao se imaginar por fim sozinha.

Chorou com ele, soluços secos e falsos, achando que o ajudava, pois

ele queria ir embora acreditando que a estava fazendo sofrer e se culpando terrivelmente pelo que imaginava ser a aflição de dra. Susane.

Havia choramingado, enquanto seu coração na verdade pulava de alegria.

No entanto, ainda se sentia culpada em relação a Rudy, pois o havia enganado sem querer, sem tentar agir de outra forma, e lhe dera todas as razões para que ele achasse que ela o amava à sua própria maneira.

E quando Rudy, consternado por perceber que não amava mais dra. Susane com a mesma paixão, que descobria defeitos importantes nela e, sem dúvida, se ofendia com a afeição leal que ela lhe devotava em troca do amor soberano que ele lhe oferecia, quando Rudy anunciou com muito cuidado que estava pensando em ir embora, mentiu para ele também com lágrimas e palavras consternadas, para poupá-lo, achava, pois ele assumira o papel do mais sensível entre os dois.

Dra. Susane, durante sua história com Rudy, sempre se sentira devedora: ele se dedicara, ela lhe dera muito menos em troca.

A ideia de que Rudy deveria compreender quem ela era e como amava, que ela fizera às concepções que ele tinha sobre o amor concessões que ele mesmo não faria, indignado, em favor da teoria que dra. Susane construíra para si mesma do que deveria ser um casal sempre rondara silenciosamente sua consciência.

Mas não pensava mais nisso.

Ficava sempre feliz em rever Rudy, seu mais antigo amigo, o mais seguro, o único, na verdade, em quem ousava confiar de vez em quando.

Sua impaciência para lhe falar sobre os Principaux a deixava febril, enquanto ele contava com melancolia histórias divertidas sobre sua filha de sete anos.

Contava porque sabia que dra. Susane tinha carinho pela menina.

Contava sem muito prazer, apenas para divertir dra. Susane, como fazia em todos os seus encontros.

Rudy conhecera após a separação uma tabeliã, casaram-se, tiveram Lila e se divorciaram.

Rudy sentia uma amargura incurável.

Mais uma vez o Amor fora traído, dizia dra. Susane secretamente para si.

Rudy ficava com Lila de quinze em quinze dias, e uma vez a deixou por uma noite com o sr. e a sra. Susane, que foram buscar a menina em Bordeaux, levaram-na para La Réole e a reconduziram para a casa do pai no dia seguinte.

Dra. Susane tivera a ideia desse arranjo num dia em que Rudy se queixara de não poder ficar com Lila algumas noites, quando precisava

sair do escritório depois da meia-noite.

— Meus pais poderiam ficar com ela de vez em quando, se for conveniente para você — havia proposto dra. Susane espontaneamente, sabendo da afeição que seus pais sempre tiveram por Rudy, sua tristeza quando ele saía de casa, sua alegria um pouco melancólica quando souberam que Rudy havia tido uma filha.

— Deveria ser sua — dissera a sra. Susane, e dra. Susane replicara com um pequeno sorriso, por se sentir tão próxima de Rudy:

— Mas é um pouco minha, sabe!

Todos ficaram satisfeitos com o arranjo, a começar pela criança, pensava dra. Susane, que encontrava em La Réole, no amável, leal, indefectível lar dos Susane, uma constância de atmosfera, hábitos e horários que não vivenciava de jeito nenhum na casa do pai nem, é óbvio, na casa da mãe tabeliã, que envenenara o comportamento de Rudy e estava completa e irremediavelmente desequilibrada, segundo ele.

Dra. Susane confessava sentir alguma simpatia por aquela mulher que se libertara da paixão.

Rudy não se comportara melhor dessa vez.

Ele se sentia enganado, nunca errado.

Afirmava que ainda estava em busca da mulher que saberia apreciar a maneira como se entregava quando amava, assim como ele era capaz de reconhecer tamanha graça e retribuí-la.

Mas dra. Susane tinha a impressão de que a paixão havia abandonado Rudy, que ele não ficava mais tão impaciente querendo se apaixonar, nem tão animado quando achava que estava apaixonado, o que o levava à loucura.

Ela o criticava com indulgência.

Afinal ele não era, no fundo, seu único amigo de verdade?

Envelheciam juntos, de algum modo.

Rudy era alto, magro, todo ossos e tendões, dra. Susane era alta e larga, uma torre majestosa.

Formaram, segundo a sra. Susane, que teve muita dificuldade para aceitar a separação deles, “um casal bizarro, mas soberbo”.

Quando Rudy concluiu seu relato sobre os pequenos feitos de Lila, dra. Susane logo contou que estava brigada com os pais.

Até admitiu, tomada por uma dolorosa emoção, que bloqueara o número de sua mãe.

— Não é hora — disse ela — de pedir para ficarem com Lila.

Rudy olhava-a sem entender.

— Você quer dizer que rompeu com eles?

Rebateu, surpresa, que não se tratava disso.

Então de repente teve uma ideia:

— Você se lembra da Sharon que faz faxina na minha casa? Ela poderia cuidar da Lila, acho que concordaria.

— Mas você rompeu com seus pais? — disse Rudy.

Ele parecia de repente tão aflito, tão desorientado, que dra. Susane quase respondeu com aspereza.

Disse suavemente:

— Foram eles que não quiseram mais saber de mim, ou melhor, meu pai.

Soltou um risinho:

— Ele só concorda em voltar a me ver e a falar comigo se eu declarar ter sido vítima de um jovem há trinta e dois anos. Não sabe nada, não enxerga, suas ideias são lamentáveis. E quer de todo modo que eu tenha sido... que tenha sido seduzida e violada. É absurdo, obsceno, e tenho que lutar contra meu próprio pai para não transformar minha lembrança, para que ela não se ajuste ao que ele imagina! Por que quer tanto que tenham abusado de mim? Que vantagem ele vê, me diga, em conseguir minha confissão depois de tantos anos?

Dra. Susane riu novamente, um pouco forte demais em sua opinião.

Ó meu coração impetuoso, acalme-se, não se desnude assim!

— Sua confissão? Que confissão? — perguntou Rudy, confuso.

— Não falei em confissão — disse firmemente.

— Sim, foi a palavra que você pronunciou, confissão. Você estava rindo, mas eu ouvi bem.

Nesse momento, a garçonne veio anotar os pedidos e dra. Susane, aliviada, extenuada, fingiu hesitar entre diferentes pratos para que esse instante durasse mais, para que depois disso não parecesse tão natural retomar a conversa no ponto em que fora interrompida, como não imaginamos ser possível, pensou, mergulhar de novo no mesmo pesadelo uma vez que uma eventualidade externa nos tenha livrado dele.

De fato, quando a garçonne foi embora, Rudy voltou a Lila, às alegrias que a garotinha lhe proporcionava, mas principalmente às dificuldades que tinha para cuidar dela, e quando a dra. Susane sugeriu outra vez que Sharon tomasse conta de Lila, Rudy se animou, interessado, entusiasmado, como se tivesse esquecido o que dra. Susane relatara além disso.

Ela se aplaudiu.

— Como às vezes a Sharon trabalha até tarde em casa, poderia ficar com a Lila lá, vai ser bom para ela ganhar um pouco mais — disse, se

repetindo, conversando aliviada.

— Sim, excelente ideia.

Rudy sorria, repleto de gratidão.

Ele não sabia, achava dra. Susane, como a amava e precisava dela — pobre, pobre Rudy!

Perguntou-lhe de repente:

— O que você sabe sobre a família Principaux?

— Bem — disse Rudy depois de um tempo —, é a da história da mulher que matou os filhos, não é?

— Sim, mas você conhece outras pessoas com o sobrenome Principaux?

Rudy pensou, balançou a cabeça:

— Não, acho que não. Por quê?

— Uma tal de senhora Principaux explora a Sharon vergonhosamente.

Dra. Susane começou a sussurrar, num tom conspiratório e tão baixo que Rudy teve que curvar seu enorme corpo sobre a mesa para ouvi-la melhor.

— Faz Sharon trabalhar sem nenhuma moral, aproveita-se de sua vulnerabilidade para pagá-la quando lhe apraz, pune-a por ninharias, sim, está vendo, ela ousa julgar e punir uma adulta. Resumindo, faz de Sharon praticamente sua escrava.

— Ah, e o que você quer fazer? Denunciá-la?

— Não posso fazer isso, eu também não emprego Sharon legalmente, ela ainda não está com o visto em dia, estou trabalhando nisso. Mas, veja bem, não consigo suportar a ideia de que essa tal de Principaux se aproveite da situação.

Como se tivesse sido alertado pelo tom de dra. Susane, Rudy recuou, recolheu seu torso musculoso e se sentou na cadeira circunspecto.

— Você não havia me dito que Sharon não tinha visto...

— Ela o terá logo, não é esse o problema. Não se preocupe, ela cuidará de Lila melhor do que qualquer babá contratada.

Dra. Susane não achou que estivesse mentindo para Rudy mesmo sabendo, por um lado, que não obteria rapidamente a regularização de Sharon e, por outro, que não tinha a menor ideia de como Sharon se comportava com crianças.

Ainda assim ela sabia.

Quando cruzara com Sharon no mercado e ela fingira não a reconhecer, dra. Susane ficara de coração partido: Sharon não queria apresentar seus filhos, dar a honra a uma mulher como a dra. Susane de conhecer dois pequenos seres admiráveis.

Atravessara rapidamente seu caminho, com os braços sobre os finos ombros do filho, da filha, protegendo sua inocência.

Dra. Susane, desde o começo, sentia que Sharon a via como uma mulher sombriamente, profundamente corrompida — um terreno pantanoso.

E a dra. Susane odiava que Sharon pensasse assim.

Dra. Susane se sentia tão inocente em relação ao que a intuição bruta de Sharon a acusava quanto eram as duas crianças graciosas, amáveis, delicadas, sobre os ombros das quais Sharon havia posto ostensivamente seu braço protetor e puritano.

Era esse braço, pensava dra. Susane com raiva, o peso edificante desse braço que corrompia o coração franco das crianças.

O que pensariam de dra. Susane no dia em que a conhecessem, porque isso acabaria acontecendo, e se lembrassem talvez de ter cruzado com ela no mercado?

Eles se lembrariam perfeitamente, porque a mãe, com seu braço de repente pesado e pressionando seus ombros, os preservara de um contato supostamente perigoso com dra. Susane, *os retirara de sua órbita deletéria?*

Às vezes ela detestava Sharon, que, ao que parecia, resolvera sozinha o processo de dra. Susane, a julgara e condenara severamente sem que a interessada tivesse a menor ideia do que era acusada.

Ela intui alguma coisa em mim, mas de que tipo?

Para ela eu não sou limpa, mas meu deus, o que posso ter feito que me deixaria suja a ponto de Sharon perceber (uma emanção da minha pele, dos meus cabelos, do meu olhar talvez) e por isso me dedicar um ódio repleto de medo e repugnância?

Ah, sim, a dra. Susane experimentava às vezes por Sharon um ódio

verdadeiro por ser tão injustamente avaliada pela jovem.

Apenas o senso heroico da honra profissional a impedia de mandar tudo pelos ares, mandar Sharon embora, destruir o processo Família Sharon e esquecer definitivamente aquela gente.

No entanto fora sincera em sua indignação que revelara a Rudy: a ideia de uma Principaux ou de qualquer outra sendo violenta com Sharon a enchia de uma raiva que jamais sentira em relação a seu próprio caso.

Pôs a mão sobre a de Rudy, ele a segurou.

Eram amigos para sempre.

— Quero fazer justiça à Sharon — disse-lhe —, e à Marlyne também.

Mas eu não as amo!

Como não as amo!

Depois, quando a garçonete trouxe os steak tartare, dra. Susane descreveu para Rudy o banquete que Sharon preparara para ela, como ficara alegre com as comidas.

Arrependeu-se na mesma hora de ter expressado uma intimidade, uma coisa só sua que nem Rudy, seu único amigo de verdade, precisava saber.

Mas ele não fez nenhum comentário.

Não entendia nem o sentido nem o interesse, pensou dra. Susane, tranquilizada, e a cozinha, as receitas o entediavam.

— Por falar nisso — ele disse quando chegou o café —, você não me explicou o que seu pai quer que você conte exatamente. Será que está enganado ou é você que não quer contar o que ele sabe? Aliás, o que ele sabe? Do que se trata exatamente?

— Ele não sabe nada — respondeu dra. Susane apressadamente. — Está imaginando coisas, alimenta as imagens banais que sua mente constrói a partir do que vê na televisão. Acha que é seu dever de pai imaginar o pior, mesmo sem nenhum fato.

— Então o que você chama misteriosamente de “o pior” nunca aconteceu? — perguntou Rudy.

— Não — disse firmemente dra. Susane. — Só aconteceu o melhor.

Dra. Susane sabia que Sharon, por iniciativa própria, não lhealaria das “duas outras mulheres” para quem trabalhava.

Dra. Susane não lhe disse nada sobre esse assunto.

Elogiara muito o jantar feérico e de contrição, entendendo que era o jeito de Sharon se desculpar por ter mentido para ela por omissão.

No entanto era provável que Sharon continuasse indo à casa das

outras mulheres e dra. Susane não a recriminava agora que sabia, e que Sharon sabia que ela sabia.

Dra. Susane não pensou nem um instante em reduzir o salário que pagava a Sharon sob o pretexto de que se ausentava durante várias horas de seu local de trabalho, porque isso não mudava em nada o estado de perfeição em que Sharon deixava o apartamento.

Fez apenas uma pergunta, com uma voz tão meiga quanto possível:

— Essa sra. Principaux, Sharon, qual é o endereço dela? E a sra. Pujol — acrescentou rapidamente —, onde mora?

Não dava a mínima para a sra. Pujol!

Nem para as vilezas da sra. Pujol!

Parecia-lhe poder perdoar mais facilmente as piores baixezas da sra. Pujol em relação a sua empregada do que as mínimas imundícies de uma Principaux.

Não queria, porém, que Sharon conhecesse seus fantasmas.

— Prefiro escrever — disse Sharon.

Virou o rostinho orgulhoso empoleirado no alto do pescoço frágil — e seus cabelos longos, lisos, leves, que suas minúsculas orelhas mal seguravam —, Sharon fez o gesto que dra. Susane apreciava: as unhas exauridas dividiam a cabeleira para colocá-la de volta no lugar, atrás das orelhas delicadas, e deixavam uma marca persistente, como sulcos numa terra preta.

Dra. Susane e Sharon estavam na cozinha.

O sol frio iluminava suavemente as quatro panelinhas de ferro cintilantes que dra. Susane dispusera numa prateleira, bem à vista.

Sharon pegou um pedaço de papel-toalha e dra. Susane correu para apanhar uma caneta na bolsa.

Depois, quando Sharon foi embora, dra. Susane desdobrou o pedaço de papel que Sharon havia dobrado seis vezes: Princip place pey berland 27 cod 5632 Puj rue rosa bonheur 30.

A neve caía todas as noites, derretia pela manhã, depois o frio voltava e congelava a água suja nas calçadas.

Uma prostração brumosa invadiu Bordeaux, todos os desejos pareciam suspensos.

Dra. Susane esperava ainda um sinal de Marlyne Principaux, que já considerava indevidamente, imprudentemente uma cliente.

Com dificuldade, dando passinhos e escorregando, caminhou até o número 27 da Place Pey-Berland sob a luz contida e pura de um implacável dia de inverno.

— É perigoso andar de bicicleta no gelo — dissera a Sharon —, preferia que você não viesse trabalhar nesses dias.

Sharon respondera exatamente o que a dra. Susane achava que responderia, e no tom cortante e indiferente, contrariado e infeliz que dra. Susane adivinhara:

— Eu venho, não tem problema.

— As outras mulheres não disseram nada? Não disseram para você não andar de bicicleta agora?

— Eu não falo com as outras mulheres — disse Sharon —, não cuido da vida delas e elas não cuidam da minha.

— Quando você vai me trazer sua certidão de casamento, Sharon? — perguntou então dra. Susane bruscamente.

Como penava para conter a raiva que tinha das outras patroas!

Temendo que Sharon julgasse que seu tom brusco fosse dirigido a ela, acrescentou suavemente:

— Já lhe disse, preciso dela para o processo. Se achar que pode encontrá-la...

— Sim — disse Sharon, irritada —, só preciso de um tempo para procurar.

Levantou as sobrancelhas, deixando evidente, real, seu esforço para ser paciente com dra. Susane — já não conversamos sobre essa história de certidão de casamento?

— Preciso montar o processo — resmungou dra. Susane, quase se desculpando.

— Sim, sim, claro — disse Sharon, como se tivesse dado um tapinha no braço de dra. Susane para acalmá-la.

Ela estava então, para grande surpresa da dra. Susane, inegavelmente condescendente.

Ela ficou imóvel por alguns segundos diante do grande portão verde-oliva do número 27, os pés enfiados nas botas e bem separados sobre a calçada escorregadia, o casaco de lã cinza bem apertado na cintura — cinzentos também os cabelos curtos e cheios, antes excessivamente longos, brilhantes, orgulhosos.

Quando criança, dra. Susane tinha um cabelo que a enfeitava, e tinha lhe dedicado longas horas frívolas, obcecadas, vaidosas.

Seus pais, principalmente o pai, vangloriavam-se dos cabelos dela.

A sra. Susane não os tinha tão bonitos.

Já o sr. Susane sempre fantasiara a esse respeito: se sua filha não era “bela para ser pintada”, era no entanto dotada de uma cabeleira tão profusa, brilhante, enigmática e perfumada, que se sentia rico indireta

ou até diretamente, pensava às vezes dra. Susane.

Evitava se lembrar, pois a lembrança a deixava muito triste, que seu pai fora tomado pelo desespero quando ela cortou os cabelos, passou, então, muito tempo contrariado, como se fosse sua própria cabeleira que tivesse sido cortada, o sr. Susane, que não se orgulhava de nada — como se quisessem rebaixá-lo e humilhá-lo, o sr. Susane, que não tinha nada do que se orgulhar a não ser os cabelos luxuriantes da filha.

Agora dra. Susane tinha cabelos curtos, grisalhos e espessos, às vezes arrepiados quando os penteava automaticamente com muita força na mão.

— Você passa uma tarde com essa gente e então corta os cabelos! — exclamara o sr. Susane, inconsolável.

— E daí? — sussurrara dra. Susane do alto de seus dez anos, num tom levemente ameaçador. — Que diferença faz para você? Estavam na minha cabeça e não na sua!

O sr. Susane batera em retirada, pouco habituado às brigas, aos gritos, detestando naturalmente a dissensão e tendo acima de tudo um carinho tão grande pela filha que não podia imaginar contrariá-la, sob o risco de que ela pensasse que a amasse menos.

No entanto, a amara orgulhosa e incontestavelmente enquanto ostentava o esplendor de mil reflexos castanho-dourados sobre sua cabecinha que, no mais, era comum — não a teria amado, depois, com raiva, com distanciamento, como se a dra. Susane tivesse sacrificado o que ele preferia nela ou, mais exatamente, o único elemento físico que não decepcionava o sr. Susane?

Porque sabia, desde pequena, que não era bonita.

Ela sabia, sem que ninguém tivesse falado com ela sobre isso, que a irreparável ausência de beleza numa filhinha querida só poderia desapontar cruelmente os pais.

Ela sabia também que eles têm uma propensão paradoxal, mas comum, fatal e, portanto, perdoável, de se ressentir do fato de a filha não ser bonita, em vez de culpar seus próprios defeitos que, numerosos, multiplicados no ato de reprodução, ficam flagrantes e desoladores no rosto e no corpo da criança.

A dra. Susane sempre soubera disso!

Aceitara, criança, o rosto largo e totalmente desprovido de simetria e traços harmoniosos, a testa estreita e os olhos redondos demais, com uma atitude tão alegre que acreditava poder arrancar assim seus pais da decepção (de não terem feito uma “princesinha”, segundo a expressão usada pela sra. Susane quando evocava meninas bonitas).

Conseguira, sim!

Ajudada por seus magníficos cabelos que o sr. e a sra. Susane brigavam gentilmente pelo privilégio de pentear quando ela era pequena, e com os quais depois ela mesma tomaria um cuidado proporcional ao lugar que sua cabeleira ocupava na vida dos pais — um cuidado tão grande, obsessivo, invasivo que, no entanto, não lhe pesava porque fazia por eles, para agradá-los e para que perdoassem (com sucesso!) sua incontestável falta de beleza, ou para que esquecessem disso.

Mas dra. Susane tinha desde pequena uma qualidade: era alta e seus pais não eram.

Era até, comparada a eles, de um tamanho milagroso, enigmático, quase assustador.

A vantagem virara uma fraqueza quando dra. Susane se transformou numa jovem de seios fartos.

Desenvolveu-se para todos os lados sem medida.

Transformou-se num estranho colosso, não tinha mais nada de gracioso, de cativante, mas irradiava um poder duro e desconcertante, uma robustez obtusa que levava aos lábios do sr. Susane, no aniversário de quinze anos da filha, esta observação brincalhona/amarga:

— Eu achava que tinha uma filha, mas tenho um filho saudável!

A dra. Susane usava cabelos curtos havia cinco anos já.

O sr. Susane nunca se recompôs de fato.

— É muito gorda — cochichava às vezes para sra. Susane, achando que a filha não ouvia. — É maciça, enorme, agora ela parece um homem.

Então a dra. Susane, chateada com tais palavras, esforçava-se para levantar corajosamente a cabeça raspada.

Prometia a si mesma, confusa, mas firme, nunca mais ter cabelo comprido.

Ela sentia-se orgulhosa, mesmo estando profundamente magoada.

Mas, uma vez consciente de estar ferida, não se envergonhava.

Digitou o código que Sharon lhe passara.

Subiu a bela escada de pedra até o segundo andar e, seguindo hesitante as indicações imprecisas de Sharon, tocou a campainha numa porta que não dava para o vasto patamar com paredes de pedra calcária, mas para um canto desse patamar — como se fosse uma porta de serviço, pensou, surpresa, pois Sharon afirmara que não havia outra entrada para o apartamento da sra. Principaux.

Esperou, tocou novamente.

Um clarão cegou-a.

Uma chama pálida e intensa, um ferro em brasa diante de seus olhos.

Dra. Susane, cambaleando, apoiou um dos ombros na porta no momento em que ela se abria.

Seu olho direito estava queimando — *ó mãe, venha me socorrer!*

Pensou também: *Estou me afogando, afundando numa água densa e suja, por que você não vem me socorrer, por que tenho que lutar com você, com sua intenção surpreendente de manter minha cabeça na...*

Dra. Susane tropeçou na soleira da porta.

Sentiu que seu rosto batia violentamente contra o peito de alguém.

— Meus olhos estão doendo — disse.

— Nossa!

A voz parecia surpresa e calma, no entanto, impassivelmente desconcertada.

Dois braços fortes, vigorosos, empurraram a cabeça de dra. Susane e depois deslizaram para debaixo de suas axilas, levantando as mangas de seu casaco cinza, para prevenir uma queda, um desmaio.

Cinza meu belo casaco de alpaca cujas prestações ainda estou pagando, cinza meu cabelo que não é mais uma cabeleira e não pode me denunciar para a memória da Principaux, assim como meus traços que os anos transformaram — mas meus olhos, meu deus...

Será que a Principaux poderia se lembrar de dra. Susane pelos olhos?

— Está tudo bem, vai ficar bem, está tudo bem — dizia a mulher que abria a porta.

A dra. Susane se recompôs, passou a mão nos cabelos rebeldes.

Percebera um leve sotaque na voz dessa mulher, ficou confusa.

— Me desculpe — disse —, sim, agora estou bem, perdão.

— Não foi nada, nada mesmo.

Era uma mulher ainda maior que dra. Susane, vestida com roupas esportivas, uma mulher jovem cujos cabelos trançados estavam presos num coque bem no alto da cabeça.

— A senhora é a sra. Principaux?

— Não!

Sorria, se divertindo com o fato de que alguém pudesse pensar uma coisa dessas.

— A sra. Principaux está? — perguntou dra. Susane com dificuldade.

— Sim, mas a senhora não poderá vê-la.

— Ah, é?

— A sra. Principaux não recebe ninguém.

— Você trabalha aqui?

— Sim. Preciso ir agora, tenho muito o que fazer.

— Diga a ela que passei por aqui! — gritou dra. Susane.

— Você é?

A dra. Susane ficou atropalhada.

Quem era ela para a Principaux?

— Bem, diga a ela: a filha da sra. Susane, a passadeira.

Será que eles se lembram de nosso sobrenome?, havia perguntado sua mãe amargamente.

Quem era dra. Susane para todos os Principaux?

E quem eram, uns para os outros, os diferentes Principaux?

— A passadeira de La Réole — disse rapidamente antes que a porta se fechasse —, sou a filha dela, a sra. Principaux entenderá.

O rosto atento da mulher cobriu-se de desconfiança.

A dra. Susane achou que ela estava com um ar estranho, levemente inquietante.

Como se tivesse sido liberada, então, deu uma risadinha.

Julgou ouvir o estalo que produziam, se esticando, os músculos de suas faces congeladas.

— Os Principaux me escolheram, cada um a seu modo, diga a ela isso também, e lhe transmita também minha... minha gratidão!

— Está bem.

A mulher das tranças roxas exalava um hálito frio, hostil, desafiador, como se, imaginou dra. Susane, se perfilasse instintivamente ao lado da Principaux, a protegesse, se preocupasse em não a assustar.

Dra. Susane compreendeu então que a Principaux não seria informada sobre sua visita: de jeito nenhum.

Deixou escapar um riso zombeteiro.

Repetiu com prazer ácido o risinho amargo, o alardeado repleto de ressentimento, pois a Principaux não apareceria, não se mostraria jamais.

Seu coração bruscamente liberto inflava-se com ousadia.

— Não faltam empregados para sua patroa! — exclamou. — Tem Sharon, tem você, tem mais quem e a que preço, hein? Diga a ela que isso não poderá continuar assim por muito tempo! Diga a ela que eu sei de tudo!

Forçou-se a transformar em risada aquela despedida amarga, riu ruidosamente, durante alguns segundos, diante da porta fechada.

Sou eu mesma agindo assim?

Que estranho!, pensava ao mesmo tempo.

A dra. Susane de agora podia impressioná-la.

Quando recebeu a carta de Marlyne Principaux, deitou-a suavemente, sem abrir, em sua escrivaninha.

Estava ocupada com o cliente que queria mudar de sobrenome mesmo o seu sendo bonito, conhecido, invejável sob muitos aspectos.

O cliente afirmava que era o sobrenome de um comerciante de escravizados.

Dra. Susane não tivera uma confirmação apesar das pesquisas que havia feito.

O homem tinha certeza, no entanto.

Era ardente, vingador, valente, e sua família o rejeitara com furor.

Dra. Susane demonstrava uma compreensão prudente em relação a ele.

Trabalhava para desenterrar elementos comprometedores sobre o ancestral, sem sucesso até agora, apesar das longas horas que consagrara a explorar a vida do negociante de vinhos.

Nessa manhã, uma neve imperceptível cobria as janelas do escritório com uma opacidade propícia às ilusões, aos monólogos interiores, às ruminações inspiradas, combativas, reivindicatórias.

Dra. Susane sabia disso, desconfiava de sua propensão a desenrolar o fio das responsabilidades.

Por isso abriu a carta de Marlyne Principaux lentamente, quase com indiferença.

Como aquela mulher a desagradava!

Mas como era grata por ter aceito que dra. Susane fosse sua advogada, justo ela, que nunca defendera um caso no tribunal, nunca demonstrara ser capaz de salvar quem quer que fosse!

Pensou em telefonar para seus pais, mas lembrando-se que não era oportuno e que, além do mais, só manifestariam nojo e frieza em relação ao caso Principaux, guardou tristemente seu desejo lancinante de obrigá-los a respeitá-la.

Em seu escritório, com as janelas cobertas de neve, totalmente só e desprezada, mergulhou nas investigações que pressentia infrutíferas a respeito do comerciante de escravizados.

No entanto, sentia-se feliz, empolgada, assustada, pronta para lutar já — pois Marlyne a escolhera e os pensamentos de dra. Susane voavam para longe do comerciante de vinhos e para ainda mais longe desse cliente cujo instinto passional se fixara em seu odiado sobrenome.

Ela se perguntava por que esse homem inteligente, bem de vida, simpático, que tinha “tudo o que queria”, como diria a sra. Susane, não tinha outro assunto para canalizar sua fúria e sua vontade de brigar do que o sobrenome decerto inocente (ou não evidentemente culpado)?

Quando, alguns dias mais tarde, quis fazer uma primeira visita a

Marlyne Principaux na prisão de Gradignan, seu velho Twingo recusou-se a pegar, acanhado, sem fôlego e engasgando, o único carro de sua idade nas vagas do estacionamento.

Dra. Susane, agitada, pegou um ônibus.

Temia estar muito atrasada.

Fez o trajeto inteiro em pé, suando dentro de seu longo sobretudo.

Sua cabeça coçava como se precisasse ser lavada, esfregada, raspada.

Tocava-a mecanicamente, penteava os cabelos com os dedos trêmulos.

Tinha a seus pés uma grande e bela pasta de couro, vazia e ainda assim pesada.

Dra. Susane não tinha nada para pôr dentro dela.

O couro antigo, as ferragens de latão, os múltiplos bolsos fechados com zíper: a qualidade da maleta pesava em seu braço.

Dra. Susane achava que não poderia encontrar sua cliente munida apenas de sua bolsa, se sentiria leve demais, pouco séria.

Então pegou a pasta que seus pais lhe deram quando se formara — a encomendaram num artesão conhecido deles, em Gers, onde acampavam de vez em quando.

Era uma pasta para advogados de outros tempos, uma pasta para o tipo de advogado que os Susane admirariam — um homem alerta, vigoroso, atlético, muito ocupado e fumante, amavelmente confuso, mas hábil em classificar o que devia estar nos muitos compartimentos da bela pasta com divisórias, como um tipo de médico chique, abstrato, que nunca se deslocava sem seus instrumentos intelectuais.

Dra. Susane examinou com tanta acuidade Marlyne Principaux quando entrou no parlatório que, a princípio, não a enxergou.

Piscou os olhos, estendeu para a mulher uma mão insegura.

Só teve a consciência, nesses primeiros segundos, de porções de rosto, como partes de um quadro que teria sido cuidadosamente desmembrado em três ou quatro fragmentos.

Teve uma ideia da testa, lisa, um pouco estreita, da linha onde nasciam os cabelos louro-claros, do nariz curto, levemente arrebitado, da boca grande, larga, pálida, lábios macios trêmulos.

Não viu os olhos.

Desviou deles seu olhar ávido, mas seletivo.

Estendeu uma mão pouco firme e sentiu a mão da outra escorregar pela sua com menos firmeza ainda e depois se retirar rapidamente — reticente, incomodada, modesta?

Forçando-se a esticar os lábios para dar a seu rosto uma expressão

risonha, dra. Susane levou então seu olhar ao encontro do olhar de Marlyne.

Olhos vítreos, estranhamente agitados, de um verde apagado, acinzentado — um lago que a chuva agita, pensou imediatamente dra. Susane.

Como essa mulher a desagradava!

Marlyne Principaux não era nem alta nem baixa.

Sra. Susane teria dito a respeito de Marlyne, imaginou dra. Susane, que era “de constituição sólida”: pernas fortes e lisas num jeans preto desbotado, ombros largos e redondos sob o moletom da Sorbonne. E mãos pequenas, valentes, quadradas.

Uma robustez, uma saúde plena e musculosa que incomodava a dra. Susane.

Essa aparência não revelava desolação.

Mas por que apenas a magreza, o rosto emaciado ou o excesso doentio de peso deveriam encarnar o tormento, a alma enlutada, o coração culpado?

Como saber?

Marlyne Principaux, apesar de seu corpo rechonchudo e forte, duro e roliço, deu à dra. Susane a impressão de ser leve, discreta.

Deslizou sobre a cadeira num movimento rápido, silencioso.

Manteve bem juntas sobre as coxas as mãos laboriosas, curvou as costas, apertou os joelhos um contra o outro.

Estava de rabo de cavalo como uma garotinha, pensou dra. Susane: os cabelos louros presos com um elástico rosa-choque.

Mas como seus olhos eram frios!

Ou cansados, inquietos, o que fazia com que parecessem frios?

Como saber?

Dra. Susane, um pouco intimidada, se apresentou.

Marlyne sacudia a cabeça distraidamente, educadamente, seus olhos esverdeados concentrados no ombro de dra. Susane.

Ela levantava a mão direita de tempos em tempos para pôr no lugar, atrás da orelha, uma mecha de cabelo que não se mexera, presa pelo elástico, seu gesto persistia e seus dedos acabavam arranhando, dava para ouvir, a pele delicada entre a linha do cabelo e a orelha.

Com sua permissão, dra. Susane gravou a conversa.

Dra. Susane fez várias perguntas às quais Marlyne respondia sem titubear, mas brevemente, de modo que depois a dra. Susane ficaria com a impressão de ter falado mais do que Marlyne.

Ficaria um pouco descontente consigo mesma e um pouco envergonhada também por poder ter parecido falante demais.

“Mas sim, estou bem aqui onde estou, todo mundo é gentil comigo agora. Mas era diferente no começo, mas não entendo bem, mas não crítico nada em ninguém, mas agora sou aceita como sou, com o que fiz, mesmo sendo difícil para algumas mulheres à minha volta, mas sou aceita agora, sim. Mas não estamos aqui para nos gostar. Mas gostar umas das outras, digo. Mas as guardas me tratam bem também, sim. Me sinto bem. Estou bem tranquila, sim. A comida é excelente, nunca deixo nada no prato. Mas às vezes um pouco morna, sim, mas você sabe, antes, me acontecia muitas vezes de comer comida morna, mas as crianças podem facilmente perturbar sua refeição (risadinha confusa, quase amedrontada). Mas no momento em que falo com você não queria estar em nenhum outro lugar que não fosse esta prisão. Não tenho mais uma casa minha, mas melhor assim. Mas, não, nossa casa de Bouscat, não gostava dela, cheguei até a detestá-la. Prefiro minha cela e a cama só minha. Mas não, porque ponho meus fones de ouvido, releio os escritores que mais gosto, mas não ouço nada, mas as outras podem ver televisão, mas não ouço nada, mas estou bem, mas o ambiente é agradável. Mas um espaço pequeno como este, todo para mim, mas o lugar onde fica minha cama, mas o ninho que fiz para mim, mas nunca tive uma qualidade assim. É um verdadeiro *sweet home* (risinho hesitante). Mas o que fiz não entra aqui. Mas está ali, no clima da cela, pois as outras pensam nisso, mas as emanções de seus pensamentos a esse respeito nunca ultrapassam as paredes da minha pequena e querida jaula. Não preciso de nada, obrigada. Comidas, bebidas? Não, não, tenho um caráter frugal, sabe, e a simplicidade, até mesmo a austeridade em matéria de alimentação, me cai perfeitamente bem, diria mesmo que encontro aí um grande prazer, sim. Ninguém depende de mim. Não tenho que pensar mais na satisfação de ninguém. Mas o sr. Principaux apreciava a boa comida. Mas sim, mas ele amava comer, amava a gordura, a vida, o tradicional, mas o simples fato de se alimentar sem pensar em nada além do prazer e ele esperava de mim que eu respondesse a essa disposição, me pedia implicitamente a gordura, a vida, o tradicional e o prazer simples. Mas era difícil, sim. Mas eu precisava pensar nas crianças, precisava cuidar do crescimento delas. Mas seu crescimento devia ser bom em todos os sentidos. Mas eu não conseguia. Eu comia demais, mas aproveitava, enquanto o sr. Principaux continuava seco mesmo comendo muito mais. Gordura, vida. Alegria, mas os santos comem abundantemente e não aproveitam. Mas o sr. Principaux é um santo, sim. Mas uma maldição bem comum pesava sobre euzinha aqui que ganhava peso à medida que o corpo do sr. Principaux ficava mais esbelto, mais magro e musculoso. Mas o sr.

Principaux sem dúvida é um santo. Mas eu vou inchando na medida de minhas insuficiências. Mas o resto da minha vida, quero passar aqui, sim. Mas eu poderia lhe pedir uma coisa, e depois disso mais nada, nunca? Mas que o sr. Principaux pare com suas visitas, que não tenha mais o direito de me visitar. Mas eu sofro muito, sim. Mas eu queria nunca mais vê-lo. Mas é possível? Mas sou sua mulher, mas ele é bem consciente disso. Ele acha que tem o dever de me visitar e o direito de fazê-lo, e isto bastaria para conduzi-lo até aqui mesmo quando me recuso a falar com ele. Mas eu não digo mais nada ao sr. Principaux. Tenho vergonha diante dele. Mas eu o odeio também, o que faz crescer minha vergonha. Mas não sei mais separar as coisas. Mas tenho pena dele, mas o odeio, mas tenho vergonha diante dele como diante de Deus. Mas não, mas não sou crente. Mas é uma imagem. Mas tenho vergonha diante dele como diante de Deus. Mas estou satisfeita que Deus sofra como eu sofro. Mas ele é muito superior a mim, está claro. Mas ele sofre, parece, mas ainda que. Mas pergunte a ele se sente falta das crianças. Mas acho que as crianças não lhe fazem falta, mas penso que sozinho em sua casa de Bouscat, sofre e geme, mas aprecia sua solidão e não lamenta nem um pouco a presença real das crianças. Mas se irritava rápido, sabe. Mas não gosta de brincar com os pequenos nem mesmo de falar com eles, mas a realidade frequentemente trivial da existência cotidiana com crianças pequenas o horripilava, mas gritava com frequência: Sai de cima de mim, droga! Mesmo que nossos filhos não se aproximassem, sentiam, em torno do corpo do sr. Principaux, uma desconfiança hostil que os mantinha à distância, deixava-os tímidos mesmo que ávidos pelo contato com o pai. Galopavam em torno do sr. Principaux tomando o cuidado de se manter fora do campo da hostilidade. Não encostavam nele. Mas gritavam: Papai, papai! correndo a dois ou três metros do sr. Principaux. Mas ele amava ser pai, mas, no entanto, sim. Mas dizia: Queria ter uma família muito numerosa, cinco, seis, sete filhos! Mas a presença concreta deles em casa o desconcertava. Que fazem essas crianças importunas na minha casa? Acredito traduzir muito bem os sentimentos do sr. Principaux. Mas amava ser pai, sim, como status. Mas tenho vergonha diante dele, mas não quero falar com ele nunca mais. Mas que ainda queira me visitar, me compreender e me apoiar, mas tudo isso me deixa com mais raiva dele. Mas por que não me rejeita com horror? Mas está livre, sim. Mas crianças martirizadas, mas uma esposa para defender apesar de tudo, mas o sr. Principaux é um herói além de ser um santo. Mas está ali, na nossa sala calma, mas está só e enfim tranquilo, mas beberica seu uísque da noite, mas sofre, mas está bem, mas pensa em meu processo, nos artigos dos jornais, mas está

bem, mas beberica, mas prepara suas declarações, mas sofre de um sofrimento que o preenche e o alivia, mas está bem, mas não tem mais nenhuma obrigação com ninguém. Mas eu o entendo. Mas não o odeio por isso, mas pela hipocrisia de sua postura. Mas fica feliz, agora, com a ideia de que estou tendo a melhor defesa. Mas não lhe pedi nada. Mas não! Mas não quero ter a melhor defesa, não quero ter nenhuma defesa. Mas estou feliz aqui. Mas queria não ter mais nada a ver com o sr. Principaux, mas sei que não é possível, mas será para sempre o pai das crianças que meu ato... Mas não quero ser defendida. Mas fiz o que fiz, mas sabia que não teria minha cabeça cortada. Mas esse ato, eu o executei. Mas não posso me arrepender, mas seria indecente. Mas foi feito, mas fiz. Sr. Principaux? Mas tenho certeza de que não sente falta das crianças. Mas está livre, mas sofre, está bem. Mas se lamenta sinceramente, mas sofre de fato, sim. Mas está livre. Mas se eu pudesse, graças a você, conseguir não ficar mais diante dele no parlatório. Mas é possível, sendo sua mulher? Mas a raiva que sinto quando o encontro, mas não acho necessário que ele faça isso. Mas, por favor, faça com que não venha mais me ver, mas lhe peço faça também que não saiba que esse pedido veio de mim, mas não seria bom para ele conhecer o tamanho de minha raiva, mas não tenho nenhum desejo de feri-lo. Mas é impossível, mas eu compreendo, mas se não puder mentir por mim, compreendo. Mas então direi a ele, eu mesma, para parar com as visitas. Mas coitado! Mas não direi nada contra ele, mas não tenho permissão espiritual para isso. Ele sofre, mas está bem, beberica seu... Mas não sei mais o que era, mas uísque, conhaque, gim, mas não me lembro mais. Mas está bem, lá sozinho na nossa casa, mas o vejo perfeitamente, ele... Mas responde aos e-mails em que as pessoas se compadecem dele, mas faz o corajoso que esconde as lágrimas mas nenhuma lágrima nunca molhou nem a borda de seus olhos. Mas o sr. Principaux é forte, em sua santidade. Mas não direi nada contra ele, mas não posso fazer isso. Mas quem são as vítimas do ato? Não eu, não é? Mas as crianças e ele, sim. Mas ele está bem, em sua solidão. Mas gritava sempre conosco: Deixem-me em paz! Deixem-me tranquilo um minuto! Mas nós tomávamos o cuidado de nos aproximar dele apenas se sentíamos seu corpo relaxado e seu espírito pronto para receber o lembrete de nossas respectivas existências. Mas o deixávamos em paz, mas eu cuidava com severidade e as crianças me obedeciam. Mas por que gritava assim? Deixem-me em paz! Mas eu estava sempre ansiosa. Mas que houvesse barulho, mas desordem, mas contrariedades.

“Mas se sinto falta das crianças? Não sei. Mas prefiro não falar. Mas não seria correto. Mas fiz o que fiz, fiz o que fiz. Mas não seria

conveniente falar de meus sentimentos. Mas tirei a vida deles. Mas eu os vejo quando durmo, mas estão em todos os meus sonhos. Mas não direi que gemo quando durmo, mesmo sendo verdade. Mas é obsceno dizer isso. Mas não sinto falta deles, não. Mas eu os levo em mim, minúsculos em meu cérebro. Mas estiveram todos os três no meu ventre, grandes bebês, mas nasceram no tempo certo, mas belas crianças pesadas e compridas. Mas, meu deus, como eram robustos! Mas agora são pequeninhos no meu cérebro. Mas não sofro com o fato de que não estejam mais aqui, realmente, perto de mim. Mas roubei suas vidas, mas não queriam morrer. Mas Jason lutou. Mas lutei com ele, mas não foi o anjo que o levou, mas fui eu, sua mãe amorosa. Mas como amava meu filho mais velho! Mas esperava que não lutasse, que a vontade de sua mãe reprimiria seus reflexos de sobrevivência. Mas nós lutamos. Mas acho que ele gritou ou tentou gritar, mas não sei mais muito bem. Mas fechei os olhos. Mas sim, mas fechei os olhos. Mas seu olhar no momento em que... mas assim que compreendia que morreria, mas não o vi, me parece. Mas John, por sua vez, não se debateu, mas não creio. Mas o afundei suavemente na água, mas seus músculos relaxaram depressa, como quando eu o massageava à noite depois da leitura, mas ficou mole, suave, conciliador. Mas me parece, mas sim. Mas era um garotinho tão dócil, mas tão confiante, tão ávido por fazer bem-feito. Mas aquiesceu ao ato, sim. Mas não se opôs a sua mamãe, mas sempre quis agradá-la. Mas sua mamãe, ali, mas era eu quem devia executar meu ato, mas John me ajudou e isso não foi difícil. Mas o ajudei de minha parte. Mas falei com ele durante todo o tempo que durou, sim, mas murmurei palavras de amor para ele. Mas, ah, não sei mais exatamente. Mas as palavras normais: meu querido, meu pequeno, meu bebê, mas esse tipo de apelido que eu usava com mais frequência do que seus nomes quando falava com eles. Mas isso irritava o sr. Principaux. Mas achava isso fofo, mas ridículo, mas pueril. Quero dizer, pois ele achava fofo, ridículo, pueril. Mas não gostava, não. Mas ele os chamava sempre pelo nome. Mas quanto à Julia, minha bebê... Mas eu a amamentava, mas ela pegou o seio com alegria, senti orgulho e alívio, mas reconhecimento também. Mas, não, nada de mas: porque me sentia terrivelmente mortificada quando pegava o seio reticente ou pior ainda quando o recusava. Mas era uma escravidão para mim ainda amamentar minha bebê depois de seis meses, mas não podia fazer de outro jeito, mas você entende, sim, mas eu havia amamentado seus irmãos durante vinte e quatro meses, mas isso havia sido excelente para eles, mas eram sãos e bonitos, mas devia fazer o mesmo por Julia que tinha os mesmos direitos à saúde e à beleza, mas de modo que pegou o seio com avidez

nesse dia e eu senti gratidão ao mesmo tempo que suplicava antecipadamente para que me perdoasse. Mas não devo dizer isso? Premeditação? Mas não quero ser salva por você. Mas não estou nem aí para a pena que me espera. Mas estou bem em meu ninhozinho. Mas, sim, gostaria que você me deixasse agora. Mas estou cansada. Porque estou cansada, quero dizer. Mas não quero que me previna para evitar o pior. Mas o pior, o que é? Mas não terei a cabeça cortada. Mas do que se trata? Mas que me condenem a vinte anos? Mas não quero que impeça isso. Mas não lhe peço nada. Mas foi ele quem chamou você, mas foi o sr. Principaux. Mas não quero nada, mas estou bem. Mas me deixe agora, sim, obrigada. Mas obrigada, sim (dra. Susane, num movimento firme e amigável, segurou os ombros de Marlyne por cima da pequena mesa, apertou através do tecido macio do moletom os músculos contraídos daquela mulher que lhe inspirava temor e animosidade, e Marlyne Principaux se acalmou, não falou mais em interromper a conversa nem se queixou mais de estar cansada). Mas ele os levaria a me desprezar, mas claro. Mas a rir de mim, veja bem. Mas por quê? Mas não tinha estima por mim. Mas ria de mim, sim, depois fingia me amar. Mas não tinha uma consideração verdadeira por Marlyne. Mas o decepcionei, sim. Mas sou sem graça. Mas sou uma mulher entediante, sabe. Mas não era, acho, uma professora entediante. Mas os alunos gostavam de mim, sim, mas acho. Mas o sr. Principaux não era meu aluno, mas eu não tinha nada a ensinar a ele. Mas devia me achar tão chata! Mas ria de mim, mas com um riso amargo. Mas a alegria que experimentei dando aulas, mas ele a enxovalhava, mas achava absurda, impossível, mas se zangava, mas dizia que eu tinha trabalhado iludida. Mas dizia: Sua escola de merda, mas dizia ainda: Você faz demais, mas dizia ainda: Eles vão matar você. Mas eu pensava: se alguém me mata nesta terra, mas é o sr. Principaux. Mas dizia a mim mesma: meus queridos alunos me protegem da morte lenta a que me submete a vida ao lado do sr. Principaux, amo meus alunos e não amo o sr. Principaux. Mas tinha vergonha então. Mas não podia criticar nada em meu marido. Mas para minha mãe, para minhas irmãs, exaltava suas qualidades, mas tinha vergonha. Mas não sabia o que fazer para sair disso. Mas... minha alegria com o nascimento de Jason! Mas senti gratidão pelo sr. Principaux que era, mas você sabe, mas um belo homem, mas não sou uma bela mulher, mas Jason se revelou uma criança esplêndida. Mas não sou uma bela mulher, mas assim como você. Mas, não, mas é claro. Mas o sr. Principaux não me escolheu por isso, mas teve o mérito de amar, mas de conquistar uma mulher que só podia, em todos os planos, decepcioná-lo. Mas não no plano da maternidade. Mas, fui, você dirá, uma excelente

mãe. Mas todo mundo está de acordo sobre isso. Mas não sei quem é todo mundo, mas nós não víamos quase ninguém, mas é verdade. Mas as professoras, não? Mas não lhe disseram que eu era uma mãe quase perfeita? Mas os amigos, mas os colegas do sr. Principaux que vieram a nossa casa? Mas não disseram isso? Mas minha mãe e minhas irmãs, mas não confirmaram isso? Mas você não as conhece, mas o que vão dizer agora que têm preconceito contra mim? Mas é o sr. Principaux que eu queria extirpar de meu destino, mas não era possível. Mas não era possível. Mas me prendeu a ele. Quero dizer, me amarrou a ele e eu não podia desfazer esse nó, esse entrave que... Mas não podia assassinar o sr. Principaux, não é (risinho que queria parecer sardônico, mas era medroso, fraco, digno de pena). Mas não se pode matar o sr. Principaux, nem na imaginação. Mas não se pode abandonar o sr. Principaux, nem em sonho. Mas sim, a bem dizer, mas em sonho se pode ir embora, mas abandonar isso tudo, mas o sr. Principaux, as crianças, a casa, mas tudo isso o quê, mas toda essa vida. Mas na realidade, mas não, mas não, não, não. Mas não, não, você entende. Mas ele teria me esmagado, mas teria me exterminado, mas teria treinado, educado as crianças contra mim. Mas, não: porque tinha para isso armas que me eram estranhas. Mas não sei mais o que estou dizendo. Mas sei mais ou menos, mas não minuciosamente, em detalhes. Mas não quero atacar o sr. Principaux, que se encontra, por minha culpa, numa situação atroz, mas peço a você, doutora o quê? Dra. Susane, perdão, mas peço que apague de sua memória e de sua gravação tudo o que me escapou de amargo em relação ao sr. Principaux. Mas em relação a Gilles, sim, se quer assim. Mas não tenho o direito, Gilles, de julgá-lo (risadinha). Mas não tenho o direito de incriminar esse pobre Principaux, não é? Mas as crianças... mas as crianças... mas onde estão agora? Mas queriam sempre o que mamãe queria, mas temiam me desagradar, me fazer sofrer. Mas onde estão elas? Mas temo que os pensamentos do sr. Principaux não atraíam para ele suas pobres alminhas, mas não as unam a ele, mas a... mas a seu jeito ruim de considerar todas as coisas. Mas é o sr. Principaux que eu devia ter afogado na água imunda de seu banho. No entanto, liberei-o de um peso, mas sim. Mas não era o que eu desejava. Mas o sr. Principaux se tornou uma figura trágica, não é? Mas não era o que eu desejava. Mas me diz que estaremos juntos de novo depois. Dra... Dra. Susane, perdão, mas diga a ele por favor que não quero mais nada com ele, nem agora nem depois. Mas diga a ele que o odeio. Mas diga a ele...”

Marlyne, então, começou a tremer.

E seus lábios estremeciam e suas pálpebras vibravam, e sua mão

direita tentava conter as trepidações da mão esquerda, enquanto suas coxas musculosas, curtas e nervosas palpitavam como no fim de uma prova esportiva.

Dra. Susane se levantou, contornou a mesa, aproximou-se o máximo possível do corpo trêmulo de Marlyne.

Via-se colocando seu braço sobre os ombros de Marlyne, inclinando a cabeça, murmurando palavras soltas.

Não pôde tocá-la.

Abraçara-a havia pouco, lhe parecia.

Então o quê?

Via seu braço se estender na direção de Marlyne.

Sentia que seu braço, contudo, não se mexia, via o modo como gostaria que as coisas se desenrolassem, mas sabia, sem nenhuma dúvida, que era ela mesma, a dra. Susane, que estava fria e muda, petrificada e profundamente, irrevogavelmente crítica diante do corpo daquela mulher que soluçava e em quem era incapaz de tocar.

Dra. Susane achava que não devia se comportar assim.

Forçou-se a levantar o braço, achou que tivesse feito isso.

Uma vez mais se viu enlaçando Marlyne, batendo em suas costas como faria, mesmo formalmente, mesmo achando ruim, qualquer advogado com sua cliente.

Mas não podia se mexer, seus braços estavam rígidos ao longo do corpo e sentia seu rosto congelado numa fria e banal expressão de inimizade.

Estava ocupada, no dia seguinte, transcrevendo o que dissera Marlyne quando Gilles Principaux apareceu no escritório.

— Que frio! — exclamou, esfregando as mãos como, pensou, um “personagem”, uma figura de uma série que Gilles Principaux tivesse sido condenado a interpretar contra sua vontade e apesar de sua falta de talento.

Repetiu num tom ligeiramente inquieto, suas mãos se friccionando mecanicamente:

— Que frio, não é?

Estendeu à dra. Susane dedos longos e finos, a pele pálida, mas rosada na articulação das falanges.

Essas mãos a lembravam de alguma coisa?

Achou que ele não estava com uma cara boa.

Talvez tenha dito isso a ele, fingindo solicitude, ou simplesmente pensou e achou que tinha dito enquanto desempenhava o papel de solícita.

Como seu rosto era estranho, pouco agradável!

Do rosto do garoto de Caudéran, dra. Susane não tinha nenhuma lembrança precisa, apesar dos esforços que fazia febrilmente dia e noite para tentar recordar.

Será que pudera, perguntava-se incomodada, ter amado, apreciado um rosto daquele, ter desejado brilhar em sua frente e receber elogios de um garoto cujos traços seriam como esses, borrados, indistintos, e tão comuns de Gilles Principaux?

Como poderia adivinhar, tão jovem, que aquele adolescente estava destinado a se tornar um homem estúpido, um homem sem mérito particular, indigno daquela criança de dez anos que aplicaria toda sua energia para deslumbrá-lo e perderia por isso o amor singelo do pai, a confiança espontânea, sem reservas, de seus pais?

Não tinha oferecido tudo o que tinha a oferecer naquele quarto *para ser roubada?*

Sua devoção fora desinteressada, imprudente.

E o garoto de Caudéran a seduzira assim: ponha em minhas mãos sua fé nebulosa na existência, pois estou fadado a ser alguém excepcional. Conquisto você, cuido de você e a convenço, mesmo que você resista. E você será feliz, ficará lisonjeada mais tarde quando descobrir no que terei me tornado.

Mas esse Principaux, com seu olhar aborrecido, dissimulado, falso, quase estúpido!

Ofereceu-lhe um café, ele se jogou numa das duas poltronas diante de sua mesa.

Quem era Principaux para ela?

Esse olhar embotado, era seu olhar verdadeiro ou seu olhar fingido, de homem bom, seu olhar enganador?

Ela o examinava, observava-o com uma perspicácia furiosa que, pensava, deveria alarmá-lo em relação aos laços antigos que talvez os unissem.

Mas ele não se mexia.

E a dra. Susane teve então a impressão de que não se preocupava nem um pouco com ela, que era para ele apenas um instrumento barato, fácil, para a defesa mais ou menos eficiente de sua mulher.

Esse homem, ela notou dolorosamente, não a reconhecia.

— Você a encontrou, o que ela lhe disse? — perguntou com uma voz ao mesmo tempo dura e suave, imperiosa e amortecida.

— Ela me fez o relato do que aconteceu — disse dra. Susane secamente.

— Mas o que lhe contou? Queria tanto saber, ela não me diz nada...

Como a dra. Susane continuasse em silêncio, Principaux se lançou em sua própria narrativa, agitado, desajeitadamente sedutor, tão perturbado, no entanto, que um fio de saliva escorria de seu queixo e se balançava no ritmo de suas frases sem que percebesse.

— Garanto a você que éramos felizes — afirmou com uma voz ostensivamente enérgica —, felizes como é raro ser hoje em dia. Era comum ficarmos com nossos três filhos na cama no domingo de manhã, o grande Jason, que estava aprendendo a ler e sentia-se muito orgulhoso dos progressos que fazia, o pequeno John, que ouvia seu irmão, e a bebê Julia, que balbuciava com o entusiasmo típico de quem acabara de mamar, sim, éramos tão felizes os cinco no ninho de amor que era nossa cama. Era, sim, devo confessar, o paraíso: nós e os pequenos nessa cama quentinha enquanto a chuva batia nas janelas. Eu lia, Marlyne contava histórias para as crianças, falava e ria com elas, éramos felizes, sim, em paz, contentes e orgulhosos de ter alcançado nossos objetivos. Nossos objetivos? Bem, formar uma família numerosa sem que nada nos obrigasse, muito pelo contrário. Nós nos opúnhamos radicalmente ao julgamento de nossos pais sobre esse assunto. Marlyne ia bem, sim, estava feliz. Não parava de falar das crianças, me garantia que tinha “se descoberto como mulher” — como mãe de família, enfim. Já eu não estava tão seguro. Prefiro a vida sem crianças, confesso. Não gosto tanto da companhia das crianças, me aborreço rápido, não entendo muito o que fazer com elas. Mas aqueles três, Jason John Julia, eu os amava demais! Pode acreditar, tinha por eles um tipo de amor que nunca havia sentido, terno, tolerante, infinito até — sim, nada limita meu amor por eles, veja bem. Gostava de tomá-los nos braços, sentir seu cheiro de grama fresca ou úmida quando tinham brincado lá fora no domingo à tarde, amava também o amor singelo que sentiam por mim. Sim, eu era seu querido papai, não há dúvida sobre isso. Éramos felizes. Era, acredito, um pai ideal. Pois me amavam e me temiam com a mesma intensidade. Quando me amavam, era sem a menor lembrança da terrível sessão que podíamos ter vivido na véspera, relacionada a qualquer bobagem, uma desobediência pela qual teriam sido repreendidos, até uma decepção de que pudéssemos ter sido vítimas. Sabe, sem dúvida, sofremos muito depressa com as violações que nossos filhos adorados impõem aos códigos de amor familiar. Por isso quis que me temessem tanto quanto me amassem. E como cachorros corajosos, podiam ao mesmo tempo me amar e ter medo de mim, me amar de dia tendo esquecido todos os rancores da noite. A cada manhã era para eles um pai novo, um pai virgem. Sim, era um pai amado e amoroso, creio que posso afirmar sem parecer pretensioso. Mas um pai que teria

preferido não o ser. Teria gostado de ser um homem sem descendência. Não, nunca disse isso a Marlyne, não, não. Ela queria ter filhos, não é mesmo? Ela diz o contrário agora, não quero brigar com ela por seu intermédio, você que a representa, aceito o que ela afirma, não contesto nada. Permita-me apenas declarar que vários indícios, entre os quais muitas frases bem claras sobre esse assunto, me fizeram pensar sem nenhuma dúvida que Marlyne sonhava com uma família numerosa. E tinha razão! Pois, nós dois... Que sentido teria tido nossa ligação, nosso arriscado emparelhamento sem as crianças? Sem o projeto de fundar uma bela e exemplar tribo, de criar uma linhagem? O que tínhamos em comum, Marlyne e eu? Nada, nada. Nunca nos amamos, digo sentimentalmente, absolutamente, romanticamente. Ah, sim, eu a amo! Amo ainda a mãe de meus filhos, mesmo que... Amo minha mulher, é minha mulher e estou comprometido com ela, tenho deveres em relação a ela, é minha mulher para o bem e para o mal. Vivemos o pior, é assim. Eu a amo, não a abandonarei, amo-a talvez mais e melhor do que antes. Meu amor é sagrado, inabalável. Não, nós não nos amávamos profundamente quando nos encontramos, quando tivemos os filhos. Estávamos ligados frouxamente. Agora estamos ligados tragicamente. Amo essa Marlyne terrível, não a entendo bem, contudo não posso odiá-la. Amo minha mulher, seja ela o que for. Me condeno por tantas coisas! Amo-a mais do que antes, sim. Ela era uma pessoa comum. Tornou-se uma heroína tenebrosa. Estou surpreso. Nunca a imaginei assim. Estou surpreso. É estranha. Terrível, sim. Mas achava que ela era qualquer uma, me enganei. Me condeno por tantas coisas! Deveria ter insistido para que voltasse a trabalhar depois do nascimento de Jason. Não fiz isso, achava que... que estava bem, que estava aliviada... Eu não gostava de sua escola de Pauillac. Se ela gostava? Sim, sem dúvida, dizia isso. Mas se era um bom lugar para ela, eu não estava convencido disso. Alunos medíocres, colegas indiferentes, irônicos ou desorientados, a longa estrada que devia percorrer saindo de Bordeaux... Ela acha que eu a proibi de retomar seu trabalho. Quem era eu para proibir o que quer que fosse? Era uma mulher independente, inteligente, capaz de pesar suas opiniões e as do marido em uma balança equilibrada. Podia tomar as decisões que julgasse melhores, não me oporia. Nunca, nunca gritei com Marlyne. Nunca a repreendi, humilhei, tratei mal. Não era o chefe de nossa boa e pequena equipe. Éramos dois sócios, com partes iguais, na empresa sem fins lucrativos que constituía nossa família. Mas tenho que me culpar. Como chegamos até aqui? Penso nisso dia e noite, sabe. Meus sonhos são cheios de crianças. Marlyne e eu adorávamos fazer amor. Combinávamos muito. Éramos os dois pudicos e ardentes.

Precisávamos da escuridão. Ficávamos incomodados com a luz, cada um julgando seu próprio corpo de forma severa. Sofro desde criança de uma doença de pele. Fico muito envergonhado mesmo sabendo que não tenho culpa. Me enxergo mais feio do que de fato sou desde que, com certeza, Marlyne me desejou, me amou. Ela me acariciou sem nojo. Sim, Marlyne foi a única mulher com quem fui até o fim, como se diz. Tinha medo de meu corpo, de seu aspecto — minha pele vermelha, seca, escamosa. Mas o quê? Nada de tão terrível no fim das contas. Marlyne me acariciou, tinha vontade de esfregar essa pele granulada, áspera, essa pobre pele sofredora contra a sua, gostava, nunca fingiu um orgasmo. Ou sim, talvez? Não sei. Não creio, não. Não é minha impressão. Tínhamos uma boa vida sexual, suave, delicada. Nada de complicado. Marlyne às vezes era magra, às vezes era gorda, não sei mais na verdade. Isso não fazia diferença para mim. Como dizer? Fazia amor com ela. Com sua personalidade de Marlyne, com minha mulher. Não saberia descrever seu corpo. E depois? Todos os corpos de minha mulher me convinham. É um erro? É uma qualidade? Ah, não ligo a mínima. Não posso descrever meu próprio corpo. Não gosto dele, ele muda, não quero saber disso. Amava o corpo de minha mulher fosse como fosse, pois era seu corpo, minha mulher, e gostava de fazer amor com Marlyne, com essa mulher precisamente que se chamava Marlyne e cujo ventre abrigou meus filhos. Não pedia ao corpo de Marlyne que me agradasse mais do que o meu próprio me agradava. Não o olhava, isso não me interessava. Mas quando nos enlaçávamos, os dois sem pijama, ambos nus sob o edredom, cobertos até o pescoço, ficávamos bem, e o que importava então a forma ou o aspecto de nossas respectivas carnes. Ficávamos bem porque nos conhecíamos bem. Como chegamos até aqui? Marlyne era uma mãe inigualável, sabe?

Gilles Principaux tirou um lenço do bolso, enxugou os olhos.

Dra. Susane teve a impressão de que a cadeira mal aguentava o corpo de Gilles, dissolvido, liquefeito pela tristeza.

Mantinha-se vigilante, pronta para saltar e impedi-lo de cair.

Descobria-se emocionada, muito além do que achava aceitável e decente sentir em relação a Principaux.

Por isso, rancorosa, quase vingativa, depois de um longo silêncio que pareceria anormal e, portanto, embaraçoso para qualquer um que se julgasse mentalmente são, mas que parecia não perturbar Principaux, perguntou-lhe, numa voz baixa, sufocada:

— Sr. Principaux, o senhor já me conhecia?

Ele não entendeu ou fingiu não entender.

Franziu as sobranceiras, quase aborrecido já, depois as levantou fingindo educadamente se interessar.

— Sr. Principaux, nós nos encontramos quando eu era criança? Quando eu tinha uns dez anos e o senhor catorze ou quinze? Se esse encontro aconteceu, o senhor se lembra de mim?

Dra. Susane pousou sobre a escrivaninha, sem vergonha, suas mãos trêmulas.

Cruzou-as deliberadamente, não querendo esconder que as juntava para impedir que tremessem.

— O senhor se lembra de mim? — repetiu.

— Não sei do que está falando — disse Principaux.

E depois, irritado:

— Mas, enfim, que importância tem?

— É muito importante — disse dra. Susane —, não menospreze isso, eu lhe peço.

Ele deu um sorriso confuso e dra. Susane não conseguia determinar se a estranheza da situação o constrangia sinceramente, se ele achava dra. Susane inquietante por razões que não tinham nada a ver com ele, ou se talvez no brilho sombrio dos olhos de dra. Susane revia alguma coisa — mas o quê, maravilhoso ou aterrorizante, radiante ou apavorado, o que então?, se perguntava.

— Não entendo, não sei do que você está falando — disse Principaux, cansado. — O que importa aqui é Marlyne, é a minha mulher. Por que eu deveria me lembrar de você? Realmente não compreendo.

— Tente ao menos, faça um esforço!

Dra. Susane, sentindo-se terrivelmente covarde, soltou um risinho para amenizar, para distorcer e corromper a intensa seriedade de sua fala.

Ele imperceptivelmente relaxou.

— Mas por que quer tanto que eu faça esse esforço? Se nos encontramos antes ou não, que diferença faz?

— Então, por que o senhor me escolheu para ser advogada de sua mulher?

— Eu não sei... Por acaso... Precisávamos de alguém, certo? Poderia ser qualquer um, mas me deparei com seu nome, é isso.

Suspirava, aborrecido, afastava um pouco os braços para sublinhar a inutilidade de uma conversa como aquela.

— Você não colabora para estabelecer uma relação de confiança — disse num tom bastante irônico. — Você é meio estranha.

— Me tornei estranha aos dez anos.

Dra. Susane sorria generosamente, recostada em sua cadeira.

Principaux, antes hesitante, respondeu-lhe com um sorriso que tentava bravamente e talvez gentilmente estar à altura do dela.

O que havia no coração do coração de Principaux?

Quem era, para ela, esse homem com olhar preocupado e traços banais?

Não encontrava mais a impressão violenta que experimentara quando Principaux entrara pela primeira vez em seu escritório, a impressão de que o conhecedor havia muito tempo em Caudéran e que, esse único encontro, essa batalha singular, havia gerado a “Doutora Susane”.

Estava ali, diante dela, um corpo morto para sua memória.

Por que ainda depositava tanta confiança nessa primeira impressão, fugaz e confusa, por que achava que tinha que conservá-la como um testemunho de sua lealdade à menina de então, quando mesmo esta, a pequena Susane, não sofrera nenhum maltrato no quarto de Principaux?

Já que o garoto, tinha quase certeza, não fizera nada de errado com ela, nada que não tivesse consentido, que talvez nem tivesse pretendido.

O que seria dela sem aquilo?

Pouca, pouca coisa...

Sentia, no entanto, uma espécie de ódio — com relação a todos os Principaux, todos os membros daquela família.

Reagiu e se obrigou a lhe oferecer um café que ele pareceu aceitar com alívio, como se tivesse a certeza de ter atravessado um momento desagradável com facilidade.

Sorria sempre que ela olhava para ele.

Era como os jornalistas o haviam retratado: alegre e discretamente preocupado, excessivamente sorridente e, no entanto, sempre na defensiva.

Nenhuma de suas atitudes era adequada.

Ele parecia, para dra. Susane, ao mesmo tempo ingênuo e astuto, inescrupuloso e inocente.

Ela ficava desconcertada.

Porque não o compreendia.

Estava pondo em cima da escrivaninha a xícara destinada a Principaux quando o telefone tocou, a linha fixa que quase nunca usava.

Reconheceu a voz de sua mãe, a sra. Susane, distante, como se estivesse amortecida pela tristeza e pelos arrependimentos, uma voz secreta, além-túmulo:

— Sou eu, minha querida, liguei no escritório, desculpe, mas não consegui ligar no seu celular, estou incomodando?

— Não.

— Escuta... Me lembrei agora... Está me escutando?

— Sim, sim.

— Ah, que bom! As pessoas de Caudéran na casa de quem a levei quando era pequena, lembrei o nome deles, me voltou de repente...

— Sim?

Dra. Susane, transtornada, deixou cair o aparelho que estava em seu ouvido.

Principaux, como uma criança, assoprava seu café para esfriá-lo.

— Você continua aí, querida, está me escutando?

— Sim!

— Eles se chamavam Majuraux, como o vinho, sabe, mas não se escreve da mesma forma. Não era Principaux, Majuraux. Agora me lembrei.

— Você tem certeza? — perguntou dra. Susane. — Certeza mesmo?

Sua mãe ficou tão calada por um tempo que dra. Susane, assustada, disse novamente:

— Mamãe, você está aí?

— Sim.

— Você tem certeza do que está dizendo? Certeza mesmo?

— Não, mas... quase. Diria, veja bem: sessenta por cento.

— Ah.

— Para ser honesta, minha querida, para ser rigorosa... eu ficaria nos... vinte e cinco por cento de certeza que essa gente tinha esse nome, Majuraux, e não tinha um “e” no nome, mas “aux”.

— Mas mamãe!

Dra. Susane dirigiu a Principaux, que levantara o nariz de sua xícara com um ar ligeiramente inquisidor, um largo sorriso reconfortante.

Ele o devolveu, automaticamente: vasta dentição, maçãs do rosto salientes, olho tremendo.

— Mamãe — suspirou dra. Susane —, de que vale me dizer isso se você não tem certeza? Você me perturba e não há nada que eu possa fazer com uma informação tão vaga, entende?

— Sim, minha querida, perdão, preciso desligar agora, seu pai está chegando. Anote direitinho: Majuraux, a-u-x. Há o vinhedo Majureaux, com “e”, mas não tem nada a ver, são duas famílias diferentes. Me parece, pensando de novo, que fomos nos Majuraux. Acho que nunca encontrei um Principaux, mas como estar totalmente segura, não é, depois de tanto tempo? Majuraux, no entanto, sim, acho, minha querida. Sem garantia, hein! Vou desligar, seu pai está chegando, você sabe como essas histórias o exasperam. Ou melhor, o deixam louco... Adeus, minha querida, adeus...

No dia 30 de janeiro, uma quarta-feira de manhã, graças à mediação da dra. Susane, Rudy e a pequena Lila conheceram Sharon, no apartamento de dra. Susane, onde ficou mais ou menos combinado que Sharon cuidaria de Lila até a noite.

Rudy havia proposto um valor fixo que dra. Susane repassou a Sharon.

Sem falar para Rudy, no entanto, ela aumentara o preço, não porque achasse muito baixa a quantia que ele oferecera (nesse caso, aliás, teria dito a ele sem problemas, teria até se indignado), mas porque era enorme, febril, inexprimível seu desejo de ver Lila sendo cuidada por uma Sharon satisfeita, contente com seu destino, até secretamente encantada com tamanha sorte.

Dra. Susane, desde o nascimento de Lila, sentia pela menina um amor doce, melancólico e alegre.

Não desejaria ser a mãe de Lila nem de ninguém.

Era bom para ela nunca ser, nesta terra, a mãe de ninguém.

Era muito conveniente que outra mulher tivesse gerado a delicada Lila e que ela, a dra. Susane, pudesse trabalhar discretamente, serenamente pela felicidade de sua afilhada de alma.

Sabia que sua afeição inabalável por Rudy influenciara, e até determinara, sua ternura por Lila, que sentira o desejo de amar e proteger Lila porque se preocupava com a felicidade de Rudy, mesmo que às vezes se defendesse dele.

Sempre lhe parecera que a queda de Rudy no infortúnio, no fracasso e depois na ruína a conduziria também ao seu próprio naufrágio, embora não houvesse nenhuma razão lógica para esse encadeamento a não ser o fato de virem os dois do mesmo mundo.

Era importante para ela, e muito, que Rudy fosse tranquilamente, gentilmente próspero, que florescesse e crescesse em riqueza e felicidade: eram, ele e a dra. Susane, dois vasos comunicantes, e se Rudy fracassasse no trabalho ou em sua vida de homem, a dra. Susane tinha a impressão de que sofreria repercussões fatais, que as águas turbulentas em que ele se debateria deixariam sobre ela uma lama de que não poderia se livrar.

Eram, achava, ligados como os cúmplices de um roubo — o de terem saído, discretos, selvagens, ambiciosos e individualistas, de um ambiente de que não podiam se orgulhar, mas que não negavam e do qual não se envergonhavam.

Nem um nem outro se tornariam porta-vozes de suas famílias.

Eram sozinhos, reservados, até misteriosos com seus colegas quanto às origens proletárias — ainda assim misteriosos de modo neutro e frio,

sem que fosse possível detectar neles (estavam certos disso) a menor sombra de um sentimento de inferioridade.

Mas se Rudy se afundasse...

Dra. Susane via em Lila uma manifestação do sucesso de Rudy, de sua ascensão a algo belo, sério e tradicional de onde ninguém poderia tirá-lo.

Porque a mãe de Lila vinha de uma família tradicional de Saint-Émilion.

Rudy, assim, sem ter premeditado, criava raízes.

Tinha agradado, seduzido, concebido.

Sua filha tinha como avós pessoas que haviam mandado no pai dele.

Ascendera apenas com a força de sua delicadeza, de sua virilidade cortês, de sua semente fecunda.

E o fato de Lila, por acaso e sorte, se parecer com Rudy fisicamente confortava dra. Susane em sua afeição pela menininha.

Seus próprios pais, o sr. e a sra. Susane, sentiam por Lila um amor absurdo.

Eles a amavam, sim, como a filha de sua filha, e faziam um silêncio zangado, antagônico, cético quando dra. Susane os lembrava que Lila tinha uma mãe que não era ela, a dra. Susane, e que essa mãe, apesar de suas falhas (segundo Rudy), tinha ainda todos os direitos em relação à educação de Lila, que podia amá-la e cuidar dela de uma maneira que os Susane reprovassem, mas que isso não lhes dizia respeito, sempre seriam apenas avós postiços.

Na verdade, sim, o sr. e a sra. Susane sempre admitiram essa evidência, esse fato, com a maior dificuldade, com uma aflição obtusa, mal-humorada, que desencorajava os esforços de dra. Susane para trazê-los à razão.

De modo que, quando aceitava se lembrar disso, tinha que admitir para si mesma que às vezes renunciara a desenganá-los, a lutar contra sua crença ardente, sombria e muda de que era a única, a verdadeira mãe de Lila.

Quem sabe até mãe biológica de Lila, chegariam a pensar de acordo com dra. Susane.

Tinham feito nesse sentido algumas alusões aparentemente em tom de piada, marcadas por um humor cínico que não era do feitio deles.

Disseram, quando souberam do nascimento de Lila (por quem, dra. Susane não se lembrava mais. Por Rudy diretamente, por ela mesma, pelos anúncios do jornal *Sud Ouest*?):

— Você nos visita tão raramente que poderia ter ficado grávida e tido o bebê sem que soubéssemos! Você diz que Rudy tem uma relação com

outra mulher, não sabemos nada disso. Nós nunca vimos essa mulher! A tal tabeliã.

Gracejavam com uma espécie de furor indignado, espantados e revoltados por ter que brincar com um assunto como esse.

Por que Lila não era simplesmente a filha de sua filha única e de Rudy, que consideravam como seu genro, por que tudo devia ser distorcido, frustrante, inominável?

Dra. Susane balbuciara, chocada com tamanha injustiça:

— Mas venho vê-los com frequência, por que dizem que me veem raramente?

— Você passa correndo, nem lembramos que veio. Então o que é “com frequência” para você vira “quase nunca” para nós. E depois — acrescentou a sra. Susane com altivez —, você pode sempre nos mostrar sua agenda com “visita aos pais” dez vezes por mês, não vai mudar nada quanto ao que sentimos, que é o mais importante, não é mesmo?

Parecia que o sr. e a sra. Susane tinham passado da amarga impressão de que a dra. Susane os negligenciava à convicção não menos dolorosa, mas totalmente maluca, de que teria dado à luz, clandestinamente, a filha de Rudy e que, por razões que sempre escapariam a seu entendimento, a sua compreensão e a seu perdão, mentia para eles sobre isso.

Nunca abririam mão dessa extravagante certeza, pensava a dra. Susane.

Até mesmo um exame de DNA, que teria o cuidado de não trazer para eles, recusando-se a segui-los em sua loucura, não os libertaria dela — dessa loucura, dessa fé, dessa amarga esperança.

Por isso gostavam tanto de cuidar de Lila, dra. Susane não dissera a Rudy.

Gostam muito de você, sim, mas estão sempre dispostos a ficar com Lila porque acreditam ser seus avós biológicos, teria dito a Rudy se ousasse.

Porém, imaginava às vezes, horrorizada, será que, obcecados como estavam, não teriam conseguido esse exame de DNA por suas costas?

Acreditava que teriam sido capazes de enviar um pouco da saliva de Lila e alguns fios de cabelo da dra. Susane para algum laboratório americano, de não terem falado nada sobre isso e de ter escondido um possível resultado positivo, estavam, sim, loucos o bastante para desfrutar amargamente do fato de saberem ser, sem nenhuma dúvida, os avós de Lila, enquanto escondiam isso de dra. Susane!

Sem nenhuma dúvida, acreditariam então em sua ingenuidade, sua ignorância e sua insanidade!

Um exame demonstrando um vínculo genético de filiação entre a dra. Susane e Lila estaria errado com certeza, imaginava dra. Susane, sem conseguir conter um riso exasperado, mas seus pais incultos nem suspeitariam!

Muitas vezes se segurou para não dizer a eles: Se mandaram fazer um exame de DNA e o resultado mostrou que eu era a mãe de Lila, saibam que está errado, fiquem sabendo que esses testes não são cem por cento confiáveis e que há muitas fraudes nessa área.

Teria acrescentado talvez com um risinho cujo sarcasmo e chateação profunda também lhes escapariam: O melhor exame é o que digo a vocês, não, não sou a mãe de Lila.

Mas não dissera nada, não querendo jogar a âncora nas profundezas de seu desvario.

Pois conspirariam candidamente para mantê-la prisioneira com afirmações oblíquas e perguntas indiretas, farejando desconfiança e levantando as sobrancelhas, de modo que dra. Susane acabasse, primeiro por estar cansada e depois, enfeitçada, se sentindo confortável na loucura de seus pais.

Ela nem sempre tinha certeza de *não participar daquilo*.

Quando, naquela manhã de quarta-feira, abriu a porta para Rudy e Lila e os apresentou a Sharon, que estava particularmente graciosa e sedutora, depois de ter livrado Lila das inúmeras camadas de roupas de inverno, até chegar ao corpo gorduchinho da menina de legging e camiseta, pensava, apertando contra o peito a carne pesada e densa da criança: Amo essa menininha como se fosse minha.

O apartamento de dra. Susane estava quente.

Ela aumentara a temperatura no termostato preocupada com a possibilidade de Lila não se sentir bem em sua casa.

Agora, dra. Susane sufocava em seu próprio apartamento.

Notou que Rudy também sentia calor, e que estava com pressa de sair para o trabalho.

Ele se agitava na frente da porta, impaciente para sair, enquanto dra. Susane dava muitas recomendações a Sharon:

— Sharon, quando sair para passear com a Lila, não esqueça de colocar o cachecol nela, e lembre-se, Sharon, que Lila não deve comer frutas secas, parece que as frutas secas podem matá-la, e também, segundo o pai dela, seria bom que Lila tirasse uma soneca, obrigada, Sharon, por ter aceitado cuidar de Lila, muito obrigada mesmo.

Estranhamente encorajada pela presença de Rudy, com seus ombros largos e seu meticuloso pragmatismo, e como se precisasse de uma

testemunha enfim acrescentou num tom falsamente despretensioso:

— Sharon, e sua certidão de casamento? Já encontrou?

— Já falei para a senhora, dona Susane.

— H... — contra-atacou dra. Susane, citando o nome que Sharon se recusava a pronunciar, mesmo dra. Susane tendo falado muitas vezes que só podia se autorizar a chamá-la de Sharon se ela, por sua vez, aceitasse chamá-la por seu primeiro nome.

Sharon continuava não a chamando pelo nome.

Tergiversava e, às vezes, sem necessidade, soltava um “dona Susane” que causava dor e irritação na dra. Susane.

Sharon, enunciar meu nome não vai colocá-la em perigo e não vai atá-la à infâmia que enxerga em mim. O que fareja em mim, Sharon, que lhe provoca esse horror só de pensar que eu possa me aproximar, física e espiritualmente de você? De que tipo, Sharon, é o cheiro que eu exalo? Você sabe coisas sobre mim que eu não sei!

— Não lembro o que você disse exatamente — falou, cautelosa.

— Mas como, a senhora esqueceu?

Sharon, surpresa, sorrindo, com um olhar oblíquo e delicado, tentou então se aliar a Rudy, mas ele olhava o celular e, para grande alívio de dra. Susane, não escutava.

— Sim, sim — prosseguiu Sharon, sem olhar para dra. Susane —, disse para a senhora outro dia que minha certidão de casamento está bloqueada lá em Maurício.

— Como assim bloqueada? — disse dra. Susane com precaução.

— É, bloqueada. Expliquei para a senhora outro dia.

— Mas, Sharon, quando?

— Não sei, outro dia, não sei a data exata. Contei para a senhora que tem pessoas lá em Maurício que retêm minha certidão de casamento.

— Retêm?

Dra. Susane balbuciava como uma criança retardada, hesitante e indefesa, com medo.

Tomada pelo que parecia ser comiseração, Sharon ergueu seus lábios macios em direção ao ouvido de dra. Susane.

— Disse para a senhora, umas pessoas a quem pedi que me enviassem a certidão estão determinadas a não fazer isso, justamente porque preciso dela. Essas pessoas esperam que isso nos obrigue a voltar, querem que não dê certo para a gente, sim, existem pessoas assim, sabe. Por enquanto não posso fazer nada, a senhora não vai conseguir minha certidão de casamento, não posso fazer nada mesmo — acrescentou Sharon num tom de voz que revelava estar mais desolada por dra. Susane do que por ela mesma.

Então logo se voltou para Lila, como se dra. Susane a tivesse desviado, com suas perguntas inúteis, de uma missão muito mais importante.

Ajoelhou-se diante de Lila, passou as mãos sob a camiseta e acariciou as costas da criança.

Lila ronronou de contentamento.

Esfregou as bochechas no rosto de Sharon.

— Hum, hum, coelhinha, sua pele é suave, coelhinha — sussurrava Sharon.

Magrinha, sutil, ela pareceu a dra. Susane ter ficado ainda menor diante de Lila, ter recolhido nela mesma para não assustar a criança com seu tamanho de adulta.

— Acho que já se entenderam — cochichou Rudy, dirigindo a dra. Susane um belo sorriso de pai feliz.

Ela se sentiu então (por um segundo!) considerada ou reconhecida como a mãe de Lila, essa menina imperfeita, celestial e leal.

No fim do dia, quando dra. Susane voltou para casa muito irritada, depois de passar longas horas tentando resolver a situação de Sharon, pensando em meio a um irônico tumulto interior que não faria nada para ajudá-la e que estava decidida a lhe dizer que não trabalharia mais para ela nem para sua família se Sharon continuasse obstinada daquela maneira absurda a atrasar o avançar do processo, encontrou Lila e Sharon jantando alegres e amigas sob o fogo ardente de todas as luzes acesas.

Logo notou que Sharon inventara uma iguaria especial para crianças.

E apreciou com reconhecimento e uma ligeira preocupação a delicada consciência profissional de Sharon, que parecia ter conseguido imediatamente ser idolatrada por Lila.

A menininha gritou alguma coisa que a dra. Susane interpretou como: Está uma delícia, adorei! Ou: Eu amo a Sharon! Ou ainda: Quero ficar com a Sharon pra sempre!

A pontada de uma nova dor atravessou o coração de dra. Susane.

Seus pais, que amavam Lila com um amor primitivo, imutável, fiel, nunca tiveram a ideia de preparar, quando cuidavam dela, refeições como a que Sharon lhe oferecia naquela noite.

O sr. e a sra. Susane, indiferentes à alimentação, davam para Lila pratos congelados que compravam em promoções e estocavam no grande freezer do porão em quantidades absurdas, afirmando que não podiam fazer as compras e ao mesmo tempo se lembrar do que haviam comprado antes, então acumulavam de maneira insana e jogavam fora,

depois de cinco ou dez anos, o que não tinham comido, com a mesma desenvoltura que os levara a comprar todos aqueles produtos.

Alegravam-se por Lila não ser difícil, vendo como uma qualidade moral suplementar de sua querida Lila o fato de devorar sem reclamar os caldos adulterados que preparavam, deixando-os satisfeitos e sem críticas, sua ninharia diária.

Dra. Susane tentara adverti-los:

— A Lila é uma menina muito gorda, é preciso alimentá-la com discernimento.

Reagiram:

— A gente come as mesmas coisas que ela e não somos tão gordos. Não tem nada a ver com a gente.

Dra. Susane não tinha certeza de que seus pais não tivessem engordado.

Haviam mudado desde sua infância, tinha a lembrança de um casal seco, forte, parcimonioso, conciso.

Mas o que importa, pensava, engordam assim na velhice e nem percebem, agradam a si mesmos e um ao outro, o que importa que avancem juntos, sempre de acordo, eroticamente unidos, na direção de um incontestável sobrepeso?

— A Lila é pequena, é preciso lhe ensinar bons hábitos. O médico a pesou, ela está acima da média para a idade — explicou a eles.

— Ah, os médicos! — dizia o sr. Susane, forçando-se a rir, pois não era costumeiro que faltasse com o respeito aos cientistas.

— Lila está muito bem como está — acrescentava a sra. Susane num tom definitivo.

Sharon servira para Lila finas fatias de carne de cordeiro numa cama de abobrinhas e berinjelas grelhadas.

Fizera um molho leve à base de hortelã fresca e leite de amêndoas.

Dra. Susane, mais tarde, comeria os restinhos, deliciosos.

Por que o sr. e a sra. Susane não podiam oferecer a Lila um cuidado carinhoso e diligente como o de Sharon, já que tinham a convicção de que Lila era sua neta biológica?

Seu amor feroz por Lila era de verdadeiros avós, mas o desinteresse que manifestavam com relação a sua saúde parecia revelar que sabiam não ter com ela laços tão incontestáveis que os levassem a se aborrecer com a obrigatoriedade das refeições equilibradas.

Dra. Susane, nesse ponto, sofria por eles.

Mas o que poderia fazer, se perguntava.

Confessar mentirosamente que dera à luz Lila sete anos antes?

Ou criticá-los com veemência por alimentar Lila com produtos medíocres, sendo que talvez não agissem assim com o verdadeiro sangue de seu sangue?

Pouco depois de dra. Susane ter chegado, Rudy veio buscar Lila, primeiro nervoso e ansioso, depois profundamente tranquilizado quando a menina encostou o rosto em sua barriga apertando-a com todas as suas forças, tanto que ele exclamou para dra. Susane e Sharon, com uma voz repleta de gratidão:

— Obrigado, obrigado!

Porque era raro que Lila revelasse seus sentimentos quando estava feliz, e Rudy costumava encontrar, mesmo na casa do sr. e da sra. Susane, onde tudo se passava às mil maravilhas, uma criança friamente taciturna, contente à sua maneira indistinguível e carrancuda, abatida e muda.

— Nunca vi minha Lila tão feliz — disse ao telefone para dra. Susane na manhã do dia seguinte. — Sharon soube se entender com ela melhor do que ninguém, nem a mãe, nem eu, nem seus adoráveis pais. Ela me contou também que comeu a melhor refeição de toda a sua vida.

Dra. Susane respondeu que estava encantada.

Sentia-se orgulhosa de Sharon e de si ao mesmo tempo.

Então, depois de se despedirem como sempre, na hora de desligar, e como se Rudy tivesse esperado esse momento para dar ao que queria dizer um tom desprezioso, acrescentou:

— Pelo que entendi, Sharon e Lila fizeram compras juntas e depois Sharon a levou a um apartamento onde devia trabalhar, fazer faxina talvez. Acho que isso não desagradou Lila. Ela bisbilhotou tudo, montou a cavalo no aspirador de Sharon, chegou até a ajudar a virar um colchão — enfim, talvez eu esteja traduzindo mal o que julguei entender...

— Sharon levou Lila para a casa de outra patroa? Para uma casa desconhecida? Foi isso mesmo que Lila contou para você?

Dra. Susane, escandalizada, esforçava-se para falar num tom calmo, que no entanto não enganou Rudy.

— Não se preocupe, Lila estava muito feliz! — respondeu prontamente, temendo talvez, pensou dra. Susane, que ela não deixasse mais Sharon tomar conta de Lila por causa dessa besteira. — E afinal, qual o problema? — perguntou corajosamente. — Você não me disse que Sharon era séria e confiável, irrepreensível? Sendo assim, por mim, pode levar Lila aonde bem entender.

— Sim, está certo, você tem razão — disse dra. Susane, enfraquecida por uma enorme sensação de alívio.

Sim, que Lila, afinal, seja levada para onde Sharon quiser, esta Providência, e que Lila nos ilumine a todos!

Por isso, na noite desse mesmo dia glacial, lúgubre, a primeira frase que dra. Susane disse para Sharon, querendo, achava, deixar as coisas claras, foi esta:

— Sharon, soube que você foi para a casa de outra patroa com a Lila.

Usou seu tom de voz mais suave e cuidou também para não pisar forte demais no assoalho *para não correr o risco de ver o faisão levantar voo muito cedo ou ter a corça fora da mira do rifle*. — Mas não tem problema, Sharon, pois o pai da Lila me disse hoje de manhã que não via problema nisso. É ele que decide, não é?

Sharon, pequenina, o rosto erguido e atento, dura e quase enrugada sob as luzes ardentes, esboçou um breve sorriso de rendição e depois baixou os olhos.

— Sim, fui à casa da sra. Principaux, não posso deixá-la na mão — disse.

— Não estou perguntando mais nada — disse dra. Susane. — De todo modo, o pai de Lila concordou. É ele quem decide, não é?

— De fato.

A voz de Sharon soava agora alta e orgulhosa, provocante.

— E a mamãe não disse nada contra?

— A mamãe? — gaguejou dra. Susane. — Que mamãe?

— A mamãe de Lila? Ela não acha ruim que a menina vá comigo para a casa da sra. Principaux?

— Não sei nada a respeito, suponho que não, mas não sei nada a respeito mesmo, o pai dela é quem deve cuidar disso. Meu deus, Sharon, não cabe a mim perguntar sobre esse assunto para a mãe da Lila. A mamãe da Lila — acrescentou a dra. Susane covardemente, para agradar Sharon.

— Você não a conhece? — perguntou Sharon após alguns segundos repletos de desconfiança e incredulidade.

— A mãe de Lila? A mamãe?

Sharon ficou calada.

Seu olhar azul-esverdeado, inclemente, fixava-se no rosto de dra. Susane bem acima dela.

— Então, não, sei quem é, mas nunca a encontrei, e daí? Ao menos sei quem é, pronto. O que você entende por “conhecer”? “Encontrar” ou “saber quem é”?

— A senhora que sabe — murmurou Sharon.

Como se tivesse sido interrompida, pegou sua jaqueta no cabide com

um gesto lento.

Mostrou seu pescoço desnudado e disse numa voz seca:

— O seu cachecol laranja, a senhora viu, eu coloquei na pequena quando o papai dela veio buscá-la.

Dra. Susane, na véspera, não notara, nem tinha certeza de ter se despedido de Lila, pois estava ocupada discutindo com Rudy o caso do cliente que queria mudar de sobrenome.

— Você fez bem, obrigada. Sharon...

Dra. Susane prendeu a respiração.

Depois, ofegante, balbuciou:

— O que posso fazer por essa história da sua certidão de casamento? Seu processo? Preciso do documento, sabe.

— Ah — disse Sharon —, eu confio na senhora. As ideias que tiver serão as melhores, o que fizer será bem-feito. Não posso fazer nada. É seu trabalho salvar as pessoas que não podem fazer nada. Todas as noites, não é para Deus que eu rezo, é para a dra. Susane.

Então, no corredor, Sharon se ajoelhou, num movimento pesado, doloroso, embora ela fosse imponderável nesta terra.

— Me ponho de joelhos, veja, e me dirijo à senhora e suplico que nos ajude. Só depois falo com Deus. Pois sei que tudo o que a senhora fizer será bem-feito.

Dra. Susane, ofendida, levantou Sharon com um puxão.

— Isso não está certo — balbuciou —, você não devia pensar assim, ter tanta esperança...

Podia sentir sob seus dedos o úmero frágil de Sharon, a carne dura e magra dessa mulher sem importância que agora ocupava um lugar igual ao de Marlyne Principaux em seus pensamentos.

Tenho horror a preces, Sharon, a essa piedade feminina chorosa, essa espera astuta, calculista! Não me dê, Sharon, um papel nessa peça obsequiosa que se desenrola em sua mente estranha e comum ao mesmo tempo, não reze por mim, Sharon! É vergonhoso para mim!

Quando saiu para ir ao escritório no dia seguinte, no frio hiperbóreo desse inverno singular, dra. Susane não calçou suas botas com sola de borracha.

Escolheu, achando que podia estar cometendo um erro, botas de salto.

Principaux talvez a visitasse?

Mas seu desejo não seria desagradar Principaux, em vez de agradá-lo?

Queria ter, diante da hipotética presença de Principaux, a segurança que lhe davam os saltos finos e as solas de borracha não, mesmo que a

arrogância dos saltos, a confiança garantida tanto pela altura ampliada (e a dra. Susane já era muito alta!) como pela autoridade inegável, obtusa, tirânica do toque-toque sobre o assoalho lhe parecessem ter pouco poder diante de Principaux e da ausência de lembranças que ele dizia ter sobre seu antigo relacionamento — o controle que (talvez) tenha concedido a si mesmo sobre a memória de dra. Susane.

Pensava às vezes, confusa:

E se mamãe não estiver enganada? Se tivéssemos ido, as duas, na casa dos Majuraux e não na dos Principaux? O que seria para mim então Gilles Principaux? Nada, além do marido de Marlyne. O que devo ser para esse homem?

Escolheu, então, naquela manhã, mostrar-se para ele, se viesse ao escritório, como uma mulher com saltos altos, autoritária, glamorosamente despótica com andar altissonante.

Não queria seduzi-lo, mas intimidá-lo, não queria agradá-lo, mas diminuí-lo, aquele homem fraco, com suas camisas azuis sob o pulôver de gola redonda.

Pecara por vaidade, por fraqueza, pensaria assim que conseguisse se reerguer, e seu medo de Principaux a conduzira à bobagem de usar saltos.

Sim, tinha medo dele — com raiva, sem nenhuma certeza e consciente de que ele não poderia lhe dizer, como imaginara:

Foi com um Majuraux que você teve uma história antigamente, sua mãe não está enganada e você só me conhece, Principaux, há duas semanas.

Ah, estou sendo punida, pensaria, punida por ter sido tão medíocre, por temê-lo e por desejar me impor graças a um simulacro de poder.

Avançava a passos largos, como sempre.

Nas alamedas de Tourny o solado liso das botas finas derrapou na calçada congelada.

Ela caiu bruscamente.

A testa bateu na quina da calçada.

Não percebeu o ferimento e o sangue que escorria na testa porque o joelho esquerdo doía muito.

Logo se esforçou para ficar de pé, terrivelmente envergonhada.

Mas seu joelho falseou, caiu de novo.

Seu rosto bateu no chão e, como depois de levar um tapa inesperado, não merecido, uma torrente de lágrimas atônitas lhe encheu os olhos.

Estava com tanta vergonha, de suas deficiências, de seus erros, que repeliu com um gesto resolutivo as mãos que se ofereciam para ajudá-la.

— Está tudo bem, obrigada, obrigada — balbuciou.

Com um sofrimento de que teria se poupado se tivesse aceito a ajuda das mãos anônimas, restabeleceu-se sobre as pernas trêmulas, e foi se distanciando com pequenos passos.

O sangue escorria da testa para os lábios.

O joelho doía terrivelmente.

Foi mancando até o escritório.

Como teria adorado ligar para a sra. Susane!

Por que, meu deus, eu não posso ligar para minha mãe?

Como nós três chegamos a esse ponto, filha amorosa, pais amorosos, a ponto de eu não poder ligar para eles para me consolar, para cuidar da minha alma, curar minhas feridas?

Subiu penosamente os dois andares, agarrando-se ao corrimão e se puxando, porque seu pé esquerdo só conseguia se apoiar muito levemente sobre os degraus.

Diante da porta do escritório, com os ombros apoiados na parede e o quadril para a frente como um bandido num filme antigo, Principaux a esperava, com a expressão sombria.

A dra. Susane sufocou com dificuldade um gritinho de surpresa, de contrariedade.

Passou rapidamente a mão em suas faces sujas.

Então Principaux lhe dirigiu um grande sorriso infantil.

Mostrou uma expressão de tamanha gentileza que dra. Susane, mesmo não querendo, ficou tocada.

Parecia que não notava que dra. Susane estava mancando, não via o sangue em seu rosto.

Olhava-a sem vê-la, e ela se sentiu ao mesmo tempo aliviada e perturbada.

— Ah, aí está você! — exclamou o homem como uma criança contente.

Seus olhos iam do rosto de dra. Susane até seus pés — nem era uma criança, mas um cachorrinho, um animal feliz, pensava apreensiva.

— Você pode me receber? Está livre agora? Será que eu deveria ter marcado? — perguntava agora num tom suplicante, quase choramingando.

Não vê que estou machucada? Sangrando?

Isso, no entanto, dra. Susane não ousou perguntar a ele.

Disse, cansada, mas amável:

— Não, não, é um prazer, fez bem, queria justamente...

Sua voz desapareceu num murmúrio inaudível.

Fez Principaux entrar e depois foi mancando até o banheiro.

O reflexo de seu rosto no espelho minúsculo a assustou.

Havia sangue ressecado nas sobrancelhas, nas narinas, e sangue escorrendo ainda do corte na testa.

Lavou-se o melhor que pôde.

Penteou-se, passou um batom vermelho demais, pensou, para a circunstância, esperando assim ganhar o aspecto imponente que suas botas altissonantes não lhe dariam mais.

Porque o que lhe importava, diante de Principaux, era não ser ela mesma.

Importava-lhe, diante de Principaux, ser uma mulher invencível.

Ele já se instalara, tirara a echarpe e o casaco, dobrara-os rigorosamente e os pusera perto de sua poltrona, na frente da escrivaninha de dra. Susane.

Quando se sentou, uma dor violenta atravessou seu joelho.

Autorizou-se a fazer uma careta, já que Principaux parecia não perceber nada.

Olhava para seu rosto, no entanto, para sua boca pintada que o sofrimento devia deformar — e a surpresa de sofrer assim.

Ele logo enrubesceu.

Mas o que inspecionava com seu olhar rancoroso, desconfiado, não era o rosto machucado de dra. Susane, que de fato não enxergava, ela logo entendeu.

Sondava com ansiedade e suspeita sua própria desordem interior.

— Doutora, não sei mais o que pensar, estou muito infeliz, quero dizer, ainda mais infeliz.

Ela ergueu as sobrancelhas, o que provocou uma dor atroz em sua têmpora do lado direito.

Bruscamente, curvou a cabeça pesada na direção da escrivaninha e a segurou com uma mão na face.

Como dóia!

— Doutora — dizia Principaux —, não entendo por que Marlyne não quer me ver. Fui lá ontem, ela se recusou a falar comigo. Doutora, me ajude!

Desatou a chorar.

— Ela não quis falar comigo, não entendo o porquê, só lhe digo palavras gentis, de amor, não pergunto nada, ela não pode ter medo de mim, não é? Sou doce, sou compreensivo, percebe? Sou uma vítima doce e compreensiva!

A angústia, a tristeza e a inquietude elevavam o tom de voz de Principaux a um agudo que ofendia os ouvidos de dra. Susane.

O jovem Principaux, em seu quarto em Caudéran, poderia ter uma voz

assim estridente? Será que não se lembraria?

Como doía!

Teve a impressão de que o sangue começava a verter da ferida, que sua face estava suja outra vez, e que os cílios pesados de sangue, grudados, impediam a pálpebra de umedecer a pupila, por isso os olhos estavam tão secos, como se alguém tivesse jogado um punhado de cinzas em seu rosto.

Ela se segurou para não levar os dedos ao rosto, para não se desculpar por seu aspecto.

Já que Principaux, de qualquer forma, não a enxergava.

— Eu sou a vítima, não é, doutora? Eu e as crianças?

Principaux chorava suavemente agora.

— Deixe-a em paz — disse dra. Susane com esforço. — Não se atormente. Ela não quer mais vê-lo, então não insista. Que diferença faz para você? Por que quer vê-la de qualquer jeito? Por que quer convencê-la de que a ama? A sua presença a tortura e a presença dela o martiriza, então não vá mais.

Será que pronunciou mesmo essas palavras?

Dra. Susane, embrutecida pela dor, não estava segura disso, enquanto Principaux olhava-a sempre com expectativa, como se esperasse que começasse a falar.

Tirara do bolso um grande lenço de tecido, limpo e bem passado, que desdobrou lentamente, cuidadosamente, antes de enxugar os olhos.

— Conte-me então — disse dra. Susane —, quando você chegou em casa e encontrou os policiais e Marlyne na sala...

Como previra, Principaux se animou.

Suas mãos começaram a tremer, a ponto de decidir amassar o lenço antes de enfiá-lo no bolso, incapaz de dobrá-lo de novo.

Um sorriso fixo, inconveniente, levantou o canto de seus lábios, aquele mesmo sorriso impróprio que a dra. Susane vira em suas entrevistas e que se abstivera de julgar, diferentemente de alguns comentaristas que haviam enxergado ali a perversidade de Principaux.

De repente, pareceu-lhe óbvio que esse rito ajudava Principaux a dissimular sua raiva, seu profundo sentimento de não ser compreendido.

Era, pareceu-lhe então, o reflexo infeliz do pudor, a exibição desajeitada da ideia que fazia da decência, segundo a qual não devia demonstrar nem sofrimento nem raiva.

— Sim, doutora — iniciou comendo metade das palavras por conta da emoção —, como sabe, Marlyne havia me ligado antes, eu estava na faculdade, estava no trabalho, e ela me ligou e pediu que voltasse para

casa, mandou que voltasse para casa, melhor dizendo, o que me contrariou, é verdade. Porque eu tinha muito a fazer naquele dia. Sim, doutora, poderia dizer que estava sobrecarregado naquele dia. Porque sim, devia ainda realizar algumas tarefas administrativas, receber estudantes, preencher planilhas e escrever relatórios, sem falar nos muitos e-mails que me angustiavam desde de manhã quando abri minha caixa de entrada e vi que uma dificuldade anódina que ousara comunicar a meus colegas e à direção havia gerado uma torrente de respostas e de declarações que não me faziam falta e que me fizeram pensar comigo mesmo, que me fizeram pensar quero dizer, que teria sido melhor não dizer nada, não ter levantado esse pequeno problema que, naquele momento, é verdade, não me parecia pequeno mas também não tão importante para desencadear todas aquelas reações. Porque, doutora, eu poderia ter ficado lisonjeado, não é? Não é?

Dra. Susane se manteve em silêncio.

Achava que havia sangue em seu rosto.

Seu joelho doía tão cruelmente que a simples perspectiva de ter que ficar de pé a angustiava.

— Porque, doutora, sim, alguns de meus colegas teriam tirado vantagem e ficariam vaidosos com uma coisa assim — continuou Principaux com uma paixão gaguejante —, porque, sim, veja, você fala quase incidentalmente de alguma coisa, qualquer coisa que lhe importa, que tem a ver com religião, ou com laicidade, é a mesma coisa nesse caso, e então tudo se encadeia e se multiplica e você não sabe mais o que fazer, e pode fazer desses limões uma limonada se for ambicioso, o que, doutora, não sou, não o suficiente sem dúvida, e só fiz uma limonada amarga com o combate verbal que nunca fará, doutora, nem minha glória nem minha fortuna. Porque, sim, sou gentil, doce, pacífico, sou um ingênuo, sim, doutora. Porque sou um crédulo, doutora. Porque sou, doutora, um...

Ela o interrompeu:

— O que aconteceu quando chegou em casa?

Agora parecia que o sangue da ferida pingava da ponta de seu queixo na gola do vestido.

O que ele via?

Ela não ousou fazer nenhum gesto.

Nesse momento, suas mãos repousavam, pesadas, enormes, entre suas coxas não menos pesadas, petrificadas.

— Ah, sim, doutora, quando cheguei em casa nesse famoso dia!

Quis rir, mas reprimiu claramente esse impulso.

Sorria ainda, no entanto, distraidamente, sem consciência, enquanto

seu olhar aflito e duro se fixava na orelha da dra. Susane.

— Porque, sim, doutora, Marlyne me ligou quando eu estava no trabalho, ela nunca ligava, não me incomodava nunca, e você vai pensar com certeza que, desde então, eu teria compreendido que alguma coisa grave haveria de ter acontecido. Porque, não, doutora, eu não entendi, mesmo que devesse. Doutora, eu não me perdoaria nunca, mesmo sabendo que isso não teria mudado nada e que Marlyne fez o que fez um pouco antes de ter me ligado, ou quase. Eu teria corrido e depois? Sim, doutora, e depois? Porque eu teria encontrado as crianças antes que os policiais chegassem. Teria encontrado as crianças mortas da mesma maneira. Porque tecnicamente isso não mudaria nada, não é, doutora? A ligação dela me incomodou? Sim, eu estava impaciente, descontente, ela não tinha nada para me dizer, falava baixinho: Pode vir pra casa, por favor? Ah, se puder voltar já, e quando eu lhe perguntei o porquê, dizendo também que onde estava tinha muito a fazer, coisas demais para o meu gosto, ela se limitou a repetir com uma voz gemida, apiedada, irritante, sim, doutora, não o tipo de entonação a que você tem vontade de obedecer: Volte, por favor, volte para casa. Deveria compreender? Porque ninguém teria entendido, doutora. Porque eu tinha um milhão de coisas para fazer naquele dia. E ainda assim voltei muito mais cedo do que o previsto, doutora, isso ninguém diz. Porque senti alguma coisa, porque uma inquietude começou a me incomodar, doutora. Voltei antes do meu horário habitual. Porque a angústia aos poucos substituiu a irritação, porque o tempo, mesmo breve, decanta os impulsos, sim, doutora. Porque eu não estava mais exasperado uma hora depois da ligação de Marlyne, porque estava atormentado, sim. Fui muito mais rápido do que o normal. Estava preocupado, sim, pois de repente comecei a temer pela minha mulher, por Marlyne, pois eu pensava que ela não estava bem, por que tinha me ligado, já que nunca fazia isso, podia estar deprimida, ainda que, doutora, não visse nenhuma razão para uma eventual depressão de Marlyne, que, na minha opinião, doutora, ia bem, muito bem, pois estava na manhã mesmo daquele dia horrível, e na véspera também, estava o tempo todo, sim, doutora, pois Marlyne nunca alterava seu humor, estava estável e bem tranquila, doutora, porque Marlyne era, doutora, sim, uma mulher equilibrada, doutora, uma mulher constante que eu amava integralmente e que, doutora, sim, compreendia, que amava, porque uma mulher razoável, porque uma mulher razoável que, doutora, eu amava e, sim, compreendia integralmente.

Principaux, sem fôlego, parou.

Não sorria mais, porém ostentava uma careta tão marcante que todo

seu rosto se transformara.

Fechou os olhos.

Dra. Susane aproveitou (*por quê, se ele não a enxergava?*) para levar sua mão pesada à testa, reticente, e lhe pareceu que a ferida ainda purgava, mas que o sangue não escorria com a assustadora abundância que sentira indiscutível e claramente pouco antes.

— Porque sim, doutora, cheguei em casa, cheguei e vi a polícia lá, estacionada diante de nossa casa sem história, diante de nossa vida sem história, porque então compreendi, doutora, que alguma coisa grave tinha acontecido, que alguma coisa ruim tinha acontecido a Marlyne, porque ela ainda era e será para sempre minha esposa querida, a única mulher que amarei até a morte, porque ela é a Marlyne, aquela que amo e a eterna mãe de meus filhos, seja como for, os únicos filhos que terei neste mundo, porque, doutora, sim, cheguei e minha vida tomou um outro rumo porque nunca mais teria filhos com quem quer que fosse porque poderia muito bem voltar a tê-los porque não quero porque essa simples hipótese me causa horror porque não quero mais filhos, nunca, cheguei diante da nossa querida casa, diante da minha querida esposa, porque vi o carro de polícia e pensei, ah, não, meu amor, ah, não quero que esteja morta porque só pensava em Marlyne porque nunca me preocupei de verdade com as crianças que gozavam graças a Marlyne de uma saúde formidável, porque cheguei, porque entrei e encontrei minha querida Marlyne sentada no sofá porque os policiais a haviam instalado ali e Marlyne era uma mulher obediente às vezes excessivamente porque às vezes eu lhe dizia que devia se defender no trabalho e não se deixar maltratar por um colega tirânico porque era assim que eu me permitia qualificar aquele homem do colégio de Pauillac que ela afirmava respeitar e apreciar mas que impunha a ela um número de horas suplementares que só podiam deteriorar sua saúde mental porque minha querida mulher, meu amor, era o que se chama uma personalidade frágil porque era frágil porque era frágil e sensível porque sua própria mãe e suas irmãs a deixaram de lado porque, sabe, elas não a visitavam mais desde que nossos filhos nasceram e como se, meu deus, Marlyne tivesse fracassado indiscutivelmente tornando-se uma mãe de família porque todos os valores se invertiam como num filme de ficção científica em que seus parentes a criticam e a rejeitam por causa de suas virtudes e não por seus defeitos, porque então, doutora, sua própria mãe tinha mais ou menos decidido não ver mais Marlyne porque Marlyne não vivia mais segundo os preceitos respeitáveis mas contestáveis que sua mãe havia forjado sobre o dever que tinha toda esposa de ser economicamente independente, e isso não nego de maneira nenhuma,

pois se minha pobrezinha Julia tivesse sobrevivido eu teria lhe ensinado a mesma coisa porque não sou o que acham de mim ou o que a mãe de Marlyne acha de mim, pois sou um homem, sou um pai era um pai que reconhece desde sempre as ideias de emancipação e a sua mãe acreditou ser preferível abandonar Marlyne a ouvir a voz decidida de sua filha explicando que havia escolhido ocupar-se em tempo integral das crianças, porque sua mãe, sim, doutora, optou pela deserção pura e simples, pelo frio abandono, cruel, imperdoável de uma filha adulta que ousou ir contra suas prescrições, porque, doutora, eu sei porque Marlyne sofreu consideravelmente ela sofreu com a distância consideravelmente sofreu com a distância que se instalou entre elas, entre Marlyne sua mãe e suas irmãs, sim, doutora, essas três mulheres não tiveram coração numa proporção criminosa, não as perdoarei jamais, jamais, porque abandonaram minha querida Marlyne que, pode pensar o que quiser, fazia sempre o melhor que podia, porque matou pensando agir assim do melhor modo que podia, porque acreditou, é chocante, sim, doutora, mas é a verdade, porque a verdade é que acreditou fazer como sempre havia feito antes, porque os matou porque sempre deu a eles tudo o que podia e esse tudo se revelou ser a morte porque a morte era então o que pensava ter que dar a eles porque minha pobre mulher estava demente, doutora, é evidente, porque é demente à sua maneira discreta e admirável e pudica e meritória porque merece nosso respeito total e integral porque tento substituir com meu amor e meu apoio a sua mãe, que não quer mais ouvir falar de Marlyne, e é cruel e abominável de sua parte quando se é mãe, sim, doutora, porque não sei se é o seu caso, ser mãe, porque não sei...

— Mais ou menos — murmurou dra. Susane, exausta como raras vezes estivera.

— Quer dizer, doutora, que tem mais ou menos filhos? — repetiu Principaux achando graça de repente, o que fez surgir outra vez seu grande sorriso infantil.

— É literalmente isso — disse a dra. Susane num tom seco. — Não há motivo para brincadeira.

Com uma vontade súbita de urinar, levantou-se desajeitadamente.

Foi mancando até o banheiro, onde evitou se olhar no espelho, porque veria ali refletida uma pobre figura suja de sangue, e sabia que a mulher sensata que havia dentro dela duvidaria da realidade dessa visão, e não tinha forças para lutar entre a mulher sensata e aquela que não era, mas que em geral compreendia melhor as coisas.

Quem era Principaux para ela?

— Porque, sim, doutora — retomou assim que ela voltou, cheguei,

até porque ia acontecer que acabasse chegando, e que entrasse em nossa casa e que visse, se ousou dizer! Porque o que havia para ver, era preciso, não é, que eu visse. Porque eu chegaria de qualquer maneira, teria visto de qualquer maneira, o que devia ver, não é, doutora? Porque ver o que lhe é mostrado, não ter a sorte de ser cego, é inevitável, não é, doutora? Porque a sorte de ser cego em tais circunstâncias, doutora! Não pedi para vê-los! Eles me obrigaram, doutora! Não queria ver nada, não queria saber nada, porque não queria nem olhar nem saber, mas amava só Marlyne, doutora. Porque amava minha mulher mais que tudo, doutora.

— Quem o obrigou, sr. Principaux? E a fazer o quê?

— Doutora, Gilles, pode me chamar de Gilles, doutora, esse é meu nome.

— Prefiro não chamá-lo de Gilles, sr. Principaux — murmurou dra. Susane.

Com uma voz mais firme acrescentou:

— Prefiro não o chamar de Gilles. E espero que, de sua parte, o senhor evite me chamar pelo meu nome.

— Nem sei seu nome, na verdade — constatou Principaux num tom levemente surpreso.

— Não sabe ou não se lembra?

Deixou escapar um risinho amargo de que se arrependeu, de que sentiu vergonha.

A dor no joelho piorou.

— Com licença — disse calmamente.

Inclinou-se para o lado, tentou massagear a articulação, mas esse gesto provocou uma dor ainda mais forte.

E o rosto sanguinolento, que embaraçoso!

Nunca, com Rudy ou com outros homens, poucos, cuja lembrança a autorizava a pensar vagamente em algum tipo de vida sexual, nunca tivera a impressão de ter sido tão desnudada.

— Aqueles dois me forçaram, doutora, os dois policiais que já estavam lá quando cheguei.

Ela o interrompeu:

— Não havia um homem e uma mulher? Ela jovem, ele perto da aposentadoria?

— Não, doutora, de jeito nenhum, eram dois homens — disse Principaux no tom tranquilamente peremptório de quem sabe que sobre esse ponto ninguém poderá invalidar seu testemunho. — Dois homens, nenhuma mulher, não, pode imaginar que me lembraria, dois policiais bem velhos, um magricela e um barrigudo, pois eles pularam em cima

de mim assim que empurrei a porta, nem sequer me permitiram falar com Marlyne, me empurraram para o quarto, e eu não sabia o que podia esperar e por que me obrigar, não é, nosso quarto deveria ser um santuário desde que Marlyne havia feito aquilo que fizera, sim, doutora, fizera e o que tinha feito revelava-se absoluto, não é, doutora, porque não se podia de modo algum sonhar ou imaginar desfazer ou moderar ou atenuar o resultado, de forma, doutora, que me empurraram sim empurraram para esse quarto onde meus filhos, doutora, onde meus filhos...

Dra. Susane deixou de lado a ideia de lhe perguntar se tinha visto os cadáveres arrumados sobre a cama ou dentro dos lençóis, expostos ou cobertos.

Ele enxugava seu rosto pálido e cavado, seus olhos molhados.

Dra. Susane então ousou enxugar os seus.

Sentia tanta dor, em todos os lugares!

Os dois se sobressaltaram, como cúmplices, pensou dra. Susane, quando o telefone fixo tocou.

— Sou eu, minha querida...

A voz de sua mãe parecia tão fraca que a dra. Susane se alarmou:

— Sim, mamãe, o que está acontecendo? Você está bem?

— Sim, sim. Seu pai ainda não voltou, então estou aproveitando...

A sra. Susane interrompeu a frase por tempo suficiente para que dra. Susane se preocupasse outra vez.

— Alô, mamãe? Você está aí? Está tudo bem?

— Sim, sim, minha querida, não se preocupe. Queria dizer que me enganei, me confundi de alguma forma. Então fiz uma coisa diferente... Obriguei minha memória a me dizer a verdade, veja você... E funcionou.

— O quê?

Dra. Susane, tentando não falar muito alto, ficou de repente com uma voz baixa, velada, como se estivesse indiferente.

Principaux a olhava, os olhos úmidos ainda, o lenço apertado em sua mão.

Será que enxergava a figura lamentável de dra. Susane, seu rosto manchado, a indigência geral de seu aspecto?

— Então, agora eu sei — retomou a sra. Susane, falando tão baixo que dra. Susane mal a escutava —, sei que aquela família maravilhosa se chamava Ravalet, sim, os Ravalet de Caudéran, minha querida, se isso pode ajudar você.

— Mamãe, Ravalet, sério?

— Sim, agora eu sei, como expliquei para você, de algum modo, obriguei minha memória a ser mais exata.

— Você obrigou sua memória, mas, mamãe, sua memória não corria riscos! Qual era o prêmio? Quando a gente obriga, quando se ordena, é preciso que o outro tenha medo de alguma coisa! Sua memória tinha medo de quê, honestamente?

A torrente de uma raiva inesperada tirou de dra. Susane qualquer possibilidade de ser discreta.

— Mamãe, você quer me matar — gemeu bem perto do telefone. — Você me fala desses supostos Ravalet, mas esse nome não tem nenhuma relação com... Enfim, a sonoridade não tem nada a ver com Majuraux! Você tem certeza, certeza absoluta?

— Sim, minha querida, e é você que quer me matar com suas dúvidas, com essa incredulidade, essa maldade, não reconheço você. Por que não...

— Mamãe, não estou escutando, fale mais alto!

— Por que — retomou a sra. Susane com uma voz agonizante —, por que tenho a impressão de que você acreditaria em mim, que me amaria novamente apenas se eu afirmasse que o nome deles era Principaux? Confessaria então estar mentindo, mas você não ouviria, você não quer admitir que esse nome não me diz nada. Você está convicta, mas está enganada, você está enganada, minha querida... Você está sofrendo com uma mentira, sofrendo por nada... Eu também estou sofrendo... Ravalet, Ravalet, foi tão difícil achar esse nome... Você está sofrendo como em um sonho, é real para você, mas não existe, minha querida... Seu pai está chegando, adeus, adeus...

— Tente convencer Marlyne, eu suplico! — exclamou Principaux assim que ela desligou o telefone. — Diga-lhe que deve aceitar minhas visitas, que não posso viver sem elas, as visitas, porque Marlyne me deve ao menos isso, afinal quem são as vítimas nessa história horrível?

Estava emocionado, leal.

Seus olhos brilhavam de dor e exaltação.

— Não tenho — disse dra. Susane, cujo olhar exprimia provavelmente, acreditava, a mesma dor, a mesma exaltação — que convencer Marlyne do que quer que seja em relação a você. Não é meu papel, entenda. Não tenho que fazer o que quer que seja que o agrade. Apenas o interesse de minha cliente deve importar para mim. É interesse dela que você vá vê-la? É tudo que devo levar em consideração, entenda.

— Sim, sim — disse Principaux com vivacidade. — Sim, tente, eu suplico, persuadi-la de que se sentirá melhor se receber minhas visitas de tempos em tempos, porque nós já nos amamos, já nos amamos muito, porque sofro menos quando posso vê-la.

Bateu ao lado das coxas, desamparado, e deixou, tomado pelo cansaço, as lágrimas transbordarem de suas pálpebras, rolares nos vincos profundos que tinha entre o nariz e as faces.

— Porque eu estou sofrendo, doutora, eu estou sofrendo — soluçava.

Porque nós sofremos, Principaux, nós sofremos, não disse a ele dra. Susane.

O sangue de sua ferida parecia agora escorrer dentro dela mesma, sem provocar muita dor, quase como se estivesse simplesmente menstruada.

Aliviada, esfregou as faces, os cílios, embaixo dos olhos: seus dedos não revelaram nenhuma umidade expressiva.

Levantou-se com dificuldade.

Mancou até Principaux, pousou sobre seu ombro uma mão medrosa, contida, ao mesmo tempo segura de sua força e de seu direito.

Mas quem era Principaux para ela?

Será que existiram os Majuraux, os Ravalet?

Entre ela e todos esses nomes, tinha acontecido alguma coisa?

Voltou para casa devagar à noite, dando pequenos passos doloridos.

Seu joelho inchara tanto que o tecido da calça o comprimia cruelmente.

O ar estava frio e úmido, a calçada ainda congelada.

Dra. Susane tinha a impressão de que não progredia, que suas botinhas travessas faziam com que recuasse na calçada quando ordenava que seus pés avançassem.

Ela chegou em casa tão abatida que achou que o brilho das lâmpadas acesas por toda parte, mesmo reprovando o desperdício, aqueciam seus dedos enrijecidos e seu coração ansioso e dolorido, assim como um fogo aceso na lareira especialmente para ela, por um amigo, uma mãe, uma alma caridosa.

Sharon veio a seu encontro, seguida de Lila, que andava balançando bizarramente suas ancas redondas.

Surpresa, dra. Susane exclamou:

— Oi, Lila, não sabia que você viria hoje, minha querida!

Lila deu um grande sorriso, como sempre fazia com dra. Susane.

— O papai veio — explicou Sharon —, trouxe a Lila, ele tinha trabalho. Ele acha que eu cuido bem dela — acrescentou Sharon com um ar orgulhoso que emocionou dra. Susane.

Mas ainda estava surpresa.

Por que Rudy não tinha falado com ela?

— O papai não vai poder buscar a Lila hoje à noite — retomou

Sharon. — Ele disse que eu devia levar a Lila para minha casa e trazê-la amanhã.

— Mas como, Sharon? Na sua bicicleta? Ele disse isso mesmo?

Dra. Susane, subitamente consciente de que sua preocupação podia assustar Lila, que já revelava, para ela que a conhecia bem, uma expressão mais séria que o normal, obrigou-se a rir, mesmo com a dor insuportável no joelho.

— Eu tenho uma cadeirinha na minha bicicleta, claro — disse Sharon. — *Sweetie*, vamos?

Enrolou o cachecol laranja no pescoço de Lila, que quase reclamou, mas logo desistiu, vencida pela ternura prudente, decidida e tranquilamente dominadora de Sharon, pensou dra. Susane.

Dra. Susane mal conseguiu abraçar Lila.

Sentiu, então, no pescoço da menina, um cheiro estranho — levemente azedo, sufocante.

— Tá tudo bem, minha querida? — cochichou, ansiosa.

A menina respondeu com um vasto sorriso a um só tempo caloroso, fervoroso e impessoal que reservava para aqueles de quem mais gostava, como dizia Rudy.

E a dra. Susane se contentou com isso, sabendo, no entanto, confusamente (mas estava sofrendo e cansada!) que pecava por covardia.

Sharon preparara de novo um jantar suculento: crepes de arroz recheados com picadinho de cordeiro e coentro, batatinhas fritas com bastante alho e salsinha, salada de endívias e radicchio.

Dra. Susane, não querendo que sobrasse, comeu mais do que desejava.

Levara impulsiva e frequentemente a mão ao corte na testa, que havia lavado e desinfetado e sobre o qual já se formava uma casquinha.

Sentia-se chocada, ofendida, rebaixada, como se alguém tivesse lhe dado de propósito um golpe terrível nesse lugar.

Quando acabou de jantar, ligou para Rudy.

— Você não me disse que traria Lila hoje.

— Bem — disse Rudy, surpreso —, pensei que estava combinado assim, que eu podia levá-la sempre que precisasse, não? E também pedi a Sharon para a Lila dormir na casa dela esta noite.

— Sim — disse dra. Susane. — Não é um pouco...

Teve um branco.

Toda a memória vocabular desapareceu.

O que queria dizer?

Não tinha a menor ideia.

— Um pouco o quê? — perguntou Rudy na defensiva.

— Um pouco... Estou com tanta dor no joelho, sabe, eu cá agora há pouco... Um pouco prematuro, isso!

— Não acho — disse Rudy devagar. — Você me disse ter certeza de que Sharon cuidaria muito bem da Lila.

— Sim — disse a dra. Susane —, não tenho nenhuma preocupação a esse respeito.

— Então, querida, por que Lila não poderia dormir com sua babá? Se todo mundo está contente?

— Sim — disse dra. Susane —, sim.

Inspirou profundamente.

— Rudy, você tem certeza de que a Lila está contente? Ela demonstrou isso?

— Claro, é evidente. Você não acha?

— Não gosto — disse firmemente dra. Susane — que Sharon a leve na casa dessa outra patroa que mora perto da catedral. Nem conhecemos essa mulher.

— Lila me disse que se tratava de uma senhora muito gentil, que só a viu de longe e que não se afasta de Sharon nem por um segundo. Me parece que tudo está em ordem, minha querida, e que você está se preocupando à toa. Por quê, aliás? Você não é assim, de se inquietar sem razão... Vou à sua casa amanhã de manhã para buscar a Lila. Não se preocupe em estar em casa, eu combino com a Sharon. Foi isso que combinamos, não foi?

Dra. Susane, cuja cabeça fervia, não se lembrava de nenhum acordo sistemático que tivesse feito com Rudy sobre os cuidados com Lila.

Teria esquecido?

Ou Rudy tentava, de algum modo, se impor?

— Bom, se tudo está ótimo para Lila é o mais importante, não é?

Surpreendeu-se destacando cautelosamente as palavras dessa frase banal, pronunciando-as com um esforço de articulação ostensivo como se, pensou amedrontada, adiantasse já os argumentos de sua própria defesa no caso de um hipotético processo em que seriam chamados a testemunhar todos aqueles que não teriam cuidado bem da vulnerável Lila.

No dia seguinte, saiu antes de Sharon e Lila chegarem.

Calçando as botas forradas, arrastou a perna até o bonde.

Parecia que o joelho inchara durante a noite, tanto que evitara olhá-lo de manhã, temendo que seu olhar ansioso, sua atenção preocupada fizessem o joelho inchar ainda mais.

Tomou o bonde até a prisão.

Sentia falta, no relato de Marlyne, de alguma coisa que a intrigava e assustava, que teria preferido não ouvir e nunca saber, mas que não podia se furtar a conhecer, mesmo que fosse para evitar escrupulosamente falar disso durante o processo: em que momento Marlyne havia tomado a decisão?

Como a ideia tomara corpo para ela?

E desde quando pensava nisso?

Uma hora antes, desde a véspera, há meses?

E o que sentia quando a perspectiva, o sonho, a possibilidade de matar seus filhos lhe vinham?

Era uma chama que sua razão e sua ternura podiam apagar logo?

Era um fogo nervoso que a deixava feliz porque não podia contê-lo?

Onde desenvolvia os pensamentos funestos, no quarto, na cozinha, no trajeto para a escola?

Ou se fossem, talvez, algumas imagens de seus pesadelos que a tivessem inspirado, convencido, desviado e depois persuadido de que deveria realizá-las, que deveria responder à ordem que seus sonhos lhe davam?

Quantas vezes, quando jovem, a dra. Susane recebera o comando de devolver ao garoto de Caudéran a ofensa que, desperta, já não tinha a certeza de ter sofrido, mas que seus sonhos lhe apresentavam como incontestável e terrível!

Porque seus sonhos sugeriam que sabiam mais do que ela, mais e melhor, e que submetendo-se a suas injunções de vingança poderia desfrutar de uma justiça bem superior à da sociedade, com suas dúvidas, seus adiamentos, e também à de seu eu desperto, que, duvidando, adiando, fazia com que esquecesse qualquer ideia de castigar aquele que talvez se chamasse Gilles Principaux.

No entanto, não foi Marlyne quem entrou na salinha onde dra. Susane aguardava, mas uma guarda, sozinha, trazendo uma mensagem.

— Ela não quer ver a senhora.

Estendeu um pedaço de papel para dra. Susane.

“Me deixa em paz”, leu.

— Você pode dizer a ela, por favor, que a espero? Que ela pode mudar de ideia e vir falar comigo? Não vou sair daqui.

Dra. Susane tirou seu computador da pasta.

Abriu um e-mail indignado de seu cliente que ansiava ferozmente mudar de sobrenome em resposta a uma carta que lhe enviara e na qual dra. Susane revelava seus temores de que a administração não encontrasse motivo legítimo para o pedido, sendo que ela mesma, a dra.

Susane, não descobrira nenhum indício provando que um antepassado dele tivesse participado do comércio de escravizados, e, no mais, esse nome nunca fora citado pelas associações que trabalhavam denunciando os vendedores de escravizados, pedindo que algumas ruas não usassem mais seu patronímico.

Nenhuma rua de Bordeaux tinha usado o nome de seu cliente.

Será que desejava, perguntara dra. Susane, seguir com o processo?

Se afundar em sua obsessão infundada?

“Eu lhe pago para que encontre e você deve encontrar. Esse sobrenome é abjeto, eu sei, ouvi coisas em minha família. É verdade, é real, tem que haver vestígios, obrigatoriamente. Dediquei anos da minha vida a esse caso, nunca abrirei mão. Não morrerei com esse nome ignóbil, ele não ficará gravado em meu túmulo. O fato de eu querer deveria bastar como motivo legítimo se vivemos num país de fato livre, não é? O que pode importar ao Estado que eu escolha um novo sobrenome? Não estou desesperado, mas exasperado. Continue procurando, doutora! A gente sempre acaba achando, o universo da internet é infinito. Rejeito a ideia de que alguém possa desejar um dia vir a cuspir em meu túmulo. Entendo, no entanto, esse futuro blasfemador. Cuspo em pensamento em meu sobrenome, sobre o túmulo de meu detestável ascendente. No entanto, não quero sofrer tal injúria pois não a mereço, luto, como você sabe, para me distanciar da ignomínia.”

Dra. Susane trabalhou por uma horinha, cochilou um pouco.

Não percebeu se saíra de seu torpor por causa de uma fígada no joelho ou pela chegada de Marlyne Principaux, que a guarda conduziu para a saleta com uma gentil piscadela para dra. Susane.

Marlyne puxou sua cadeira com má vontade, arrastando-a de propósito no chão de cimento, como uma criança difícil.

Dra. Susane, internamente, fez uma careta.

Sua mão voou para a ferida na testa, acariciou fugazmente seus lábios ainda doloridos mas já bem secos agora.

Era um corte violento, uma lesão sem nenhuma elegância, pensara dra. Susane diante do espelho pela manhã.

Será que não deveria ir fazer um curativo?, perguntava-se, mesmo sabendo que não iria, que sempre acharia, especiosamente, que não tinha tempo.

Descobria, sem precisar dizer, que era indiferente para ela se apresentar assim ao mundo.

Mas como ousar rever seus pais com a testa atravessada por aquele

Marlyne usava o mesmo moletom da outra vez.

Estava agora respingado com manchas de gordura.

Escondera os punhos cerrados no bolso canguru, coxas apertadas firmemente uma contra a outra sobre a cadeira de metal.

Seus cabelos louros caíam ao lado do rosto, parecendo à dra. Susane mais volumosos do que antes, como se estivessem inflados por uma segurança soberana e hostil.

Seu olhar seco fixou-se na testa de dra. Susane.

— Mas olha! — disse ela.

A sombra de um sentimento de compaixão atravessou seus olhos verde-acinzentados.

A dra. Susane não pôde deixar então de tocar mais uma vez a testa.

Violentou-se para conseguir sorrir para ela.

— Caí, o gelo.

— Você não falhou — disse Marlyne com uma voz que fez dra.

Susane de repente pensar que essa deveria ser sua voz de antes, caridosa, zelosa, amigável, sua voz de boa mãe e de professora atenta.

E Marlyne se inclinou para a frente como se fosse tratar, com a tepidez que sua pele irradiava, da dor de dra. Susane.

Reergueu-se bruscamente, retomou seu ar sombrio, altivo, quase provocante.

— Mas eu sempre soube que meus filhos não chegariam à idade adulta, sempre soube, mas essa certeza me desesperava, mas o que não sabia é que eu realizaria esse ato. Mas pensava que uma infelicidade chegaria para eles de fora, que um carro os atropelaria que um incêndio... Tinha visões catastróficas a respeito deles. Acordava às vezes num sobressalto, tinha sonhado que estavam mortos e que não pudera fazer nada para salvá-los. Mas não sonhava que morriam pelas minhas mãos, mas nunca, nunca. Mas naquela manhã eu estava muito abatida. Pensava que uma catástrofe ia acontecer com meus filhos e o que faria então sem eles? Ficaria presa com o sr. Principaux? Comecei a preparar o banho sem saber de verdade se aconteceria alguma coisa. Mas eu escutava um programa sobre filosofia na France Culture mas eles falavam de Levinas mas citaram: “O rosto é o que nos impede de...”. Mas essa frase me agradou, veja você, me lembro. Mas as crianças não faziam nenhum barulho em casa, eram bons garotos, prestavam atenção no que eu dizia, mas detestavam me ver triste, mas me amavam, acho. Mas temiam por mim, acho, sim. Mas Jason me perguntava sempre: Tudo bem, mamãe? Mas podia me perguntar dez vezes por dia, mas sempre

longe dos ouvidos do sr. Principaux, que ficaria bravo. Tudo bem, mamãe? Escuto ainda sua vozinha preocupada, mas revejo claramente seu sorriso contente quando lhe respondia: Tudo bem, meu querido, então o beijava, então o beijava muitas vezes ao dia, mas ele se tranquilizava por pouco tempo, mas acho que sentia em mim, como era o mais velho, uma desordem, sim, uma desordem em meu espírito abatido e em meu coração amargo amargo amargo. Mas Jason me compreendia muito bem, mas não aceitou morrer mas tive que lutar com ele, lutamos juntos abraçados e apertados na água morna do banho que espirrava ruidosamente. Mas quando acordei de manhã não sabia o que faria. Mas sabia como sempre que meus filhos queridos seriam tirados de mim, mas não sabia como nem quando, mas apenas que seriam e que... Mas ansiei por esse momento mas não tinha o direito de fazer isso mas acreditava que seria menos doloroso se fosse eu que... Mas eu que realizei esse ato, mas eu que os amava e cuidava deles. Mas eu sabia eu sabia, sabia que estávamos destinados à maior das tragédias. Mas me levantei como todas as manhãs, tinha como todas as manhãs o coração pesado, mas nem mais nem menos do que o normal. Mas joguei suavemente a água na cabeça de Julia para enxaguar o xampu, mas mergulhei a parte de trás da sua cabeça na água para enxaguar melhor, mas o resto também foi, seu rosto, seu pescoço, mas então eu não podia mais voltar atrás e eu sabia que tinha acontecido o momento que só de pensar me apavorava desde que tinham nascido, mas sabia, então, sim. Mas pensava, mas pensava pronto acabou e a infelicidade entrou para sempre na nossa casa. Uma grande calma baixou em mim porque enfim tinha acontecido porque não teria mais nada a temer porque já tinha acontecido. Mas é por isso, doutora, mas é por isso que não devemos culpar o sr. Principaux.

Marlyne começou a transpirar profusamente.

Dra. Susane estendeu a mão para ela, sabendo que não conseguiria, do lugar onde estava, tocá-la.

Via sua mão flutuante, trêmula, dedos separados entre as duas.

Não se aproxime mais, teria traduzido alguém que entrasse nesse instante.

Mas isso estava certo?

Nada do que Marlyne dissera havia atingido, em dra. Susane, a fonte de onde jorram de repente compreensão e piedade.

Aquela mulher, pensava confusa dra. Susane, não era apenas alguém na sua frente, mas *alguém*, e isso ainda era estranho para ela.

Não: Quem é Marlyne? Mas: O que é Marlyne?, perguntava-se, desorientada, e toda a raiva que sentia por aquela mulher de repente

desapareceu.

Quando, por volta do meio-dia, voltou para casa, ficou surpresa ao ver que Lila ainda estava lá, ou que estava outra vez lá, com Sharon.

— O papai não veio buscar Lila?

— Não — disse alegremente Sharon.

Olhou fixamente então, sem deixar de lado seu entusiasmo, a testa de dra. Susane.

Depois, como se por discrição, desviou o olhar.

Estava alegre, feliz, aliviada.

Dra. Susane nunca a vira assim.

Ajoelhou-se na frente de Lila, que, sentada numa cadeira da cozinha, lhe pareceu um pouco diferente da véspera, como se diminuída, encolhida, não que a menina gordinha tivesse emagrecido, mas parecia que ela inteira tinha sido diminuída, reduzida, esmagada.

Um esboço de sorriso lhe deformava levemente a boca.

A dra. Susane a abraçou.

— Tudo bem, minha pequena?

Lila pôs sua testa suada sobre a ferida da dra. Susane.

Uma terrível sensação de queimação fez dra. Susane gemer.

Parecia-lhe que seu machucado queimava, estimulado ao mesmo tempo pelo contato com a testa de Lila e pelo que a criança tentava fazer com que soubesse.

Com enorme esforço afastou-a suavemente.

Doía tanto que poderia, num reflexo, ter afastado Lila com um empurrão violento!

— A Lila está engraçada, acho — cochichou no ouvido de Sharon.

— Sim — disse Sharon, rindo gentilmente —, *Sweetie* é engraçada, todo mundo gosta muito dela.

— Ah — disse a dra. Susane, sem graça —, desculpe, queria dizer que está estranha, não como sempre, não é?

— Bem — disse Sharon depois de um segundo de silêncio —, *Sweetie* está feliz e contente de ficar comigo. Não sei como era antes. Estamos muito bem as duas, pronto!

Dirigiu à dra. Susane um olhar de reprovação, de desconfiança e quase de aversão.

— Vocês voltaram à casa da sra. Principaux? — perguntou dra. Susane.

A ferida inflamada talvez incomodasse Sharon, abrasando dolorosamente o rosto dela, então dra. Susane deu um passo para trás, com prudência, procurando proteger seu joelho machucado.

— Sim — disse Sharon num tom frio, circunspecto. — O papai disse que era uma coisa boa.

Dra. Susane, mesmo sem querer, elevou o tom:

— Não acho, Sharon, que ele tenha dito que era uma coisa boa, mas apenas que não via inconveniente, diferente de mim. E, Sharon, diga-me...

De repente a cabeça de dra. Susane girou.

Ela cambaleou até a sala, deixando-se cair numa poltrona.

Sharon se manteve à distância, cética, profundamente reprovadora — como se assistisse a um espetáculo provocante e licencioso que julgasse artisticamente lamentável.

— Lila encontrou a sra. Principaux hoje? — perguntou dra. Susane.

— É possível — respondeu Sharon com precaução. — Talvez tenha visto a senhora, não sei. *Sweetie* adora fuçar o apartamento enquanto aspiro o pó. É uma senhora muito doce, muito simples. Não deve se preocupar.

Com uma voz apiedada, acrescentou:

— Que mal tem? Você tem medo, mas onde está o mal? É apenas uma senhora que não pode mais sair de seu apartamento, a pobrezinha. Não é ali dentro que o mal circula.

Sharon soltou, então, uma risadinha como quem sabe das coisas, e a dra. Susane, que sempre considerara Sharon, de modo ingênuo, uma mulher sólida, mas fundamentalmente simples, contida e respeitosa, ouviu-a rir com amargura.

Sharon sempre a menosprezara, lhe parecia, tendo como régua sua própria respeitabilidade, e a dra. Susane, inexplicavelmente, medida por esse critério, não era nada além de sujeira.

Ah, ela percebeu!

E Sharon falava de uma coisa que sabia identificar claramente, que não lhe era nem um pouco estranha, uma coisa impura e funesta que conhecia.

Por que então não julgou dra. Susane com clemência?

E como sua inteligência pragmática de rejeição não lhe mostrara que a dra. Susane deveria ser protegida?

Protegida no que se refere à honra, à probidade, à inocência?

Porque a dra. Susane nunca cometera um crime.

— Não, senhora, o mal não mora na casa dela — retomou Sharon com veemência —, não mora na casa daquela velha senhora onde eu trabalho. Quer saber onde ele mora? Vou lhe dizer.

Levantou o braço, apontando para longe com um dedo vingativo.

— Senhora, o endereço do mal é lá, no meu país. Em Maurício, na

minha casa, ele se estabeleceu ali e suas... suas garras me alcançam até aqui, sim, senhora. Não basta fugir, seria preciso destruir todos os caminhos. O documento importante, aquele que a senhora me pede há meses, está preso lá, eu não poderei nunca resgatá-lo, essa é a situação. Sim, senhora, conheço o endereço do mal nesse momento. Ele se movimenta como quer. Nesse momento mora no meu país, está muito bem e ninguém pode fazer nada, somos forçados a acolhê-lo e a parecer bem. Então, sim, senhora, eu lhe digo, pare de pensar na sra. Principaux, porque perde seu tempo, seu apartamento é deserto e normalmente puro, e *Sweetie* não corre nenhum perigo ali!

Sharon, orgulhosa, levantou a cabecinha para sustentar seu discurso.

Falara sem encarar diretamente dra. Susane, mas, com um olhar duro, sabido, um pouco cansado, observava as mãos ou os ombros dela.

A porta de entrada se abriu, Rudy veio andando pelo corredor, chamando Lila com uma voz calorosa e terna.

Ué, se perguntou dra. Susane, estupefata, Rudy tem a chave agora?

Levantou-se com esforço.

— Rudy! — exclamou num tom amigável. — Não sabia que você tinha a chave da minha casa!

— Ah, você está aí!

Ele se virou para dra. Susane, abraçou-a rapidamente.

Ia explicar para ele como tinha feito aquele machucado tão impressionante na testa, mas como Rudy não falou nada sobre ele e parecia nem mesmo notar, ficou calada.

— Você não se lembra de ter me dado a chave?

Parecia surpreso, divertido e irônico.

— Eu? Eu dei a chave para você? — perguntou dra. Susane.

— Claro, lembra? Há um bom tempo, aliás.

— E por que teria feito isso?

Esforçava-se para dar à sua voz um tom desenvolto, mas uma raiva escondida, inquieta, a incitava a desafiar Rudy — sua expressão satisfeita e provocante, indiferente e ardilosa.

Não tinha lembrança de ter confiado uma cópia da chave a Rudy, nem a ninguém fora Sharon.

Por que tentava enganá-la?

— Bem — disse Rudy, repentinamente sério —, você achava, com razão, que seria mais fácil, com Lila, que facilitaria nossas idas e vindas...

— Lila antes não vinha tanto aqui. Ela se dividia entre a mãe e você, e de tempos em tempos ia para La Réole, na casa dos meus pais. Não vejo mesmo por que — repetiu dra. Susane num tom mais alto do que desejava — teria dado a chave a você.

— Você fez isso, pronto e acabou! — exclamou Rudy em tom de brincadeira. — E você sabe que é para Lila a única mamãe, a verdadeira! Não é, minha querida? — perguntou para Lila, que saíra da cozinha (sua cadeirinha como reminiscência) para vir encontrá-lo, braços levantados automaticamente, pele cinzenta, corpo atarracado, socado, e dois olhos negros que pareciam se projetar para longe do rosto.

Como, se perguntava dra. Susane, atordoada, podia ser a única a constatar que a criança não estava bem?

Rudy, que sempre dera aos sentimentos de Lila uma atenção ávida, perspicaz, sobretudo sutil porque impregnada de culpa, enlaçava-a afetuosamente como sempre, mas, pensou dra. Susane, sem olhar para ela como em geral fazia quando punha suas mãos enormes nos ombros de Lila, agachando-se na sua altura e rugindo com a voz de ogo que a menina adorava:

— Quando é que por fim vou poder me deliciar com esse cordeirinho?

— Foi tudo bem? — ele perguntou a Sharon num tom excessivamente alegre.

— Sim — disse Sharon com dignidade (ah, sua elegância inflexível, sua decência natural! Sua instintiva reticência em descer ao nível de uma alegria suspeita!). — *Sweetie* e meus filhos se entenderam muito bem. Os três brincaram e depois dormiram praticamente ao mesmo tempo.

— Ah, fico bem contente! — exclamou Rudy. — Então, minha Lila, você vai querer voltar na casa da Sharon? Vai gostar de fazer isso, me diga?

A menina escondeu o rosto na coxa de Rudy.

Parecia que procurava se enfiar ali, inteira, para retornar a uma pacífica e, se possível, infinita gestação.

Rudy, dra. Susane achou, ficou um pouco incomodado.

Afastou Lila delicadamente.

Por que ele não podia aceitar que ela experimentasse uma profunda, íntima satisfação de pensar que viera da boa e tranquilizadora coxa de seu pai, e somente dali?

Se a mãe era tão instável, tão questionável, tão contestável!

Depois que Rudy e Lila saíram, a dra. Susane engoliu rapidamente os restos deliciosos das refeições precedentes que Sharon preparara (bolinhos fritos de arroz e porco, repolho gratinado, compota de maçãs), enquanto Sharon fingia se ocupar da faxina no apartamento.

Em seguida, no vento frio, na fria, lúgubre luz daquela enésima tarde

de um inverno sem fim, dra. Susane saiu para voltar ao escritório enquanto Sharon saía também, honesta e confiante, não se escondendo mais, para cumprir na casa da sra. Principaux seu tempo de serviço diário.

Mas não disse nada sobre isso.

A dra. Susane sentiu-se reconhecida por Sharon ter renunciado à traição mesquinha que teria sido sair do apartamento depois dela.

Assim Sharon não mentia mais para ela por omissão.

Impunha à dra. Susane seu jeito de dirigir sua vida, de organizar seu trabalho e de ganhar um dinheiro de que precisava muito.

Sharon não mentia mais para ela, não era mais necessário, porque tinha um coração venerável e porque a dra. Susane parecia agora concordar com tudo que antes a indignava.

Chegou ao escritório tão exausta que se jogou em sua poltrona e cochilou, esquecendo por um momento todas as dores (joelho machucado, testa queimando).

O apito agudo, imperioso, de uma mensagem no celular a fez pular, recebia mensagens muito raramente.

Fato curioso (não, surpreendente e de mau agouro!), vinha de seu pai, o sr. Susane, que nunca havia ligado para ela no celular e nem lhe enviara mensagens, deixando essa prática para a sra. Susane, por um pudor masculino de só pedir notícias se houvesse uma razão para se preocupar seriamente com alguma coisa, delegando à mulher, mesmo que depois quisesse saber de tudo, as correspondências fúteis.

De modo que a dra. Susane não se lembrava de ter falado com seu pai ao telefone e nem de conversar com ele, em casa, sem a presença da sra. Susane.

“Adeus, minha filha, sou eu, seu pai, que escrevo para você, sua mãe não sabe e não precisa saber, quero dizer, neste momento, é melhor que não saiba, então conto com você para não dizer a ela sobre esta mensagem. Adeus, minha filha, você nos causou bastante mal sem querer, imagino, e sua mãe está muito perturbada, o que me perturba enormemente também. Ela passa o tempo procurando um nome. Quer lhe dizer o nome que você procura, mas não pode, por isso inventa. Não sabe, mas inventa nomes que lhe vêm em sonho e que passa para você como se fosse verdade. Majuraux, Ravalet, um outro ainda que me disse e eu esqueci — alguma coisa como Robineau, veja, é totalmente ridículo. Ela se recusa a citar o nome Principaux, porque entendeu que é esse que você quer ouvir e sabe que cometeria falso testemunho cedendo à sua

demanda implícita, quase à sua prece — sabe que saciaria sua fome à custa de uma mentira sem sentido e perigosa: ela não conhece nenhum Principaux, nunca conheceu. Adeus, minha filha, pois sua mãe perde o pé diante de meus olhos. Não posso mais permitir que se afogue dessa maneira. Então, adeus, minha filha, pois é o único meio de salvar sua mãe. Não peça mais nomes, não a force mais a se lembrar de coisas que, sem dúvida, nunca existiram, não a obrigue a satisfazê-la encenando dentro de si mesma um teatro terrível que agora ela julga ser a vida de verdade. Adeus, minha filha, e seja forte o suficiente para não tentar nos encontrar antes que o tato, a sabedoria e a bondade tenham retornado a você — principalmente a sabedoria, de onde vêm todas as qualidades.”

O mesmo ruído enigmático arrancava todas as manhãs dra. Susane de um sono puro, reconfortante, com uma duração perfeita que correspondia precisamente às oito horas que decorriam entre seu adormecimento naquela nova cama e seu despertar ao som daquela fricção, daquele chiado vindo de fora, cuja origem nem tentava descobrir — para quê?

O barulho misterioso a acordava no momento perfeito, quando dormira tudo o que precisava e um pouco antes que as imagens venenosas e estéreis se aproveitassem de sua sonolência para preocupá-la perdidamente.

O que arranhava embaixo de sua janela?

Saberia mais tarde, e quase à sua revelia, que Christine, sua locatária e dona da mercearia no térreo, passava todas as manhãs, muito cedo, uma vassoura dura e pesada no pátio — desse modo, chegava à janela de dra. Susane o sinal de que precisava se levantar, o que fazia com uma ânsia inédita e pela simples impaciência de mergulhar seu corpo convalescente no corpo revigorante, áspero, sem delicadeza ou beleza incontestável, da cidade para onde sua estranha doença a levaria.

Mesmo depois de Christine ter lhe dito que varria toda manhã, muito cedo, o quintalzinho atrás da mercearia, a dra. Susane, suavemente tirada de sua noite, continuaria se perguntando, contente, indiferente: de onde será que vem esse som, como é possível que não o reconheça?

Agradaria tanto a ela, aqui, suspender todos os reflexos de correlação entre o que sabia e o que percebia, ou o que desejava e o que lhe ofereciam — como o café da manhã que tomava, conforme combinado, na companhia de Christine e Ralph, e que, muito longe do que gostava de comer de manhã, com suas frituras apimentadas, seu chá forte demais, sua margarina mole, não a agradava de jeito nenhum e também não a incomodava —, isso funcionava muito bem porque era assim e porque não se preocupava mais, nem com seus gostos nem com suas preferências nem, quase, com seus valores morais — um alívio.

Naquela manhã de março se levantou prometendo a si mesma falar com Christine e Ralph, depois do café da manhã, sobre o que a trouxera até eles.

Seu quarto, que já adorava, mesmo sendo glacialmente azulejado e

mal mobiliado, com uma cama de pinho envernizado, um armarinho bambo e uma mesa de jardim de plástico verde, dava para o leste.

A branca e brilhante luz matinal espalhava em ondas frias no piso de azulejos cinza e nas paredes sem graça e vazias a irrecusável pobreza do lugar, sua feiura franca, indiferente.

Dra. Susane se vestiu, cuidou da cicatriz ainda purulenta de sua testa em frente ao espelho do minúsculo banheiro, depois sentou-se de novo na cama, esperando a hora do café da manhã.

Não queria incomodar seus anfitriões aparecendo antes da hora prevista, nem mesmo dois minutos.

Enxergava em Christine e Ralph, apesar de sua amabilidade de comerciantes, um casal com hábitos rigorosos, a quem a imprecisão, qualquer que fosse, com certeza os contrariaria e os levaria a julgar com severidade quem a manifestasse.

Não que a dra. Susane se preocupasse demais com o que seus locatários pensavam dela.

Mas achava que, na casa deles (*e queria que seu rosto parecesse ardentemente honesto diante dos deles, que com certeza eram!*), representava Sharon.

A embaixadora da mulher orgulhosa, ambiciosa, irretocável que era Sharon, a mensageira de todas as suas qualidades e de seu sucesso, pois Christine e Ralph não duvidavam de que, se Sharon tinha obtido “sucesso no exílio”, isso se devia ao fato de ela ser exemplar, distante de qualquer esboço, de qualquer ideia de censura.

Assim, a dra. Susane tinha como dever se confundir com Sharon, com o ser invejável e bem protegido, vitorioso e perfeitamente blindado que parecia ser Sharon para seu irmão e sua cunhada.

Era por isso que, sentada na cama sob o brilho quase insustentável do amanhecer na janela desprovida de cortina, acompanhava os minutos passando em seu celular.

Seu olhar de tempos em tempos deslocava-se, fugaz, para seus pés, tão pálidos que pareciam esverdeados sob a tira dos chinelos, para seus joelhos bizarramente proeminentes, suas coxas estreitas — sua própria carne antes tão familiar que agora penava em reconhecer.

Não era estranho, se perguntava, que Sharon, Rudy, e até Lila, a seu modo, tivessem um conhecimento de seu corpo que ela mesma não tinha?

Provavelmente, haviam feito do pobre corpo de dra. Susane, de seu corpo doente, perdido, o terreno para cuidados atenciosos, competentes, preocupados e amigáveis, e de uma solicitude que não achava ser possível quando não se tinha amor pela personalidade que o

corpo abrigava.

Significava então que era amada?

Pensando nisso, a dra. Susane começava a tremer na cama.

O flamejar da aurora batia em seu rosto, reavivando, lhe parecia, sua ferida purulenta e lhe causando, manhã após manhã, a mesma enxaqueca leve, atordoante.

Não se mexia, ao mesmo tempo absorvida, concentrada e embrutecida.

Esse estado a lembrava, com um obscuro prazer, aquele de antes, das semanas precedentes, quando, acamada em sua casa em Bordeaux, sofrendo, mas não acometida de nenhuma doença reconhecível, percebia, mais do que via, o borboletear zeloso em seu quarto de uma Sharon eficaz, atenciosa, e de um Rudy enérgico, decidido a tirá-la daquela situação.

Os dois ondulavam em volta de sua cama como fogos-fátuos, agilmente sincronizados, com o único objetivo de curar e cuidar de dra. Susane, cuja mente oscilava, o corpo cambaleava.

Cochichavam sem que imaginasse que conspiravam.

Achava, ao contrário, que passavam informações importantes para acabar da melhor maneira com o sofrimento que a habitava.

Em seu delírio, dra. Susane se imaginava para sempre ligada ao sofrimento, enquanto os dois guardiões inesperados, os salvadores familiares, pareciam ter se outorgado a tarefa de livrá-la dele.

Não há nenhuma carga, nenhuma tristeza, nenhum ferimento de que não possamos, por nossa vontade amorosa, livrá-la, parecia significar para ela o balé pudico das duas silhuetas girando ao seu redor.

Chamou seus pais, mas seu grito avivou uma nova dor, pois o sr. e a sra. Susane, segundo todas as evidências, a haviam repudiado.

— Eles não virão, querida — lhe disse Rudy com uma voz suave.

O que sabia?

Teria lido a mensagem de seu pai?

Teria se apropriado de seu telefone?

Mesmo assim, como podia ter tanta certeza de que o sr. e a sra. Susane, todas as queixas postas de lado e a questão Principaux provisoriamente esquecida, não correriam para responder ao chamado de sua filha sofredora, acamada, sua única filha que a tristeza de viver subitamente abatia?

Achou que perguntara a Rudy: Você poderia tentar ligar para eles ainda assim?

Não conseguia distinguir se falava em sonho ou de verdade, se teria sido impossível para Rudy compreendê-la ou se teria fingido não ouvir,

para o seu bem e porque sabia, de fonte misteriosamente segura, que os pais de dra. Susane não desejavam mais falar com ela.

Então se agitava, as vozes normalmente contidas em seu íntimo de repente urravam, sem lhe proporcionar o menor alívio — raiva vã, indignação lamentável, estéril.

Uma sonolência oportuna engolia essas questões.

Adormecia e depois acordava com outro humor, confiante, fatalista.

Rudy passava em seu rosto um pano úmido e suave, morno e perfumado.

Gostava de pensar que a fragrância (lírio-do-vale, jasmim?) provocava seu despertar mais do que a sensação dos dedos delicados de Rudy em suas faces, em sua testa, no canto de seus olhos, em suas narinas — tão gentis, tão atenciosos aqueles dedos que a deixavam arrasada com uma nova forma de tristeza.

Porque Rudy, no tempo em que a amava, nunca manifestara tamanha bondade.

Ou sim, e ela se esforçara para ignorar?

Agora, sentada em sua nova cama na luz incandescente do amanhecer, como lhe parecia longínqua a noite em que voltara do escritório depois de ter lido a mensagem do sr. Susane!

Sentiu um torpor invadi-la.

Reergueu-se, verificou a hora: que vergonha para ela, e para Sharon indiretamente, se chegasse atrasada para o café da manhã!

Mesmo que uma grande refeição devorada logo cedo não lhe trouxesse nada de bom, nem prazer nem bem-estar, gostava de encontrar Christine e Ralph ao redor da mesa simples de sua pequena cozinha atrás da mercearia, e nenhum dos três falava nada, a não ser para pedir para passar a margarina ou a pimenta.

Ralph, o irmão de Sharon, tinha os olhos cinza-claros e o rosto pequeno como o dela, encolhido por uma economia natural — nenhuma superfície de carne inútil, faces magras, testa estreita, queixo invisível e nariz curto, a boca bem modelada mas pequena.

Christine, sua mulher, que desde o princípio havia se imposto à dra. Susane, mantinha-se forte e ereta, e toda a sua pessoa densa e ampla, com a carne dura, contida, vigorosa, os olhos frios, seu ar estoico, eliminava para dra. Susane qualquer possibilidade de seduzi-la por meio de suas próprias qualidades — seu estado de convalescente, seu diploma de advogada, sua amizade com Sharon.

Christine, obviamente, nunca se deixava seduzir.

Dra. Susane, que viera para persuadi-los ou para arrancar deles de

algum modo, honesto ou não, o que queriam esconder honestamente ou não, curvava-se em pensamento ante a seca incorruptibilidade de Christine, mesmo creditando a virtude de sua anfitriã a uma indelicadeza ou a uma deslealdade.

Teria se introduzido na casa deles para convencê-los ou para enganá-los?

Para fazê-los ouvir a razão ou para mistificá-los?

Será que ainda sabia fazer uma coisa ou outra, converter ou enganar?

Dra. Susane, sentada em sua nova cama e supervisionando escrupulosamente a passagem do tempo em seu celular, começou a duvidar de tudo aquilo que sabia a respeito de si mesma.

Tinha uma lembrança nebulosa das semanas em que Sharon e Rudy cuidaram dela, mas se lembrava com uma precisão irritante de seu retorno desesperado para casa, depois de ter saído do escritório trancando a porta e dizendo que não voltaria nunca mais, que não tinha os atributos de uma advogada respeitável e que até seus pais, únicos seres no mundo a amá-la incondicionalmente, agora a submetiam ao julgamento mais cruel, mas com certeza o mais exato: havia fracassado em tudo.

Não existia ninguém que ela não tivesse decepcionado.

Até o jovem Principaux ou Majuraux ou Ravalet na casa de Caudéran, de quem lembrou-se violentamente quando fechou a porta do escritório, desapontara por algum motivo que sua memória não conseguia acessar — reviu, de repente, aquele jovem a quem surpreendera com suas ideias, com o brilho de sua inteligência alarmada, reviu-o mostrando a ela a porta com um movimento desdenhoso, a porta daquele quarto maravilhoso que permitira que conhecesse e de onde a expulsava com desprezo, sem que pudesse se lembrar por quê.

O que lembrava repentina e violentamente, porém, era de sua própria consciência da decepção que o garoto experimentara, de uma profunda contrariedade que suscitara sem querer.

O que tinha feito, então, naquele quarto, que atijou contra si a repulsa do garoto e também a de seu pai, que especulava?

Não havia aí uma contradição?

O que fizera poderia satisfazer o garoto e ofender o pai, ou desapontar o garoto e deixar o pai aliviado, mas como entender que tenha atraído a antipatia dos dois, a do garoto muito tempo antes, quando, com um gesto, lhe mostrou que ela deveria sair de seu quarto, e a do pai, que a bania hoje do doce reino dos Susane, seu pai, que não vira nada, não soubera nada e que agora perseguia quimeras?

No entanto, se havia contradição, não seria a única responsável?

De que inocência podia se vangloriar quando levava seu próprio pai a imaginar coisas horríveis e sua mãe a reunir sobrenomes de culpados?

E o garoto de Caudéran, o que teria a dizer da criança que se apresentou diante dele e que talvez o tenha retido nas armadilhas de uma sedução amedrontada, mas também poderosa e corruptora?

Do que a acusaria hoje, talvez com alguma razão?

Dra. Susane voltara a seu apartamento num estado de grande fraqueza moral.

Tirou a roupa depressa e enfiou-se na cama, o joelho doía e a ferida em sua testa parecia devorar lentamente todo o seu rosto.

Desatou a chorar, as grandes quantidades de lágrimas e de coriza a consternaram.

Oh, sou eu quem chora assim, e por que razão e para que isso serve?

Chorava ainda quando Sharon chegou, acendeu cantarolando todas as luzes e depois notou tranquilamente a presença de dra. Susane no quarto.

— Bem, bem — murmurou.

Com uma mão prática, eficaz e ao mesmo tempo benéfica, lavou o rosto, as mãos e os pés de dra. Susane, lavou-os de uma maneira que sempre lhe pareceria milagrosa.

Pois a fonte de suas queixas então secou.

E Sharon lhe trouxe um caldo de galinha condimentado, preparado tão rapidamente que apenas a força performativa de sua vontade parecia tê-lo feito surgir.

A dra. Susane em seguida caiu num sono estranho.

Dormia com a consciência de dormir e de participar à distância de tudo o que acontecia a seu redor.

Assim, sentiu em seu quarto a presença de Rudy e Lila, de seus dois corpos vindos da cidade fria, exalando o curioso eflúvio de uma transpiração glacial e o odor não menos forte da ansiedade deles.

Estavam preocupados com ela!

Rudy levantava ternamente as cobertas até encostar nas faces de dra. Susane, como ela gostava, e Lila pousava uma mão furtiva em sua testa sobre a cicatriz, provocando nela um frêmito de dor, mas, ao mesmo tempo, de gratidão a Lila, a única a ter notado, claramente, que dra. Susane estava ferida.

Quando, emergindo desses limbos de sono, falava com Rudy ou com Sharon, não conseguia determinar se se exprimia em voz alta ou internamente, nem se eles a ouviam ou, para poupá-la, fingiam.

A primeira coisa que achava que dissera se relacionava a Lila.

— Não a deixe mais ir à casa da sra. Principaux, não permita que

Sharon a leve lá:

Em sua lembrança suplicava, novamente atormentada, febril, e Rudy a tranquilizava:

— Não se preocupe, Lila frequenta apenas boas pessoas e eu cuido, você sabe, desde sempre da minha filha.

— Mas você não conhece os Principaux, pode achar que são dignos de confiança quando provavelmente não o são! — exclamava dra. Susane.

Ele podia ouvi-la?

De qualquer modo, o que entendia sobre tudo aquilo?

Não estava informado.

Ignorava o que ela sabia, o que sentia.

Conseguia enxergar bem, mesmo quando emergia com a mente confusa daqueles profundos cochilos, que Lila havia mudado.

E advertia quando estava em vigília, não venha me dizer que ela está entrando na puberdade.

Lila estava com a expressão petrificada, contraída, coberta pela indiferença, de uma criança que sofre, notava apavorada dra. Susane da cama onde vivia seus próprios tormentos.

Sua cama de Porto Luís era a de um renascimento.

Assim pensava, inundada de luz, esperando religiosamente o pesado café da manhã.

Encontraria outra vez Christine e Ralph e tinha que descobrir quem ela era para eles: uma crápula ou um anjo pacificador?

Gostava daquele casal trabalhador, ascético, solitário — perverso talvez, como pensava Sharon?

Puritanos, cujas ações, que pareciam maliciosas, deviam ser avaliadas de acordo com seu sistema moral, em função do qual se tornavam coerentes, necessárias, até mesmo salutares.

Então, a acusação de perversidade caía por terra.

O alarme do celular tirou dra. Susane de seus devaneios.

Levantou-se rapidamente.

Saiu do quarto sem fazer barulho, ágil e silenciosa com seus chinelos, assim como Christine e Ralph, que, mesmo vivendo, falando e dormindo num cômodo separado do seu apenas por uma divisória, nunca a faziam sentir ou lembrar que estavam ali.

E mesmo que a respiração deles e a sua sem dúvida se misturassem às vezes graças aos interstícios na parede, fendas minúsculas de onde saíam insetos microscópicos, a dra. Susane nunca os ouvia.

Coabitava com almas.

Espero, dizia a si mesma, que pensem o mesmo de mim! Que me vejam apenas como uma *força*!

Em êxtase, garantira a Sharon:

— Não voltarei de mãos vazias.

Sharon, normalmente distante, apertara-a com seus braços finos, pusera sua testa sobre o queixo da dra. Susane e murmurara:

— Sim, eu sei. Não voltará, de qualquer jeito, se não tiver conseguido.

Dra. Susane tinha uma lembrança límpida do momento em que compreendera, entendera, soubera em que direção devia seguir seu desejo desesperado de levar alegria para uma situação difícil.

Quando Sharon e Rudy deixavam seu quarto que haviam arejado, limpadado, arrumado, sem dúvida achando que estava dormindo, Sharon dissera a Rudy, num tom falsamente despretenhoso (dra. Susane achou), sobre sua certidão de casamento que não conseguia obter e que dra. Susane insistia em cobrar.

— Mas não posso fazer nada — dissera Sharon, dando de ombros. — Está em posse de duas pessoas. Não querem me enviar. O que posso fazer?

Sharon, fale comigo francamente!, gritou dra. Susane em silêncio, sem pensar, e depois, mais calma: Não precisa, pois consegui ouvi-la muito bem.

Então, nesse momento, plácida, quase serena, veio a iluminação: Tenho que ir buscar esse documento.

E o fato de que Sharon, quando dra. Susane lhe contara sobre sua súbita e fervorosa decisão, parecera estar simplesmente prevendo e esperando por isso, foi a prova para dra. Susane de que Sharon a compreendia melhor do que ela mesma.

— Sim, claro — disse Sharon. — É a única solução. Não sei se nos veremos novamente. Não há mais nada a fazer. Senão, uma hora ou outra, serei mandada de volta com meu marido e as crianças. Você vai nos salvar.

Dra. Susane, sentada bem ereta na frente de Christine e Ralph à mesa do café, não pôde deixar de sorrir lembrando das palavras de Sharon, mesmo que se sentisse, no fundo, intimidada, com medo e mais ansiosa em agradá-los do que desejosa de enganá-los.

Sharon os descrevera de um jeito que a intrigava, seu irmão e sua cunhada, cujos rostos dra. Susane agora via como se fossem moldados na correção e no respeito à lei.

Sharon chegara até à maledicência:

— São bandidos — afirmara com uma paixão incomum. — Retêm meus documentos como reféns. Querem que eu morra de tristeza, por ciúmes. Meu marido já está morrendo de ansiedade, não acredita mais nele mesmo, roubaram sua força e sua coragem. São assassinos, de minha própria família, não posso mais amar meu irmão e confiar nele. Bandidos, sim, malfeitores.

Como, pensava dra. Susane observando seus anfitriões reservadamente, duas figuras tão francas, civilizadas e cerimoniosas poderiam ser bandidos?

Ainda não entendia bem para que escritório Ralph se dirigia depois do café da manhã, mas tinha uma ideia precisa agora das atividades que constituíam o trabalho de Christine na mercearia, desde as sete da manhã.

Lembrava-se de algumas insinuações de Sharon sobre a lamentável indolência de sua cunhada, sua preguiça, ela que seria, segundo a expressão de Sharon, “largada”, em detrimento de uma necessária progressão do modesto casal para ter mais conforto.

Ela não faz muita coisa, julgara-a laconicamente Sharon, ancorada em sua própria seiva inesgotável.

Sendo que Christine, no entanto, trabalhava duro.

Dra. Susane dirigia a Sharon, em pensamento, críticas vigorosas.

Será que você não viu, Sharon, quando ainda vivia aqui, como ela acorda cedo, dorme tarde, almoço rápido, e como mantém sozinha perfeitamente, apropriadamente e muito eficazmente essa mercearia que também funciona como restaurante? Como você, Sharon, que sabe por experiência própria o que significa se esforçar, pôde encontrar em Christine o menor traço de indolência, de preguiça?

Quem era Principaux para ela?

Como se chamavam de verdade os Principaux?

Embora lutasse visivelmente contra seu gosto ou hábito de sigilo, contra sua sujeição a ele ou contra a impenetrável consciência de seu dever para com ele (o segredo sagrado), Sharon decidira contar para dra. Susane alguns detalhes ou episódios de sua vida em Porto Luís, no tempo em que morava na casa de Christine e Ralph, que eram seis ou

sete anos mais velhos que ela, e dormia, dra. Susane achou que entendera, emocionada, naquele mesmo quarto, naquela mesma cama dura, e acordava todas as manhãs inundada pela mesma luz triunfal.

Sharon, contando, confundira, voluntariamente ou não, a cronologia dos acontecimentos.

Dra. Susane não sabia dizer se Sharon morara com o irmão antes de conhecer seu marido ou depois, se o marido também vivera lá ou não, até mesmo se o irmão e o marido se conheciam, e o relato de Sharon, de maneira geral, procurou deixar na sombra tudo o que não parecia essencial à missão de dra. Susane, nem tanto por modéstia, por pudor ou por medo de aborrecê-la, mas para oferecer a dra. Susane uma afeição moderada, uma prudente, estratégica manifestação de amizade.

De suas informações controladas, calculadas tanto em número como em significado, a dra. Susane guardara que Sharon e seu irmão Ralph tinham sido muito próximos, amavam-se muito quando bem jovens (pai pedreiro, mãe dona de casa) e que as escolhas feitas na vida adulta ou os infortúnios que haviam enfrentado os separaram, e provavelmente mais alguma coisa que Sharon cuidadosamente não contara.

Houve, em todo caso, separação, desentendimento, raiva e tristeza.

Dra. Susane tendia a acreditar que nem Christine nem o marido de Sharon eram responsáveis por aquela discórdia, aquele brutal e profundo desentendimento, que não tinham, como elementos estranhos, embaralhado o carinho que irmão e irmã dedicavam um ao outro, mas que a decisão de imigrar para a França, principalmente, os separara e os trancara, ambos, em um silêncio opressivo, rancoroso.

Ralph claramente julgara absurdo, presunçoso e idiota o desejo de Sharon de se exilar.

Sharon era faxineira em um hotel de luxo onde seu marido, ou aquele que se tornaria seu marido, trabalhava como jardineiro — ou faz-tudo ou responsável pelos cuidados com as aves ornamentais, periquitos, canários, papagaios, cujas gaiolas enfeitavam os salões do hotel, ou talvez ainda ajudante de cozinha, dra. Susane não tinha certeza.

O que acreditava ter entendido de maneira correta era que Ralph achava objetivamente satisfatória a existência que levavam Sharon e o marido graças a seu trabalho, a sua coragem.

Haviam acostado nas margens de uma felicidade suficiente, julgava Ralph de acordo com dra. Susane, e não deviam trocar toda essa humilde felicidade pela vaga esperança de uma vida opulenta longe de casa, onde lhes faltaria sempre a luz, a língua e a sinceridade.

Mas Sharon, segundo dra. Susane, recusava qualquer ideia de um destino apenas satisfatório.

Diferentemente do irmão, que podia se contentar com os limites de seus próprios impulsos, tinha filhos que não queria ver crescer numa gaiola pequena, em nenhum tipo de gaiola aliás, e Ralph parecia zangado, quase ofendido, e lhe assegurava que as crianças cresceriam lá fora num nicho ainda mais flagrante e reduzido.

As duas belas crianças que Sharon precavidamente havia afastado de dra. Susane!

E Sharon, cabritinha obstinada e saltitante, enfrentando o irmão sensato, tristemente ponderado, foi embora para a França e depois, quando já tinha lugar para ficar, tratou de mandar buscar o marido e os filhos, e por isso Ralph também a culpava, acreditava dra. Susane.

Sharon dissera qualquer coisa como:

— Ele se afeiçoou demais a meus filhos, o que posso fazer? São meus, não dele, não ia deixá-los com ele.

Devia ter dito, na verdade, apenas um terço dessas palavras, admitia dra. Susane, mas foi assim que interpretou o grito de protesto de Sharon: Ralph, o irmão querido e infértil, não lhe perdoava por ter levado para longe os sobrinhos de cabelos sedosos e doces rostos cor de mel.

Era por isso que mantinha em sua posse o documento, a certidão de casamento que, havia meses, Sharon pedia ou ordenava que enviasse.

— Ele esperava que eu fosse buscá-la — disse Sharon, embaraçada —, e então, pá, me faria prisioneira na casa deles, Christine e ele, sem que eu me desse conta, e o tempo passaria e eu trabalharia na mercearia e dormiria, esqueceria até das crianças na França, pffff, esquecidas. Com você, não poderão fazer nada, não ousarão convencê-la a ficar lá.

Ralph perguntou a dra. Susane se queria mais uma xícara de chá.

O pequeno quintal bem varrido clareava com sua luz branca e fresca a cozinha que era quase obscura, limpa e fria, com suas paredes verde-pálido, sua mesa de madeira escura, suas cadeiras de jardim com duras ripas de metal em que dra. Susane se sentava.

Achava, desde sua chegada, quase duas semanas antes, que a astuta intenção de parecer não obter nem prazer nem desprazer de qualquer atividade guiava os dias de seus anfitriões, que se mostravam, em todas as circunstâncias, quando os encontrava ou mesmo os surpreendia, impassíveis, lacônicos, glacialmente serenos, como se, pensava dra. Susane, soubessem que estavam sob o olhar terrível da Providência que gosta de punir os felizes, os orgulhosos ou os contentes.

Mas será que poderiam enganar um eventual destino vingador mostrando indiferença e desinteresse, se seus corações conspiravam, temiam, sangravam às vezes?

Sharon acusava Ralph e Christine de cuidarem mentalmente dela, de forma até obsessiva.

Seus devaneios alucinados a alcançavam até na França.

Ouçó os dois às vezes, querem dominar minha vontade, cochichara Sharon à cabeceira de dra. Susane.

Ou será que teria sonhado?

Não podia distinguir o que Sharon dissera do que imaginava ter ouvido de sua boca.

Tranquilizava-a, no entanto, a íntima convicção de que era uma boa porta-voz dos sentimentos vagamente expressos por Sharon, e até de seus sentimentos não expressos, mas que Sharon soubera lhe comunicar calada durante esse período em que, desesperada, enfiada em sua cama e doente de tristeza, dra. Susane sentia sua alma permeável a todas as dores não formuladas.

Como Rudy não percebia que Lila estava passando por algo abjeto?

— Sim, obrigada, vou querer um pouco mais de chá — disse em seu tom mais digno.

Ralph serviu uma xícara inteira da bebida preta, forte e amarga que dra. Susane detestava — um chá venenoso, uma bebida inconcebível com gosto de húmus.

Porém, não recusava nada vindo de seus anfitriões, nem os biscoitos salgados demais, oleosos, cuja massa Christine preparava antes de se deitar e que assava cedinho, nem as fatias de salame postas sobre os biscoitos que tinham acabado de sair do forno, nem a salada de frutas em lata excessivamente açucarada e sem graça para o gosto da dra. Susane.

Pelo bem de Sharon, parecia-lhe fundamental lhes causar a melhor impressão possível, mesmo quando a comida ofendesse seu funcionamento interno a ponto de precisar ir se deitar, depois do café da manhã, em seu quarto tórrido.

Ali Sharon vivera e também vários turistas passaram um tempo.

— Eles alugam meu quarto, você poderá ficar lá o tempo que quiser — disse Sharon, quase brincalhona, irônica talvez.

Poderia estar querendo dizer que não imaginava nem por um segundo que dra. Susane tivesse vontade de se hospedar por muito tempo naquela casa, ou, ao contrário, brincava com dra. Susane sobre a sorte que teria de poder conjugar trabalho e férias ideais, missão (socorrer Sharon) e convalescença dos sonhos.

A convivência com Ralph e Christine exigia alguns esforços que minavam parte significativa da energia de dra. Susane, mesmo gostando de se submeter a eles.

Ali, precisava reprimir a espontaneidade de seus comentários, restringir ou até impedir qualquer franqueza.

O quarto não era caro.

Seus anfitriões eram secos e puros.

Havia dinheiro para isso.

Dra. Susane afastava energicamente seus pensamentos quando chegavam a esse ponto.

Mas, de fato, havia dinheiro para isso.

Bastou que murmurasse que não tinha meios para uma viagem como aquela para que Rudy, de novo perto dela, assíduo em sua cabeceira, assim como Sharon e, de modo mais discreto, ainda que ofegante e profundamente ansiosa, Lila, para que Rudy a tranquilizasse com uma frase:

— Não se preocupe, seus pais e eu já pensamos nisso.

Assim dra. Susane soube ou supôs que Rudy se entendera com La Réole, sem perguntar sua opinião, e que o dinheiro para a passagem deavião e a hospedagem fora assegurado.

Sr. e sra. Susane, enviando-a assim para longe, a estavam mandando para o inferno?

Será que esperavam que, de um doce inferno, nunca mais voltasse?

Naquela manhã dra. Susane esvaziou num único gole sua segunda xícara de chá.

Mergulhou corajosamente seu olhar nos olhos impávidos de Ralph enquanto Christine, apressada para começar a trabalhar, para, como dizia, “começar seu dia”, tirava a mesa, pegava a xícara das mãos de dra. Susane, eficiente, falando silenciosamente consigo mesma e quase irreverente por conta de sua impetuosidade.

Ralph ia se levantar quando dra. Susane estendeu a mão para lhe tocar o braço.

Ele se assustou e esfregou automaticamente a pele onde ela tocara.

No entanto, a olhava com uma curiosidade que continha alguma gentileza.

— Sharon me pediu uma coisa — começou dra. Susane.

— Sim — disse Ralph. — É minha única irmã. Que tenha vida longa e feliz.

— Ela me pediu — recomeçou dra. Susane num tom muito suave — para levar um documento para ela.

Christine, de pé em frente à pia, parou bruscamente de lavar as xícaras e os pratos.

Continuou de costas, escutando, pensou dra. Susane, com todo seu

corpo.

— Sim — disse Ralph com bondade —, do que se trata?

— De sua certidão de casamento. Precisa dela na França.

— Muito bem — disse Ralph.

Dra. Susane teve a impressão de que ele ficara um pouco surpreso.

Christine, então, virou-se para eles, tensa, forte, se controlando para que seu rosto não demonstrasse muito interesse.

Perguntou a Ralph, casualmente:

— Você sabia que tinham casado?

— Sim e não.

— Isso mesmo.

Parecia aliviada.

Enxaguou a louça, arrumou-a sobre o corredor, novamente concentrada não na tarefa que estava fazendo, mas nas que viriam a seguir, em tudo o que teria que fazer durante o dia e que devia listar, supunha dra. Susane, por ordem de sequência.

— Sharon — continuou dra. Susane com seu mesmo tom benevolente — pediu a vocês várias vezes que enviassem essa certidão. Aparentemente vocês não teriam lhe respondido.

Ralph deu de ombros.

Sorriu de maneira forçada, como para ter tempo de assimilar sua própria surpresa e depois escondê-la de dra. Susane.

— Ela nunca pediu nada — disse friamente. — Nunca liga. Pode estar casada ou não. Que tenha sucesso para além de todos os seus sonhos.

— Que tenha sucesso! — exclamou Christine em frente à pia, num tom vibrante, profundo.

— Vocês não têm esse documento, então?

Ralph se levantara, decidido a não deixar que nenhuma mão sedutora chegasse perto de seu braço para retê-lo.

Dra. Susane não escondeu seu espanto.

— Vocês realmente não têm? — perguntou de novo.

— É impossível que o tenha. Diga-me, por que teria? O que há de verdade nessa situação? Que os filhos de Sharon possam viver felizes em seu novo país. Agora preciso trabalhar ou chegarei atrasado pela primeira vez em minha carreira.

Dirigiu-lhe um breve e seco cumprimento, seu torso apertado numa camisa branca bem justa, e depois saiu rapidamente da cozinha.

— Que os filhos de Sharon possam... — cantarolava Christine com uma voz distraída.

Dra. Susane, abatida, experimentou uma reação de rejeição violenta

em relação a Sharon.

Se, espontaneamente, dava crédito a Ralph, se era nesse desconhecido que depositava sua confiança e não em Sharon, que acreditava conhecer um pouco, era porque Sharon, no fundo, não gostava dela, tinha até mesmo horror a ela e se permitira, por isso, lhe contar qualquer coisa, sem objetivo nem tática, por simples aversão.

E não acreditando mais em Sharon, dra. Susane começou a detestá-la.

Desejou, para se vingar, conseguir odiá-la ainda mais intensamente do que Sharon a odiava, sabendo, contudo, que não conseguiria, que sempre a deteria, a partir de agora, no caminho do fel e do rancor, a competência desinteressada, preocupada e quase amigável com que Sharon cuidara dela em Bordeaux.

Mas então como entender?

Por que Sharon destruía tão negligentemente a vida de dra. Susane?

Seus dedos tremiam sobre a tela do celular quando, depois de voltar para o seu quarto, ligou para ela.

Sharon atendeu imediatamente, o que desconcertou dra. Susane e a levou a sussurrar, para evitar que Christine, sempre ocupada na cozinha ali embaixo, não escutasse a conversa.

Presumira que Sharon recusaria ou não daria atenção a sua ligação, recusaria ou não daria atenção sempre, para sempre!

— Sharon, acabei de falar com seu irmão, ele não tem a certidão, parece nem saber do que se trata.

Sharon não disse nada.

O silêncio foi tão longo que dra. Susane pôde sentir seu peso.

Teve que admitir, abalada, que ofendera Sharon.

— Sharon, me diga, como vai Lila? — perguntou com uma voz suplicante.

— Vai muito bem. Vai muito bem, sim. É uma menina — respondeu Sharon no fim de intermináveis segundos de reticência ferida.

E acrescentou:

— O documento está guardado na cômoda do quarto deles. Meu irmão Ralph pode dizer uma coisa e o contrário, sabe. Eu o compreendo e o amarei para sempre. Mas às vezes seu julgamento não é bom. Você está me forçando a dizer isso, não gosto de criticá-lo. Eu o amo e o compreendo sempre. Quanto a Lila, é apenas uma menina, sabe. Ela vai bem, depois nem tanto, vai mudando, é assim. Sei onde está o documento, dona Susane: na cômoda.

— Sharon, não vou fuçar no quarto deles!

Soltou uma risadinha indignada.

Levou a mão à testa onde, de repente, a cicatriz começara a formigar

de novo.

— Sharon, o que quer que eu faça que seja sensato, aceitável?

— Isso é com a senhora. Eu não sei de nada. Foi a senhora que prometeu.

— Não exatamente! — exclamou dra. Susane, mas Sharon já desligara.

Pouco depois, caminhava pela rua como todas as manhãs, mas uma desconfiança sorrateira, uma suspeita velada em relação a si mesma atrapalhava o prazer que normalmente tinha de passear pela vizinhança.

Cumprimentou com um sorriso e um meneio de cabeça o vizinho de Ralph e Christine que abria sua porta de ferro — um vendedor de tabaco que lhe manifestara, desde sua chegada, uma simpatia eloquente ainda que discreta, delicada, inclinando-se levemente quando a via ao mesmo tempo que desviava o olhar.

Dra. Susane, naquela manhã, estava com a visão alterada.

Tirou seus óculos escuros, colocou-os novamente, tirou-os de novo.

Tropeçava em seus chinelos.

A calça leve e a camisa folgada pareciam grudados em sua pele, e a temperatura nem tinha subido ainda.

A doença que tivera em Bordeaux a fizera emagrecer e a deixara frágil (seu pai não acharia mais que parecia um homem, pensava dra. Susane com raiva).

Era alta e esguia, estranhamente estreita, mesmo com os pés descalços, cambaleava como se estivesse usando saltos altos, e se sentia desamparada, desvalida.

Uma força, que desconhecia quando possuía e que assustava o sr. Susane, a abandonara.

O sr. Susane, havia muito tempo, se assustara.

Sentira vergonha, então, de deixar de ser graciosa aos olhos de seu pai.

Agora, sentia falta de sua robustez, da abundante carne dura que envolvia e segurava seus ombros, seus joelhos.

Atravessou a rua sem prestar atenção, sem saber para onde ia e sem se preocupar com isso.

Uma brisa fria vinda da montanha, dos verdes picos pontudos, passou fugazmente pela calçada.

O suor, em suas panturrilhas, ficou gelado.

Será que estava ali para sofrer mais?

Ou para que Lila, tão longe dela agora, sofresse sozinha?

Sem poder, com seus poucos meios, pedir ajuda?

Dra. Susane nunca conhecera a mãe de Lila ou, se aconteceu, não se lembrava — nunca, porém, desde o nascimento de Lila, abandonara a certeza de que sabia interpretar melhor do que ninguém as confidências sibilinas da menina.

O próprio Rudy não era iniciado.

Tomava conta de sua filha querida, mas não se aproximava de seu silêncio, ignorava até que existisse, aceitava Lila concretamente, ternamente e de acordo com os termos indulgentes da época.

A dra. Susane era a única a entender que Lila não podia entrar decentemente na casa da sra. Principaux.

O que fazia então deambulando por Porto Luís, sentindo em seu encalço o sopro hostil da montanha, suspeitando que Lila, de quem a haviam afastado cuidadosamente, fazia visitas à sra. Principaux que a enchiam de angústia?

E de vergonha também?

A esse sentimento, no entanto, e por sorte, Lila não tinha acesso.

Ou sim, naturalmente, e a dra. Susane não teria se dado conta, enganada pela personalidade rudimentar da menina.

Como saber?

Não deveria estar lá para proteger Lila em vez de tentar servir aqui aos interesses de Sharon, que, por razões abstrusas, nunca gostaria dela?

Entrou numa lojinha de conveniência que reconheceu por ser aquela em que, todas as manhãs, comprava seu almoço.

Achou que tinha vagado por ruas desconhecidas, mas apenas seguira seu percurso habitual contido num perímetro prudente em volta de seu abrigo.

A dor na testa, que recentemente revivera, alimentava sua febre, assim como a sensação estimulante que vinha de uma nova percepção: a pessoa que devia livrar do azar, do infortúnio, da solidão, da desgraça não era Sharon, mas Lila.

Ah, teria se enganado de martírio?

Aquela que tinha a missão de salvar, não seria...

Comprou rapidamente cenouras raladas e presunto embalado a vácuo, trocou algumas palavras com a moça do caixa, saiu depressa para a rua, onde o mesmo vento frio abraçou suas panturrilhas, enquanto seu rosto parecia cozinhar, exposto ao sol feroz que nascia.

Andava o mais rápido que podia.

Devia voltar para casa imediatamente.

Mas para onde voltar de forma útil, oportuna e menos dolorosa possível?

Em primeiro lugar, para a casa do irmão de Sharon, ou para sua casa

em Bordeaux ou para a casa do sr. e da sra. Susane, que não podiam ter esquecido que ela ainda era, há bem pouco tempo, sua filha adorada, a única descendência que teriam?

Ou para a casa de Rudy, talvez, pois era o pai de Lila e a dra. Susane não teria outra descendência neste mundo além dessa menina indefesa — e quanta ternura sentia por ela!

Lila, o que quer que isso significasse, era sua filha bem-amada.

Como pôde não perceber isso?

E abandonar Lila nas mãos inconsequentes de um pai incapaz de detectar, de farejar e então localizar a profanação — *o endereço do mal*?

O que dissera Sharon sobre isso?

Que a dra. Susane *se enganava de endereço*?

Para tentar lembrar, parou de repente.

Seus calcanhares e seus pés que o ar da montanha enregelava haviam se tornado insensíveis, ao mesmo tempo que sua testa, seu rosto e sua nuca suavam sob o efeito de um estranho suplício.

O que dra. Susane temia, a fonte de todo o mal, estava estabelecida transitoriamente na casa de Ralph e Christine, afirmara Sharon, e não na da sra. Principaux.

Dissera algo nesse sentido, sim.

Para enganá-la?

Para enviá-la para Porto Luís e poder levar tranquilamente, cotidianamente, Lila ao antro da Principaux?

Dra. Susane, em suas suspeitas, contudo, não chegaria até aí — a não ser que...

Retomou o caminho para seu quarto.

Com a cabeça fervendo, deitou-se na cama, pensando apenas em descansar — esquentar suas panturrilhas e refrescar o rosto.

Percebia, ali embaixo, todos os pequenos ruídos da atividade de Christine, que abria a mercearia e já servia café para os frequentadores.

Como a dra. Susane, criança, amava ouvir o sr. e a sra. Susane se movimentando de manhã, discretamente para não a acordar, na cozinha exígua, onde bebiam, silenciosos, seus cafés bem fortes, depois, numa hora muito precisa, calculada para que dra. Susane pudesse descansar o máximo possível sem que tivessem que apressá-la em seguida, um ou outro entrava no quarto, acariciava seu rosto, fingindo delicadamente acreditar que ainda dormia!

Dra. Susane acordou com as faces molhadas.

Tivera um sonho triste, para sua enorme surpresa.

Principalmente porque dormira sem que notasse.

Essa ideia sempre a perturbara, de que pudesse ter, dormindo,

sonhos melancólicos, mas nunca sonhos que lhe revelassem, mesmo que com muitos ricochetes mentais, o que queria saber.

Vira seus pais, na casa de La Réole, sem nenhum proveito.

Por que a nitidez de suas visões noturnas nunca se relacionava com os Principaux, com a casa de Caudéran?

Saiu da cama de mau humor.

Um papel havia sido posto ali, que, sem querer, ela deixou cair.

Desceu correndo para a mercearia, descalça.

Christine acabava de fechar a conta de uma cliente que dirigiu a dra. Susane um olhar recriminador — seu rosto atordoado, transpirando, seu cabelo desgrenhado?

Também não foi agradável a atitude de Christine, cujas feições pareceram se enrijecer, mostrando uma dignidade instintiva na proporção inversa ao descuido e à veemência, ao desalinho e ao frenesi perturbador que acreditava ver em dra. Susane.

Esta se endireitou.

Fez menção de querer alisar os cabelos arrepiados, acariciou-os com a mão diplomática, tranquilizadora — os cabelos maus que tanto haviam decepcionado seu pai!

— Obrigada — disse com a voz contida. — Obrigada por Sharon, quero dizer.

— Muito bem — disse Christine num tom que significava: Não falemos mais disso.

— Ah!

A dra. Susane, decepcionada, mas obstinada e curiosa, levantou os braços, com as palmas das mãos para o ar, com um sorrisinho teimoso.

Christine então cedeu:

— Nós não tínhamos essa certidão! — exclamou. — Ralph a encontrou em algum lugar, se esforçou. Disse adeus para a irmã e para as crianças, não os voltará a ver jamais, e se os reencontrar, eles não o reconhecerão e não sentirão nada por ele. Morreram para o amor, para o carinho dele. Ele me perguntou se podíamos lembrar dessa certidão, encontrá-la ou procurá-la ou até fabricar uma, e eu disse que tudo bem, que a gente devia acabar com essa história. Sharon não nos pedirá mais nada. Você vai ver como nos esquecerá completamente agora que não tem mais razão para falar conosco. Conseguiu o que queria e não foi muito legal. Nunca desejo mal a ninguém, por princípio e prudência. Mas essa certidão ridícula não vai lhe trazer nada de bom.

Christine se virou para respirar fundo, pudicamente.

A pele enrugada de sua nuca tremia.

— Essa certidão — disse dra. Susane com suavidade — não estava na cômoda do quarto de vocês?

Christine virou-se de novo.

— De jeito nenhum! Ah, não! Não estava em lugar nenhum, Ralph já sofreu demais, chega. Não digo: Abençoada seja Sharon! Dai graças a nós que amamos o que temos e não procuramos ter o que não nos ama. Abençoado seja Ralph, o corajoso!

Aplaudiu suas próprias palavras com um ar de sarcasmo desesperado. Suas mãos batiam uma na outra, furiosas, barulhentas.

— Mas então — disse dra. Susane — de onde saiu essa certidão?

— De lugar nenhum! — rosnou Christine. — Sharon sonhou, exigiu, e foi recompensada. Eu não a gratificaria com nada além de meu silêncio. Mas Ralph a ama, é a irmãzinha dele, veja, ele conseguiu desenterrar essa certidão maldita. Ela enviou você aqui, Ralph responde, cede, também para que você não tenha vindo por nada, porque a respeita.

Nessa mesma noite a dra. Susane esperava na calçada o táxi que a conduziria ao aeroporto.

A noite acabara de cair, uma noite suave, escura e tépida.

Dra. Susane, com a mala a seus pés, segurava firmemente entre os seios a alça da bolsa que levava a tiracolo.

Da rua deserta, silenciosa, emanava um leve odor de leite azedo.

Um fogo jubiloso queimava alegremente no coração de dra. Susane.

E como estava feliz em voltar para casa, contrariando suas próprias expectativas!

Não viu se aproximar o ataque, mesmo com a rua deserta e o ar imóvel que amplificava qualquer barulhinho.

De repente, estava atrás dela, sem nenhum cheiro, sem fazer nenhum barulho.

Passou os braços em torno dela, tentou jogá-la no chão, ou melhor, como sentiu estranhamente, fazê-la escorregar para o chão de modo que fosse derrubada sem se machucar.

Apertava-lhe os ombros, tentava curvá-la, e o jeito de agarrá-la, firme, seguro, era quase suave, como se, pensou confusa mas rapidamente dra. Susane, não duvidasse de sua submissão, como se não julgasse necessário acrescentar à inevitável inconveniência do assalto a impureza da violência.

Não quero ser derrubada com elegância!

O fogo intenso, selvagem e alegre que queimava no peito de dra.

Susane transformou-se em um braseiro nervoso, alimentado apenas pela fúria.

Ela se debateu, atacou, tentou morder.

Seus dentes tocaram em alguma coisa mole, desconhecida.

Enquanto isso, ele continuava mudo, robusto, quase conciliador, e ela não conseguia adivinhar sua intenção.

A fúria de dra. Susane cresceu.

Agarrou os braços que a seguravam, arranhou a pele nua e fria, talvez tivesse gritado, praguejado e amaldiçoado, não se lembrava mais.

Então, abalado, mas em silêncio, deixou de segurá-la com força.

Com seu pé lançado para trás acertou-o no joelho.

Ele parou de lutar sem, contudo, soltar os braços que a enlaçavam.

Ela o sentia flácido e macio, como se estivesse satisfeito de não ter pegado nada dela.

Dra. Susane disse com raiva:

— É você, Principaux? É assim que você se chama?

Ele ainda a segurava.

Ficou fraca de repente, os braços a sufocavam.

Vergonha e pusilanimidade foram consumidas, mas também temeridade, ousadia, bravura.

— Qual o seu nome? — repetia, exausta. — Principaux? Quem é você para mim?

Ele riu, sem maldade, sem zombar, no entanto.

— E você? — perguntou.

Soltou-a tão subitamente que ela quase caiu, mas se mantivera de pé durante o ataque.

Ele se afastou correndo com passos leves, frívolos.

— Principaux, nunca direi a você quem sou! — gritou dra. Susane.

— Nunca, nunca, está me ouvindo?

O táxi chegou e dra. Susane, na hora de entrar no carro, ainda trêmula, impetuosa e convencida de sua vitória, constatou que não estava mais com a bolsa a tiracolo.

Quando, dias depois, voltou a Bordeaux, o momento que temera aconteceu de forma muito diferente do que imaginara.

Em primeiro lugar, quando confessou a Sharon que haviam roubado sua bolsa e que a certidão de casamento estava lá dentro, Sharon não se mostrou nem espantada nem aflita, então, a própria dra. Susane experimentou uma intensa sensação de *descarrego*.

As duas estavam na cozinha, que Sharon havia iluminado totalmente.

Dra. Susane não conseguia conter o movimento de levar a mão à

testa.

*Você não vê, Sharon, que minha cicatriz praticamente desapareceu?
Sharon, você não reparou de verdade que eu estava ferida, cortada?*

Como ainda fazia frio em Bordeaux!

Os vidros suavam por dentro.

— Como era a pessoa que a agrediu? — perguntou Sharon num tom gentilmente interessado.

Na embaixada, haviam feito essa mesma pergunta para dra. Susane, que só pôde responder, consternada, mas sincera e um pouco incomodada:

— Não sei, não vi seu rosto.

— Um jovem? Um homem mais velho?

— Não saberia dizer.

Deu a mesma resposta a Sharon:

— Não vi seu rosto.

Pareceu-lhe que Sharon não se importara com o fato de o assunto terminar assim.

— Estou desolada — começou dra. Susane.

— Não tem importância — interrompeu Sharon.

— Sim, para seu processo.

— Acho que não, não, não se preocupe.

Sharon olhava para dra. Susane séria e perplexa.

Disse suavemente:

— O Rudy vai livrá-la do meu processo, dona Susane. Ele vai cuidar disso, vai ser mais fácil para a senhora.

— Ah — suspirou dra. Susane, ao mesmo tempo surpresa e tremendamente aliviada.

— Aliás, dona Susane...

— Sharon, me chame de H...

— Aliás, não vou mais trabalhar na sua casa. Não precisa, né? Minha presença aqui?

Então, como sempre fazia, deixou o cômodo bruscamente.

Isso não significava, permitia-se agora pensar dra. Susane, que Sharon a culpasse por alguma coisa, mas simplesmente que, incapaz de compreendê-la quanto aos seus motivos e intenções, e se sentindo constrangida, preferia livrar dra. Susane de sua presença, que poderia parecer desaprovadora.

No dia seguinte de manhã, dra. Susane caminhava a passos largos para

seu escritório quando uma mão delicada segurou seu cotovelo.

Um vento frio soprava na rua.

O trajeto de um lugar a outro não tinha nenhuma cor, só uma tristeza monocromática.

Aquele caminho sinistro, contudo, não podia afetar o ímpeto, quase a euforia de dra. Susane, como podiam os dedos prudentes de Gilles Principaux em seu braço.

— Estava indo mesmo vê-la — disse com uma voz chorosa. — Por onde andou? Fui ao escritório várias vezes e você nunca estava!

— Cá estou eu de volta — disse animada a dra. Susane.

— Estou vendo que parou de mancar, que bom, fico feliz por você. Esforçava-se para sorrir cordialmente.

Seu olhar, porém, continuava ausente e atormentado, indiferente ao ponto em que se concentrava: o rosto de dra. Susane.

Não estava com uma cara boa, o rosto magro demais, o cabelo comprido atrás das orelhas.

Você não me interessa mais e eu não tenho mais medo de você. Você não me interessa mais, não me preocupo mais em saber quem você é para mim. Você agora é apenas o marido de Marlyne, um Gilles Principaux sobre quem só preciso saber o que pode servir para a defesa de sua mulher. Você foi vencido, lutei, triunfei, você não me interessa mais.

Falou sem abrir a boca, por isso Principaux não reagiu.

— Além de não querer me ver mais, Marlyne agora quer se divorciar — disse então.

A borrasca gelada corria seu nariz comprido.

Mesmo tremendo, a dra. Susane não deixava transparecer.

Ele estava ali, na frente dela, Principaux — só ele, o marido de sua cliente.

Força para aceitar esse fato!

Examinava seu rosto, tentando se assegurar de que era mesmo um estranho e de que suas feições não lembravam ninguém.

No escritório, a dra. Susane escreveu para o cliente que queria mudar de sobrenome.

Achava uma menção, num parêntese de um artigo muito velho sobre o comércio de escravizados em Bordeaux, a um personagem cujo sobrenome era parecido com o de seu cliente — duas consoantes e uma vogal eram diferentes, contudo, o que, dra. Susane diria em seu e-mail, dificilmente permitiria supor uma relação autêntica de parentesco entre esse indivíduo e seu cliente.

Mal tinha enviado a mensagem e a resposta veio:

“Procure, doutora, continue procurando, mas, antes de qualquer coisa, obrigado! Já me sinto terrivelmente ligado a esse N... Algumas letras diferentes não mudam nada, você sabe, como eu, que a ortografia dos nomes de uma mesma família mudava antigamente. Obrigado, doutora. Nunca renunciarei à minha fé na culpa de todos os N... desta cidade.”

Em seguida, recebeu a visita de uma mulher de Bazas que, depois de ter dado um tapa na cara de um de seus vizinhos e, por isso, ser denunciada, instou dra. Susane a confirmar sua crença de que não poderia ter agido de forma diferente.

Porque o vizinho, todas as manhãs, e sem nunca recolher os excrementos, deixava seu cachorro, talvez até levasse seu cachorro para, fazer cocô, de propósito, na frente da porta dessa mulher, que enfrentava essa grosseria já havia muitos anos.

— Doutora, não me controlei, é normal, não é? Dei um soco no nariz dele, bem no meio de sua cara feia e arrogante. Meus dedos ainda doem. Mas o que eu podia fazer?

Na tarde de um domingo escuro e frio, dra. Susane estava sentada na cozinha de seus pais, na cadeira de sempre.

Estava ao mesmo tempo comovida e desconcertada, como se um acaso surpreendente a tivesse levado à casa de sua infância e não sua vontade ou seu desejo, a ponto de mal conseguir se lembrar de ter dirigido seu velho Twingo até La Réole — ah, como é sombria e arrogante a cidade velha congelada no inverno!

Rudy e Lila, que tinham chegado antes dela, também instalados cada um em seu lugar de sempre, elogiavam com gulosa impaciência a sra. Susane, esperando que servisse logo a entrada, uma variedade de patês e de salames.

Sra. Susane estava excepcionalmente arrumada, travessa, quase brincalhona.

Usava os brincos de pérolas de seu noivado.

Seu cabelo curto, pouco volumoso, estava recém-tingido, notou a dra. Susane, num tom castanho-avermelhado que não se lembrava nunca de ter visto na mãe, e que, quando a sra. Susane lhe abrira a porta, a surpreendera: quem poderia ser aquela senhora?

A sra. Susane, de repente, levantou as mãos acima da tábua de cortar.

Afastou-as devagar de seu peito, abriu seus dedos, levemente trêmulos, como uma flor.

— Minha filha, estou tão feliz que esteja aqui — disse.

Seus olhos brilhavam.

O sr. Susane, em pé perto dela, apoiou-se com as duas mãos no espaldar de uma cadeira.

Agitado, mordida o lábio inferior enquanto dirigia à dra. Susane olhares que pediam desculpas por demonstrar assim seus sentimentos.

— Estamos todos muito felizes, sim! — exclamou Rudy.

Levantou-se num pulo e enlaçou a sra. Susane.

Então se curvou e jogou seus braços em torno dos ombros da dra. Susane.

— Tudo bem, mãezinha? — sussurrou em seu ouvido.

Era assim que costumava chamá-la, amoroso e provocador, no tempo em que namoravam.

Mas qual não tinha sido a surpresa da dra. Susane quando, entrando na cozinha atrás da mulher de cabelos castanhos, descobrira que Rudy e Lila estavam ali!

Rudy a beijara na boca.

Lila abraçou-a, gemendo de prazer.

— De onde diabos estamos saindo? — perguntou a si mesma dra. Susane, desconcertada.

De que batalha?

Nós vencemos?

Quem somos nós, aqui, uns para os outros?

Quem é Lila para mim?

Uma ferida, um sinal, um destino?

Um Mistério?

Sondava febrilmente o rosto da menina enquanto Rudy, como sempre fizera — porque assim conquistara, gentilmente, de boa-fé e sem precisar ser condescendente, a devoção imorredoura dos Susane —, brincava com os anfitriões.

— Não vai ser graças a vocês que vou recuperar meu corpo de verão — fingia reclamar, farejando comicemente os aromas gordurosos que saíam do forno.

— Você precisa engordar, pobrezinho! — disse o sr. Susane.

— É verdade, você está assustadoramente magro.

Dra. Susane apertou a barriga seca, durinha, atlética de Rudy, tomou a liberdade de levantar seu pulôver para tocar, como fazem as mães ou as sogras amorosas, as esposas ou as companheiras apaixonadas, sua pele suave, inocente.

Nessa pequena cozinha pairava uma alegria casta, pensou surpresa a dra. Susane.

Lila ergueu seu rosto, que não parecia aflito.

Estava aberta e neutra, satisfeita — exageradamente?, se perguntava dra. Susane.

Não se podia notar a lembrança de nenhum suplício, nenhuma perplexidade, nenhum perjúrio em sua expressão aparentemente confiante.

Dra. Susane lhe acariciou o pescoço, atrás das orelhas.

Lila ronronava.

Suas expectativas enigmáticas, seus desejos inescrutáveis, no entanto, não pareciam lhe pedir que passasse dos limites?

E Lila não se acostumara, para não atormentar Rudy, pensou dra. Susane, angustiada, a mostrar sempre uma aparência serena?

Pôs as mãos sobre as faces de Lila.

O rosto da menina estava opaco, mudo, impermeável a qualquer tentativa de compreensão.

A dra. Susane, no entanto, não pensava em estragar o clima caloroso e alegre que a luz branca do lustre de opalina delimitava e enobrecia, a ideia passava tão longe de sua cabeça que nem tentou segurar a mão da sra. Susane, que fazia Lila repetir cada prato: frios, pernil de cordeiro, bolinhos de batata, sorvete.

Por que está entupindo a menina de comida? Não vê que ela está gorda?

Não disse nada, sorridente e, no fim das contas, bastante feliz.

Cada vez que cruzava o olhar de Lila, seus lábios formavam silenciosamente as palavras: Eu voltei.

Do fundo de seu coração solitário, Lila talvez a compreendesse.

Depois do café, quando os Susane levaram Lila ao antigo quarto de sua filha para tirar uma soneca, Rudy puxou sua cadeira para perto de dra. Susane.

Pôs sobre seus ombros um braço leve e delicado, e disse:

— Nós a amamos tanto, você e eu.

Meritíssima juíza, senhoras e senhores membros do júri...

... O que sabemos sobre o que se passou naquela casa e que tristezas, que medos e mágoas, que desgostos, que rancores ela guarda na memória? A casa sabe tudo, não esquece nada. Ela nem sempre se cala sob a tortura de nossas mentes inquisidoras. Vamos fazê-la falar, essa linda casa de Bouscat onde Marlyne, Gilles, e Jason, John e Julia, levaram, supostamente, uma vida tranquila, ordinariamente feliz e banalmente dedicada à perpetuação das amarguras nunca expressas...

... O que se passou naquela casa? Asas imensas a envolveram, trevas caíram sobre ela...

... Gilles Principaux explora o escuro, alimenta sua ideia fixa, trabalha em seu plano: o de cercar Marlyne de solidão...

... De ser a única pessoa adulta próxima a Marlyne...

... Os filhos não contam e seu adorável papai lhes inspira um enorme terror...

... Um deus injusto e furibundo, com decisões imprevisíveis e irrevogáveis...

... Os filhos só têm importância deste ponto de vista: o de criar um vazio ao redor de Marlyne...

... Ela não deve apenas ser sequestrada, mas confinada, presa por livre e espontânea vontade...

... Não, os filhos, para Gilles Principaux, não têm importância. Também não têm importância para a casa cúmplice, a casa que tudo vê e nada denuncia, a casa que não ama ninguém mas escolhe se aliar ao ser mais poderoso do lugar... Sim, as casas são covardes, as paredes não dizem palavra. No entanto, podemos, às vezes, levá-las a testemunhar...

... Quem é então esse Principaux de tantos nomes, esse anjo mau dos lares?

... A casa hoje confessa...

... Sim, senhoras e senhores membros do júri, confessa, a casa que colabora com os crimes, confessa e diz: Eu fui cúmplice desse homem...

... Então quem é ele? Temos a impressão de que agora sabemos, todavia pensamos: e se eu me enganei?



Francesca Mantovani © Gallimard 2021

Marie NDiaye nasceu em 1967 em Pithiviers, na França. Venceu o Goncourt em 2009 com o romance *Três mulheres poderosas* e o Marguerite Yourcenar em 2020 pelo conjunto de sua obra.

La Vengeance m'appartient © Éditions Gallimard, Paris, 2021

Venda proibida em Portugal.

Todos os direitos desta edição reservados à Todavia.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

capa

Elisa v. Randow

obra de capa

Marianne Lepine

preparação

Jane Pessoa

revisão

Érika Nogueira Vieira

Karina Okamoto

versão digital

Antonio Hermida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

NDiaye, Marie (1967-)

A vingança é minha / Marie NDiaye ; tradução Marília Scalzo. — 1. ed. — São Paulo :
Todavia, 2024.

Dados eletrônicos (1 ePub).

Título original: La Vengeance m'appartient

ISBN 978-65-5692-566-0

Acesso eletrônico: 1 arquivo de ePub

1. Literatura francesa. 2. Romance. 3. Ficção contemporânea. 4. Thriller. I. Scalzo, Marília. II.
Título.

CDD 843

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa : Romance 843

Bruna Heller — Bibliotecária — CRB-10/2348

todavia

Rua Luís Anhaia, 44
05433.020 São Paulo SP
T. 55 11. 3094 0500
www.todavialivros.com.br

1. Em francês, Frédérique, com “que” no final, é feminino; e Frédéric, com “c” no final, é masculino. A pronúncia dos dois nomes é praticamente a mesma. [N. T.]

[««]

2. Crozet é uma pequena massa quadrada feita com trigo-sarraceno, típica da região de Savoie. [N. T.]

[««]